

332  
I-BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO RACIONAL

DR. TOULOUSE

Como se deve  
educar o espirito

TRADUCÇÃO DE

CAMPOS LIMA

4.ª edição

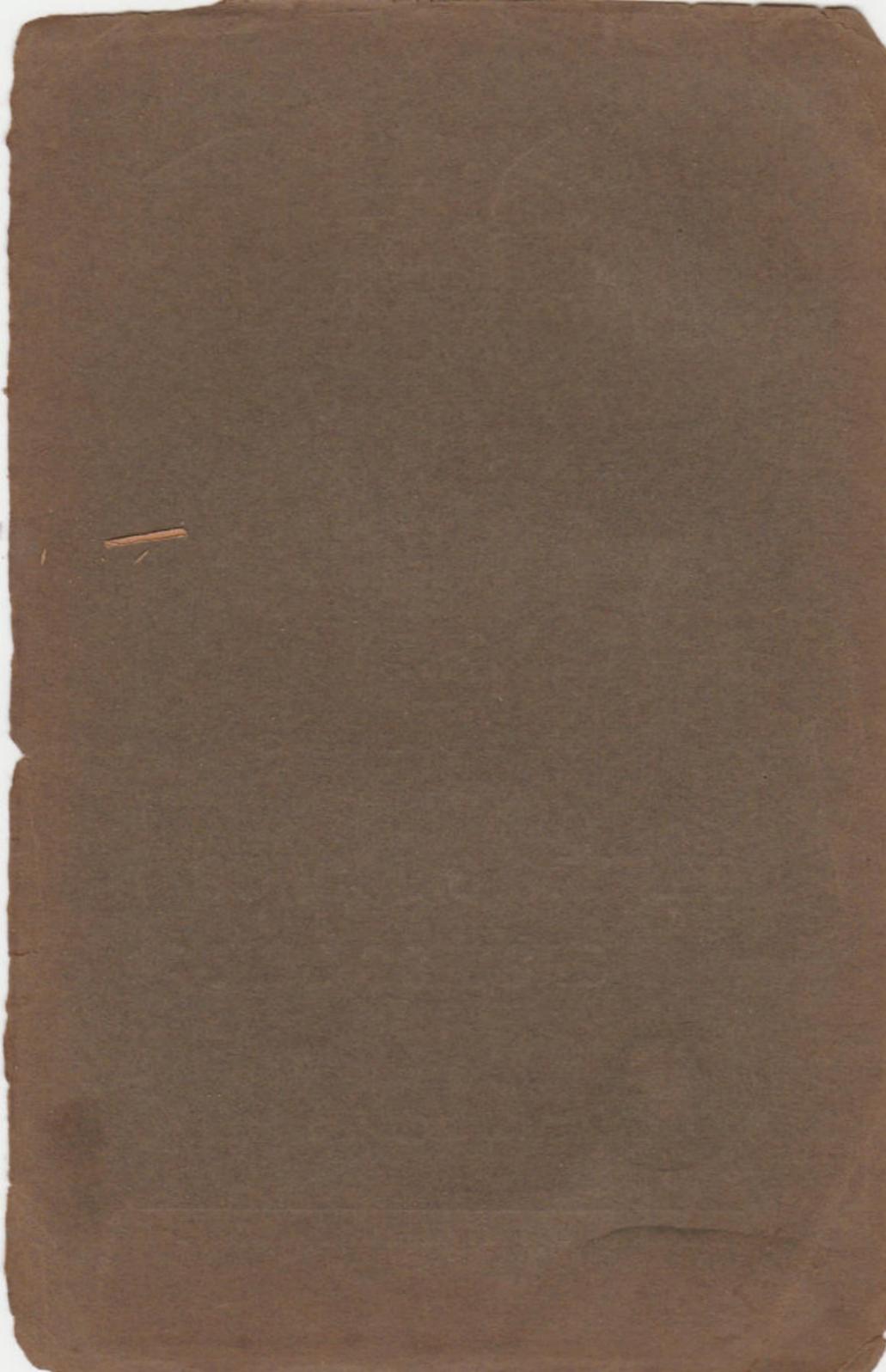


GUIMARÃES & C.ª

EDITORES

68, RUA DO MUNDO, 70

LISBOA



BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO RACIONAL

---

DR. TOULOUSE

---

34.90  
1910/20

# Como se deve educar o espirito

TRADUÇÃO DE

CAMPOS LIMA

---

4.<sup>a</sup> edição



GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

EDITORES

68, RUA DO MUNDO, 70

LISBOA



Digitalizado pela  
Frente Integralista Brasileira  
<http://www.integralismo.org.br/>

Deus - Pátria - Família

## PREFACIO

---

Pediram-me para escrever para os educadores uma serie de dez lições, em que eu resumisse o que a minha experiencia de psychologo e de medico me tem indicado como decisivo na cultura da intelligencia. Essa ideia tentou-me; e escrevi este livro — o qual ampliei com alguns pequenos estudos que podem ser considerados como o desenvolvimento de certos pontos da these principal — para todos aquelles que, sendo professores ou paes, tem essa missão.

Na realidade este livro é para todos, porque todos, mesmo já amadurecidos pela idade, mesmo instruidos e sabedores, tem necessidade de regras de conducta intellectual e moral, para guiarem a sua personalidade — que observa, julga, sente, quer e entra incessantemente em conflito moral com as outras — na actividade mais favoravel á sua felicidade e ao seu maior triumpho social.

Aprende-se hoje, na escola, tudo, excepto pensar e agir. O mais intelligente, o mais douto em qualquer materia não sabe dirigir o seu espirito. E' d'essa arte, que nunca foi methodicamente exposta, que eu tentei esboçar o methodo.

Não pretendi escrever um tratado completo, nem um tratado scientifico, mas um ensaio essencialmente pratico que ensinará a uns e suggerirá a outros o que se deve meditar, que se deve adquirir.

E' possivel que para alguns a minha experiencia de me-

dico se releve demasiadamente em todos os capitulos. Mas eu attribuo a esses conhecimentos um valor fundamental n'este trabalho. E' por isso que eu dou alguns conselhos sobre a conservacão da saude, que me parece ser o fim ultimo de toda a educacão racional. Fi-lo, a proposito de tudo, indicando e defendendo os principios d'uma moral sexual racional—persuadido de que não ha nada peor do que a ignorancia, e tendo a consciencia de que com isso não susceptibilizei ninguem.

Desde o tempo em que eu comecei a expôr com regularidade, em estudos de grande diffusão, os meus processos de examinar os factos sociaes e de solucionar as difficuldades de conducta individual tenho sido frequentemente consultado sobre todos os problemas de moral biologica que dizem respeito tanto ao medico como ao psychologo ; e todas essas perguntas que me foram feitas me inspiraram muitas das notas que recolhi n'este livro.

Procura-se hoje em tudo, para o desenvolvimento da consciencia e do pensamento, um guia que satisfaça o espirito critico. Eu tive a ambição de o procurar na sciencia tirando d'ella um ensaio de moral racional que se baseasse no conhecimento integral da personalidade humana, mental e physica. E' este verdadeiramente o fim essencial d'estas reflexões.

# COMO SE DEVE EDUCAR O ESPIRITO

---

## I

### Comprender ou saber

A educação consiste mais em compreender do que em aprender — A lei do esquecimento — Diferença da intelligencia e do saber — Minimo e qualidade dos conhecimentos necessarios.

O fim da educação escolar é formar o espirito e não, como se crê geralmente, transmittir conhecimentos. E' por isso que antigamente se chamava "Humanidades," ao estudo das litteraturas grega e latina, durante muito tempo depositarias do pensamento especulativo. No collegio onde ellas se ensinavam, os alumnos, vencidas as primeiras difficuldades grammaticaes da lingua, entravam, pelo commercio com os poetas e os philosophos, na intimidade da sociedade antiga. Habitavam-se a comprehender o desenvolvimento das ideias abstractas ou subtis e interessavam-se pelas grandes questões que em todos os tempos tem sido postas pela observação dos phenomenos naturaes. Apprehendiam, pelas efabulações das tragedias e os discursos dos moralistas, os sentimentos que dirigiam os homens na sua vida privada e publica. Tornavam-se homens, enfim, aptos para o pensamento e para uma acção reflectida.

A maior parte dos que recebiam esta educação não a aproveitavam senão para brilharem nos salões e para as intrigas da côrte. Mesmo na guerra, nas trevas das

violencias militares, compraziam-se em trocar uns com os outros ideias subtis e artisticas.

Socialmente esta cultura era esteril, se se entende o progresso como o bem do maior numero pela soluçao equitativa dos primeiros problemas economicos e moraes, mas psychologicamente reflectia-se d'um modo brilhante, pela elevaçao do bom gosto, na produçao das obras de espirito. Todos os pensadores do Antigo Regimen assim foram formados pela sociedade do seu tempo — circulo estreito e seleccionado.

N'este methodo de educaçao, o aperfeiçoamento do espirito era o verdadeiro fim: a grammatica e a rhetorica eram apenas os meios. Assim a orthographia foi durante muito tempo facultativa; e os nossos maiores classicos usavam uma escripta que hoje julgariamos mera phantasia.

As litteraturas antigas eram consideradas como sendo as unicas que tinham um valor educativo, pois que os escriptores modernos em geral eram apenas uns seus imitadores — Racine imitava frequentemente Euripedes, e Boileau Horacio — e iam buscar a essas fontes as suas principaes bellezas. N'esse tempo a philosophia não se distinguia verdadeiramente das letras. E quanto á sciencia, estava ainda muito pouco adeantada para ser aproveitada como ensino pedagogico.

Pouco a pouco se foi realizando uma completa evoluçao, que nos apartou d'esse systema de cultura. Começaram a comprehender-se melhor em França os escriptores estrangeiros menos classicos; isto é, menos inspirados na antiguidade; os espiritos de Shakespeare e de Goethe revelaram aspectos novos, mas verdadeiros tambem e capazes de suggerir uteis meditaçoes. Depois as litteraturas modernas tornaram-se sufficientemente pessoas e sufficientemente ricas para se libertarem das velhas direcçoes e falarem por si proprias, com a vantagem ainda de reflectirem as ideias e os sentimentos actuaes. A philosophia confundiu-se — na sua parte racional — com a sciencia. E foi esta ultima finalmente a

que progrediu vigorosamente e aquella cujo ascendente nos espiritos tende a augmentar sem cessar.

Mas todas estas transformações modificaram o principio fundamental da educação? Não. Continúa a ser a norma formar o espirito e não mobila-lo.

\*  
\*   \*  
\*

O problema deve ser examinado mais profundamente e, como em todas as coisas, deve-se antes de mais nada resolver esta questão tam simples e tantas vezes desprezada quando se investiga a verdade: de que é que se trata? O que se procura obter quando se pretende instruir o espirito?

Não consiste isso em fazer com que o individuo adquira, á força e materialmente, conhecimentos exactos de grammatica, historia, litteratura e mesmo de sciencias. A maior parte d'essas noções não lhe serviriam, e esquecê-las-ia com a maior facilidade.

Em que circumstancia da vida um engenheiro ou um empregado da caixa n'um estabelecimento commercial, precisa de saber as peripecias da Batalha de Marengo? Quando é que o medico ou o industrial precisa de se lembrar do argumento da *Eneida*? Em que occasião é que um architecto ou um caixeiro precisa de se lembrar dos affluentes do Amazonas?

Se se quizesse determinar a utilidade da maior parte das noções escolares, ficar-se-ia estupefacto ao reconhecer que quasi todas sam sensivelmente equivalentes a zéro. E quanto ás outras a lei invencivel da memoria se encarrega de lhes dar em pouco tempo o mesmo valor.

Os organizadores dos programmas escolares dam a impressão de trabalharem para seres abstractos que não tivessem de estar submettidos ás necessidades physiologicas do espirito humano, a primeira das quaes é esquecer. O que fica, pois, de todos os factos precisos

que se aprendem nas aulas? Na realidade muitissimo pouco.

Ultimamente alguns universitarios julgaram ter descoberto isso mesmo, examinando rapazes sahidos da escola primaria cinco ou seis annos antes e cujos cerebros, applicados a um trabalho estrictamente manual, tinham voltado ao primitivo estado de incultura. E entre esses universitarios causou o caso grande admiracão. Ora a verdade é que já ha muito que as escolas adultas manifestavam esse mal luctando contra elle! E esse mal é universal. Os medicos dizem que é preciso aprender a anatomia sete vezes para a conhecer. Mas o que a não pratica constantemente, como o cirurgião, esquece-a depois da setima vez como depois da sexta; e o numero de esquecimentos de que é capaz a memoria sobre um assumpto fóra das preoccupações quotidianas é por assim dizer indefinido.

Se, apoz longos estudos de toda a especie, se fosse fazer o inventario do que fica de noções precisas, seria vergonhoso vêr o que se tinha conservado. O immenso celleiro de ideias construido pelo trabalho torna-se um labyrintho em que muitos lugares ficam vasis e outros conservam imagens deformadas e burlescas. Eu tenho quarenta annos e ha trinta que me entrego aos livros e á observação dos factos, e não poderia de repente — em nenhuma das sciencias que cultivei — dar as respostas que se pedem aos alumnos e que muitas vezes eu proprio dei no meu tempo. E' um facto, e muito geral, que deve ser meditado pelos que organizam e dirigem exames.

Os livros servem, pois, para supprir essa faculdade psychologica tam enganadora que é a memoria. Em todas as profissões ha formularios, annuarios, que refrescam as recordações já apagadas.

Mas para que serve então a educação e para que se instruem as creanças se se retém tam pouco? E' que o fim não é esse, mas outro muito diverso.

Devemos esforçar-nos por desenvolver a intelligencia,

isto é, a faculdade de comprehender e assimilar os factos: investigá-los e sempre que possamos verificá-los, fazer a crítica das ideias e apreciar-lhes a sua relatividade e a sua parte hypothetica, reconhecer os prejuizos e distingui-los dos conhecimentos certos, não nos deixarmos enganar pela influencia da auctoridade nem pela lei do menor esforço — as quaes tendem a impor-nos noções suspeitas — raciocinar com precisão nas coisas da nossa profissão como nas da nossa vida privada, reagir convenientemente ás excitações exteriores, ter iniciativa, combinar os nossos actos com o resultado que de tudo isto obtivermos.

Para attingir esta superioridade é preciso fazer exercicios de gymnastica intellectual, — mas não sam todos egualmente bons. E' preciso não esquecer que os melhores não sam nunca senão meios e não tomar como fins, o que levaria a tomar pelo objecto a sua sombra.

A predisposição para conhecer e não o proprio conhecimento é que nos devemos esforçar por adquirir.

O bom senso popular não se engana com os falsos aspectos da intelligencia. Um homem poderá ser muito instruido, distincto em todas as Faculdades e laureado em concursos superiores, ter mesmo uma cadeira de professor e exercer funcções eminentes, e, com tudo isto não passar d'um cerebro mediocre. O seu creado ou o seu lacao não se embasbacará com os seus titulos; pensará apesar de tudo que o seu patrão não é intelligente e não se enganará nada. Assim se pode explicar o insuccesso de certos sabichões, muito prestigiosos alumnos e que na vida pratica dam homens mediocres.

Na verdade a caracteristica da superioridade seja no que fôr é crear. O commerciante que monta uma casa mais adaptada ás necessidades da clientella realiza uma obra de creação, como o que aperfeiçoa um methodo do ensino e descobre um elemento de educação n'uma installação industrial ou um factio novo no estudo scientifico dos phenomenos. Ha necessariamente uma hierar-

chia n'estes actos; e n'este sentido não sam todos do mesmo valor, mas sam da mesma ordem.

Ora na vida trata-se sobretudo de crear e não de conhecer, o que não é senão um meio. Na vida pratica, cada um de nós tem de arcar com as difficuldades que nascem das relações com a familia, com os estranhos, com chefes ou com subordinados.

A solução d'estes conflictos exige a participação das mesmas faculdades superiores; e o que sabe sahir airoosamente d'um assumpto delicado deve encontrar em si os mesmos recursos de inventiva para resolver um problema de technologia. Esforcemo-nos, pois, mais em ser intelligentes do que sabios.

\*  
\* \* \*

Mas para evitar um excesso contrario, não desprezemos o saber. Deve-se só apreciá-lo com mais exactidão e não nos deixarmos cegar por elle.

Entre os conhecimentos, alguns são necessarios e devem ter-se sempre presentes no espirito. E' evidente, por exemplo, que a ignorancia das leis d'uma sciencia colloca o individuo n'um estado de inferioridade e mesmo de incapacidade para a solução dos problemas que a ella dizem respeito. Sem isso, como poderia um empregado de contabilidade fazer as suas operações, um engenheiro os seus calculos, um architecto os seus orçamentos e planos de construcção? E' sobretudo a sciencia que fornece esse fundo necessario á educação. Mas a grammatica e a rhétorica offerecem outros tambem. Se se não gravarem as regras fundamentais da linguagem, não ha possibilidade de se comunicar correctamente com os outros.

Ha outros factos cuja posse, exacta e presente, não é necessaria. Taes os dados da historia, da geographia, das litteraturas e muitos dos conhecimentos das sciencias naturaes, da technologia e da industria que consti-

uem as "lições de coisas". E' conveniente tê-los estudado para saber a sua existencia e assim os quadros onde os ir buscar em caso de necessidade, Mas não devemos ligar-lhes, como muitos os fazem, erradamente, um valor capital. E' esse um defeito que frequentemente se censura ao ensino primario, que não faz a precisa redução nas diversas ordens de conhecimentos, collocando-os na mesma categoria e dando-lhes um valor absoluto. Vale mais certamente conhecer as peripecias da guerra dos trinta annos do que as regras d'um jogo de azar, mas esse facto historico não tem intellectualmente sobre o outro toda a superioridade que se poderia imaginar.

Na verdade, todas as noções, mesmo a maior parte dos factos precisos ou uteis das sciencias, não teem a força educativa que se lhes suppõe geralmente. E' conveniente saber a relação do raio com a circumferencia para a medir ou as regras do emprego dos adverbios de negação.

Mas o esforço empregado para adquirir todos estes conhecimentos não desenvolve o espirito nas suas aptidões essenciaes. Convém apreciá-los pelo seu valor real.

Para este fim, os mais educativos sam os factos geraes da sciencia. A exposição dos grandes problemas que suggerem os phenomenos, os elementos das soluções com o raciocinio que os condiciona, os proprios erros que o seu estudo provoca sam uma gymnastica intellectual vantajosa para o espirito. Nas sciencias e principalmente nas sciencias de observação, mais complexas e mais proximas da realidade, aprende-se a raciocinar com exactidão, tendo presentes todos os dados, o seu valor particular e a sua significação relativa. Essas sciencias desenvolvem o que se poderia chamar o ponto de vista racional, que é a logica simples e justa, applicada a tudo, igualmente afastada das tendencias do raciocinio sentimental como d'um rigorismo falso.

E' por isso que eu farei d'estas sciencias o fundamento de toda a educação intellectual.

Entende-se, porém, comtudo, que se não devem desprezar os factos concretos, sem os quaes as mais bellas generalidades scientificas não sam mais do que logomachias. Pelo contrario, devem-se vêr directamente, aproximarmo-nos bem d'elles para melhor os interpretarmos. Mas se a especulação fóra do real transforma a intelligencia n'um orgão puramente verbal, a sua observação sem reflexão sufficiente abafa-a e esteriliza-a.

Não porei de parte a litteratura e a arte. Todps nós somos obrigados a contar com o sentimento que dirige os homens e que é fonte das nossas emoções.

Na falta de estudos racionaes, que só se fazem mais tarde, as representações artistieas das nossas paixões sollicitam-nos e deve-se attender a esse facto. Sam relações de phantasia, com uma grande parte de subjectivo que lhe accrescentou o poeta, mas sam observações. A esse titulo as conservo. A parte sentimental deve ser cultivada principalmente no sentido da acção, que está as mais das vezes ligada a motivos cujo sentido é constituido pelas nossas obscuras tendencias e as nossas paixões.

\*  
\* \* \*

N'este capitulo de introduccção tratei apenas de generalidades. Nas paginas seguintes particularizarei os factos, fazendo a applicação e a exposição da disciplina que faz a belleza, a simplicidade e a fecundidade do espirito de investigação no ensino superior. Tentarei mostrar como, segundo a minha opinião, se deve formar o espirito, qual é o methodo necessario para adquirir os factos, como se deve observar e como se deve julgar. O sentimento, a acção, os deveres e alguns problemas especiaes daram pretexto a desenvolvimentos que eu me esforçarei por tornar praticos e precisos.

Este trabalho é penoso e difficil, e para a cultura do espirito dos outros é preciso que o educador se torne

outra vez alumno, pois é a elle mesmo que deve começar a reformar.

N'este sentido, permanecemos toda a nossa vida discipulos, primeiro d'outrem e mais tarde de nós mesmos. Para nos dirigirmos racionalmente na sciencia e na vida, é precisa uma lucta constante contra as nossas tendencias, contra os nossos habitos, contra os nossos prejuizos, que constituem o humus do nosso cerebro. Mas com uma disciplina apropriada attingir-se-ha essa lucidez e esse dominio de si proprio, sem os quaes a vida e a sciencia sam caminhos obscuros que o homem segue ás apalpa-dellas.

## Como se devem adquirir os factos

Factos em primeira mão e factos em segunda mão — O perigo da auctoridade — O sentimento nos sabios — Os conhecimentos não teem valor absoluto — A evolução da verdade — Hypotheses e palavras em vez de factos.

Ponde em presença um do outro dois homens que tenham sobre um certo assumpto os mesmos conhecimentos, mas que tenham sido educados em escolas diversas. Falarám uma linguagem semelhante, exprimirám talvez formulas idênticas. Mas, apesar d'isso, não conseguirám entender-se. Cada um d'elles terá, a respeito da significação dos factos e do seu valor geral, uma opinião sufficientemente distincta para lhe dar um sentido differente.

Tomemos um exemplo da vida corrente. Vós arrendaes uma casa. Sabeis que os arrendamentos devem obedecer a certas condições, enunciar o tempo de duração, o preço, serem feitos em duplicado, datados, registados, etc.. A pessoa encarregada do predio com a qual vós trataes sabe a mesma coisa, mas sabe-a d'outra maneira. Pela sua experiencia dos negocios, pelo conhecimento dos precedentes judicarios, entende que todas essas formalidades não sam equivalentes, que uma torna nulla uma venda, que outra pode dar origem a um processo ou a uma multa, que uma outra ainda poderá conceder

uma certa vantagem ao senhorio ou ao inquilino. Em conclusão, um vê melhor, mais exactamente, de uma maneira mais profunda do que o outro, as coisas que estão contidas nas mesmas palavras. E' que este recebeu essas noções dos livros ou de um meio mal informado — lado do publico — enquanto que aquelle as recebeu directamente das pessoas que criam, adaptam ou applicam esses conhecimentos — lado da scena.

Assim succede com os individuos de educação scientifica differente. O professor da escola primaria poderá saber, tanto como o professor do Museu, os phenomenos da vida no seu aspecto geral, a hereditariedade dos seres vivos, por exemplo. Mas o primeiro terá adquirido, nos seus livros, noções simplificadas e dogmaticas, ao passo que o segundo as aprecia no seu exacto valor, sabendo quanto ha de hypothese em theorias na apparencia as mais firmes, conhece o grau de authenticidade das experiencias que fundamentam certas explicações; porque este ultimo está no recinto reservado onde se vae construindo a sciencia, que é depois cá fóra vulgarizada pelos educadores sob fórmulas rígidas e sem cohesão. Elle proprio conduz alguns elementos para a construcção que se está fazendo, conhece o valor intellectual e o character dos que trabalham n'essa obra collectiva e não se deixa enganar nem pela sua auctoridade nem pela força dos principios que dirigem inconscientemente as mais lucidas especulações. Sabe o *porquê* das coisas.

Da mesma fórmula o grammatico, de accordo com o modesto instructor das regras grammaticas, attribuirá a um verbo a qualidade de transitivo ou de intransitivo. Mas sabe, como o dizem Hatzfeld e Darmesteter, que "sam habitos de lingua e não de pensamento," que fazem ligar por meio de uma proposição o objecto da acção ao verbo. Isto torna-o menos tímido na adaptação de certas formas verbaes á ideia.

O grammatico tambem conhece o que o outro ignora, — o *porquê*. E é por isso que elle será mais seguro

e ousado no seu estylo, sabendo as razões que determinam um tal costume — e o que ellas valem — emfim se nos devemos completamente e em todos os casos conformar com ellas. E' interessante contestar que na discussão apaixonada que provocou a reforma da orthographia, foram os mais instruidos, os philologos, os que se mostraram menos conservadores; e isto explica-se pelas razões que acabo de indicar.

E' para notar que os mais humildes trabalhadores, que vivem nos meios de elevada cultura, recebem tambem a mesma luz que n'esses meios se irradia. O creado do laboratorio, que ajuda o physiologista nas suas experiencias sobre a circulação do sangue, adquirirá, apesar da sua falta de instrução elemental, uma comprehensão geral do *phenomeno* mais concreta, mais directa e mais positiva em muitos aspectos do que o graduado escolar que não pode imaginál-o senão atravez as palavras de um manual, verdades incompletas e imperativas.

Deve-se, pois, procurar attingir — na medida do possível — uma exacta comprehensão dos factos que nos propomos adquirir. Esta disciplina pode ser facilitada por algumas regras.

\* \* \*

*Não attribuaes aos outros uma auctoridade completa* — E' o grande vicio da educação o ser fundada sobre a auctoridade dos mestres. Durante seculos se tem jurado por Aristoteles. Hoje basta que um sabio se destaque um pouco mais para que as suas affirmações não sejam submettidas a novas experiencias.

Ora os erros dos espiritos mais distinctos sam coisa corrente. Um admiravel physico — que toda a gente podia presumir conhecedor dos recentes trabalhos sobre as radiações — julgou descobrir uma nova especie a que chamou os raios N. Durante alguns annos, essas radiações mysteriosas foram estudadas e analyzadas por outros observadores que a auctoridade do seu propaga-

dor tinha convencido. Depois espiritos mais independentes ou que viam mais claro entregaram-se a verificações, dúvidaram e convenceram-se de que nada de positivo provava a existencia d'esses raios extraordinarios.

Nas sciencias naturaes, os erros dos mestres sam mais frequentes que nas sciencias physicas. A contraprova é mais difficil. Effectivamente, difficilmente se pode repetir uma experiencia de physiologia em condições approximada ás d'uma experiencia de chimica, porque as circumstancias não sam tam exactamente determinadas e porque dependem da habilidade e arte do operador, que é o mais importante na descoberta d'um nervo, na disseccão d'um tecido, na captação d'um orgão. Segue-se d'aqui que n'esta ordem os factos sam mais incertos e estam mais completamente submettidos ao principio da auctoridade.

Ha um outro motivo para reforçar a auctoridade dos mestres. Um sabio dispõe d'um poder social de que pode usar á sua vontade. E' professor e como tal membro dos jurys que conferem os graus universitarios ou dam accesso a funcções eminentes. Tem um laboratorio onde pode admitir os discipulos e os collaboradores que lhe convém. E' membro influente d'uma elevada sociedade scientifica e n'esta qualidade dá ou recusa o seu voto a um candidato. Dirige frequentemente revistas, collecções, é consultado para organizações onde se criam lugares vantajosos.

Todas estas considerações extra-scientificas falam ao sentimento dos jovens e criam n'elles tendencias mais ou menos inconscientes para a adopção das ideias emitidas pelos seus poderosos collegas mais velhos. Apoz a morte de um d'estes soberanos do espirito, faz-se a selecção d'essas doutrinas, desaparecendo definitivamente as outras que só serviam o interesse particular dos sobreviventes. Estas mudanças observam-se principalmente em medicina. Em medicina o poder social dos grandes praticos é importantissimo. Depois do desap-

parecimento dos mais illustres, não é raro que os seus discipulos mais ardentes nas suas convicções não acabem por despedaçar todo esse tecido de ideias magnificamente bordadas pela imaginação dos seus mestres.

E' conveniente ter sempre presente que o espirito mais esclarecido é sempre de algum modo accessivel a surdas e más suggestões. E uma vez no erro, teima n'elle sem mesmo procurar raciociná-lo.

Um sabio é, pois, um homem fallivel e parcial como os outros homens. Taes sam as considerações d'ordem psychologica e social que se devem ter sempre presentes ao espirito perante as affirmações pessoases ; é assim com factos concretos que se deve entender o aphorismo antigo : Deve-se venerar Platão, mas mais ainda a verdade.

Certamente que não pode destruir-se a auctoridade sem se abalar a propria sciencia que, nos nossos organismos sociaes, assenta como as religiões sobre este sentimento. Como é que o vulgarizador, o simples professor, pode verificar o que o sabio descobriu ? Não tem em geral para esse trabalho nem os conhecimentos technicos, nem os meios materiaes necessarios. E', pois, obrigado a acreditar, sob pena de não poder expôr a sua lição. E pode com certa razão pensar que, no conjuncto dos factos evidenciados pelos instigadores, o maior numero é verdadeiro. Deve, pois, fazer o seu trabalho com um certo scepticismo relativamente ás pessoas, o que não exclue a confiança na collectividade, porque a logica e a verdade a dirigirá com segurança para o seu fim distante.

\* \* \*

*Não attribuaes aos conhecimentos um valor fixo, absoluto* — Quando se está pouco familiarizado com a sciencia, tem-se a impressão de que ella se compõe de dogmas que coisa alguma pode destruir ou sequer modificar no seu aspecto fundamental. E' uma maneira muito

imperfeita de considerar os phenomenos e as suas interpretações.

Estas ultimas evoluem com o espirito humano. Na experiencia, certas leis não nos apparecem mais exactas senão em certas condições; assim se dá com a lei de Mariotte sobre a compressibilidade dos gazes.

Ha outros factos que se completam por analyzes mais profundas. Acreditou-se durante muito tempo que o ar se não compunha senão de dois gazes, o oxygenio e o azote. Sabe-se ha alguns annos que ha outros elementos o argone principalmente.

Algumas descobertas alteram a significação dos primeiros conceitos. Assim os principios da conservação da energia e da indestructibilidade da materia foram abalados pelo estudo das materias radiantes, como Gustave Le Bon tem procurado demonstrar.

A's vezes parece voltarmos a antigas concepções que já estavam condemnadas. No seculo passado os corpos simples em chimica figuravam como individualidades absolutamente distinctas, e tinha-se um grande desprezo pelos alchimistas da idade média que acreditavam na transmutação dos metaes e na possibilidade de fazer ouro com outros corpos. Hoje, certos chimicos mais ousados não repellem inteiramente essa doutrina secularmente condemnada; parece-lhes admissivel que os diversos corpos simples sejam compostos de elementos identicos agrupados differentemente e susceptiveis de formar, em certas circumstancias, corpos novos.

Nas sciencias dam-se ás vezes profundas revoluções. Antes de Pasteur acreditava-se que podiam nascer vermes, sem antecedentes, da carne já corrupta: era a doutrina da geração espontanea. Esse grande chimico demonstrou que todos os seres provinham de um germen; se a carne dava a impressão de produzir vermes é porque n'ella se encontravam ovulos prestes a desenvolver-se. Estas investigações tiveram como consequencia o impedir-se o desenvolvimento das doenças infectuosas p rovocadas pela transmissão dos germens, fazen-

do-se a devida preservação. Os cirurgiões, por precauções de asepsia, puderam desde então tentar impunemente operações que d'antes eram fataes a quasi todos os pacientes, — tratando de não deixar penetrar o germen pathologico no campo operatorio.

Recentemente, a doutrina corrente a respeito do alcool era que elle constituia um simples veneno. Investigações mais precisas demonstraram que, tendo uma toxidez muito elevada, devia ser considerado como um alimento, porque se comportava physiologicamente como tal.

Além d'isso, a questão da physiologia alimentar está no presente momento atravessando uma grande transformação : e seria de uma grande difficuldade vulgarizar a esse respeito noções simples, tantos sam os problemas inesperados que vêm abalar as doutrinas que mais solidas pareciam.

De tudo isto deve-se ficar com a ideia de que a sciencia é uma interpretação da natureza, que evoluciona sem cessar e que se adapta cada vez mais exactamente a todos os factos que deve conter. O seu fim é certamente uma verdade ao mesmo tempo mais penetrante, mais ampla e mais adequada. Mas os momentos d'essa evolução parecem muito differentes ao observador superficial. E' necessario reconhecê-los como simples paragens para melhor se comprehender o fim e o espirito d'esse grande trabalho.

Procedendo assim, não se é enganado por nenhuma apparencia e vêem-se mais claramente as realidades. Sabe-se que o metro não é exactamente a decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre e pode-se medir aquillo que para isso lhe falta. O metro, que é a base do systema metrico, e cuja originalidade era constituir uma média natural, não é, pois, uma dimensão exacta. Isto não teve repercussão sobre a pratica do systema e não o impedirá de ser adoptado na Inglaterra como o foi na Allemanha. Mas é bom saber isto para apreciar como convém as noções que a nós se impõem. Assim o espirito eleva-se e torna-se mais firme.

\* \* \*

*Devem-se distinguir, nos conhecimentos, as hypotheses e os factos* — Assim, quando se explicam os phenomenos da electricidade, fala-se de corrente de resistencia, etc.. Ora esta linguagem não significa senão uma coisa e é que tudo se passa como se a electricidade fosse um fluido. Mas tal facto se não dá materialmente, e errar-se-ia se se tomassem estas metaphoras faceis como se fossem realidades concretas.

Todas as grandes hypotheses da physica sam meios muito bons para classificar, descrever e até observar os factos. Devem-se a ellas mesmo certas descobertas. Por todos estes motivos sam excellentes. Mas convém saber o que ellas representam na realidade.

Mas em todas as sciencias ha ainda hypotheses mais significantes, que são apenas explicações provisórias e muitas vezes simples prejuizos, — e n'esse caso muito perigosas porque tendem a impedir a manifestação da verdade. Sabe-se em biologia que os filhos herdám dos paes os seus caracteres geraes. Quando um filho posue as mesmas qualidades profissionaes do pae, conclue se d'ahi que sam nelle hereditarias e dispensamos de investigar como a educação, e em que percentagem, teria contribuido para esta semelhança de aptidões. Nos nossos raciocinios correntes, a hypothese mistura-se com a verdade, como a hera envolve a arvore e por fórma a não se poderem distinguir uma da outra.

\* \* \*

Finalmente, *evitar tomar uma palavra por uma coisa* — Vê-se, com Molière, que a "virtude soporifera," do opio é uma simples trapaça. E comtudo as explicações d'esta propriedade do opio encontram-se ás centenas nos maus compendios scientificos. Está-se tam pouco habituado a fazer a critica dos textos e das ideias, que muitos espi-

ritos esclarecidos se deixam enganar por essas phantasmagorias verbaes.

\* \* \*

Não julgo que dei todos os conselhos necessarios — mas apenas os principaes, — para mostrar como nos devemos comportar na aquisição dos conhecimentos, a prudencia e a technica que se devem usar. O pensamento metaphysico, que vae além da experiencia e leva a especulações insolúveis só pela razão, precisa do maior desenvolvimento, que se fará mais tarde; mas julgo ter já despertado sufficientemente a attenção sobre este problema primordial da cultura intellectual.

Esta disciplina da educação não é só susceptivel de fazer cerebros mais aptos para receberem as verdades de ordem scientifica; o seu fim é mais geral e maior e ao mesmo tempo eminentemente pratico.

Um homem formado por este processo está mais habilitado a bem comportar-se e dirigir-se na vida. No seu emprego, no seu commercio, como na sua actividade politica, adaptar-se-ha menos ao principio da auctoridade que faz dos cidadãos creaturas rotineiras e submettidas aos outros.

## Como se deve observar

Não se sabe observar porque não aprende a fazê-lo —  
Deve-se vêr por si proprio — Maneira de adquirir esse  
habito — Observação e memoria — Os quadros da ob-  
servação — Educação da attenção

A maior parte dos homens atravessam a vida sem  
vêr nada do que se passa em volta d'elles. São teste-  
munhas dos mais curiosos phenomenos da natureza ou  
da sociedade e não reagem mais do que simples automa-  
tos perante estes espectaculos.

Os jardins estão plantados de arvores de essencias  
variadas; e depois de ahí terem durante largo tempo  
descançado, a maior parte dos passeantes não notaram  
quaes as especies vegetaes que os abrigaram enquanto  
elles deixavam correr o pensamento pelos mundos da  
phantasia. As ruas da cidade enchem-se de movimento  
e de ruido, e elles não reparam na particularidade de  
todos esses gestos, quando afinal tanta necessidade ti-  
nham de os interpretar para regularem a sua propria  
conducta pessoal.

A consequencia d'esta inercia de observação é ficarem  
os homens apenas creanças grandes no que respeita á  
apreciação pessoal. Conduzem assim os outros á vontade,  
impondo-lhes as creanças mais irracionaes. Na vida  
pratica, ficam completamente désarmados perante os in-

truções que os burlam. O symbolo d'este estado de passividade encontra-se — um pouco exaggerado, mas exacto nas particularidades — no chamado "roubo á americana". Um ingenuo é procurado por um desconhecido que lhe confia uma carteira, dizendo-lhe que está cheia de notas do banco, mas na realidade cheia de jornaes velhos, e pede-lhe a titulo de garantia a sua carteira. Se este credulo abrisse logo a carteira do outro para verificar o que elle lhe dizia, teria logo dado pelo logro.

Tudo isto porque se não ensina aos rapazes a observar. Muito pelo contrario dispensam-nos d'esse esforço e procuram até d'elle os tornarem incapazes.

\* \* \*

O ensino actual consiste em dar aos espiritos alimentos intellectuaes já mastigados. O esforço de digestão, que é o mais util para a formação mental, é muitissimas vezes reduzido a coisa nenhuma.

Contentam-se em afirmar as verdades e — relativamente aos factos que as informam — descrevem-nas por alto, com palavras. Assim indica-se aos alumnos como se faz o pão. Livros profusamente illustrados, quadros parietaes dam mesmo, sobre esta operação fundamental da nossa vida alimentar, imagens mais ou menos approximadas. Mas qual seria o professor que desceria da sua cadeira e diria : Meus meninos, vamos ao padeiro defronte pedir-lhe para que nos mostre a sua masseira e o seu forno ! Não julgaes que na verdade este seria um bom exemplo de observação e uma excellente disciplina a impôr a cerebros ainda novos ? Fóra d'este processo corre-se o risco de não transmittir senão noções puramente verbaes. Assim é o linceado em sciencias, que é capaz de dissertar sabiamente sobre as solaneas e que, atravessando um campo de batatas, vae tocar-lhes as ramadas para reconhecer as folhas.

trujões que os burlam. O symbolo d'este estado de passividade encontra-se — um pouco exaggerado, mas exacto nas particularidades — no chamado "roubo á americana". Um ingenuo é procurado por um desconhecido que lhe confia uma carteira, dizendo-lhe que está cheia de notas do banco, mas na realidade cheia de jornaes velhos, e pede-lhe a titulo de garantia a sua carteira. Se este credulo abrisse logo a carteira do outro para verificar o que elle lhe dizia, teria logo dado pelo logro.

Tudo isto porque se não ensina aos rapazes a observar. Muito pelo contrario dispensam-nos d'esse esforço e procuram até d'elle os tornarem incapazes.

\* \* \*

O ensino actual consiste em dar aos espiritos alimentos intellectuaes já mastigados. O esforço de digestão, que é o mais util para a formação mental, é muitissimas vezes reduzido a coisa nenhuma.

Contentam-se em affirmar as verdades e — relativamente aos factos que as informam — descrevem-nas por alto, com palavras. Assim indica-se aos alumnos como se faz o pão. Livros profusamente illustrados, quadros parietaes dam mesmo, sobre esta operação fundamental da nossa vida alimentar, imagens mais ou menos approximadas. Mas qual seria o professor que desceria da sua cadeira e diria : Meus meninos, vamos ao padeiro defronte pedir-lhe para que nos mostre a sua masseira e o seu forno ! Não julgaes que na verdade este seria um bom exemplo de observação e uma excellente disciplina a impôr a cerebros ainda novos ? Fóra d'este processo corre-se o risco de não transmittir senão noções puramente verbaes. Assim é o linceado em sciencias, que é capaz de dissertar sabiamente sobre as solaneas e que, atravessando um campo de batatas, vae tocar-lhes as ramadas para reconhecer as folhas.

E note-se que este systema é applicavel mais ou menos completamente a todas as materias. Relativamente á physica, por exemplo, Laisant mostrou que se poderia materializá-la aos olhos dos menos cultos, torná-la experimental nos processos mais simples: Um balde cheio de agua pendurado n'um pau expõe as propriedades do centro de gravidade e as da alavanca; pela mistura do vinho, da agua, do azeite, mostra-se o equilibrio dos liquidos sobrepostos; a capillaridade manifesta-se por meio d'um phosphoro; com moedas podem-se produzir meniscos liquidos. Assim phosphoros, um espelho, uma lampada de alcool, agua n'um frasco, bilhas de agatha, cortiça, papel e outros objectos insignificantes constituiriam o material d'um laboratorio que seria o sufficiente para verificar muitos dos principios fundamentaes da optica, da hydrostatica, da cinematica, etc..

O mesmo processo pode servir para as sciencias mathematicas. Em arithmetica, em geometria e em mechanica, este methodo de experimentação familiar é applicavel ao ensino das primeiras noções.

E', pois, possivel observar as mais das vezes por si mesmo; e isto é necessario para temperar o espirito. Vejamos como se pode e deve adquirir esse habito.

Um aphorismo psychologico diz que se não vê senão o que se sabe. Por isso deve-se entender que não attingimos os objectos senão atravez os nossos conhecimentos.

Se, fechando os olhos, eu toco uma caneta, tenho d'esse objecto impressões tacteis que despertam recordações de impressões de outras canetas, de outros corpos cylindricos, de madeira, de meta<sup>l</sup>, de vidro. Todas estas impressões, as actuaes e as antigas, se misturam, luctam entre si; e de todos estes elementos predominam os actuaes. A imagem do objecto novo destaca-se no fundo sensorial; e em muitos sentidos encontra-se deformada por todas as outras imagens que a sensação presente provocou. Em resumo, não se percebe nunca

transparente ? E' homogéneo ? E' talhado ou moldado ? A superficie é polida ? Os angulos sam embotados ? Como é que a tampa está ligada ao resto ? A armadura é em metal ? O vidro que contém a tinta é movel ? Que capacidade tem ? Como está collocado ? Quando a tinta transborda onde se accumula ? Qual é o aspecto geral d'este tinteiro sob o ponto de vista artistico ? As suas linhas sam apenas geometricas ou imitam um estylo de mobiliario ? Teem a rigidez do Imperio, as linhas curvas de Luiz XV ? Recorda um objecto natural : um animal, um fructo ; ou um objecto familiar, um vaso ?

Ahi temos nós um exercicio de observação, que se pode reproduzir facilmente com todas as especies de objectos, ainda os mais complicados, uma planta, um homem, uma obra de arte.

Devemos ter estes quadros d'observações, especies de questionarios mentaes que guiam o esforço descriptivo. Trata-se d'um corpo solido ? Apreciemos-lhe o volume, as superficies, a côr, os angulos, as saliencias, as reentrancias, a natureza do corpo.

Observamos um individuo ? Analysemos-lo primeiro anatomicamente : estatura, peso provavel, corpulencia, côr e aspecto da pelle, abundancia e aspecto dos cabellos e da barba, etc.. Depois observemos a sua physionomia, a maneira como elle se comporta. Os seus movimentos sam bruscos ou naturaes ? Como estende a mão ? Como é o seu modo de andar ? Fala lentamente ou depressa, claro ou confuso, alto ou baixo ? Pelo seu jogo physionomico e a sua linguagem poderemos ainda induzir alguma coisa sobre o seu character e a sua intelligencia.

O mais importante é saber as categorias dos factos. Assim o chimico examinando um corpo, estuda e nota a sua côr, o odôr, o grau de fusão, o grau de ebullicão, a densidade, a solubibilidade, as reacções.

Cada sciencia, cada profissão tem o seu questionario. Sam quadros que é preciso ter no espirito para os encher com as realidades.

E' bom empregar todos os sentidos. Em geral só a visão serve na observação methodica. Mas é preciso empregar tambem o ouvido. Para isso tem a musica um grande papel educativo. Habitando o ouvido a notar a differença entre os intervallos, a conhecer os rythmos e os desenvolvimentos melodicos, tornamo-lo apto a analysar a palavra e todos os ruidos dos objectos que caracterizam os seres e as coisas.

O tacto é d'uma utilidade intellectual muito menor. Comtudo, em algumas profissões, em que se requer uma maior delicadeza manual, é um esplendido elemento de informação que não pode ser substituido por nada melhor, como por exemplo para apreciar a qualidade dos estofos, dos metaes, das madeiras, do bem acabado de certos trabalhos.

Não se devem conservar os outros sentidos, como se faz geralmente, n'um estado de incultura completa. O olfacto e o gosto sam um elemento preponderante de defeza na vossa vida vegetativa. A apreciação dos gazes pode revelar productos toxicos, emanados de caloriferos ou de apparatus de illumination e preservar-nos de intoxicações graves. Da mesma maneira o gosto, que nos elucida sobre todos os corpos que absorvemos com demasiada confiança.

Os sentidos deverão ser assim contraprovados uns pelos outros, sempre que isso seja possivel. A observação deve tambem proceder analyticamente para perceber melhor as particularidades dos objectos e syntheticamente combinando-os por meio de uma interpretação de conjuncto. E' conveniente não dissociar na pratica estes dois processos, que, separados, nos levariam a apreciações incompletas e falsas.

Mas ser methodico e não esquecer coisa nenhuma não é ainda tudo. E' preciso crear o habito de vêr depressa. Sem uma certa rapidez de observação, não se pode obter, dos factos que se não desenrolam com a lentidão que seria precisa, uma informação sufficiente. Em muitas circumstancias, por exemplo n'um perigo immi-

nente, a percepção rapida d'um factio pode suggerir uma reacção salvadora.

E' sempre util vêr muitas coisas n'um instante. Robert Hondin, o celebre prestidigitador, conta nas suas memorias que, para desenvolver esta faculdade preciosa na pratica da sua arte, se excitára methodicamente a recolher ao mesmo tempo muitas impressões de objectos differentes. Para isso, olhava durante um momento uma estante de uma loja commercial e procurava vêr e recordar depois o maior numero de imagens. E' fóra de duvida que a educação pode fazer augmentar extraordinariamente aptidões mesmo insignificantes.

\* \* \*

Até aqui não se trata senão da observação elemental. Levada mais longe, torna-se o espirito de investigação, indispensavel em sciencia como em toda a actividade professional. Se se quer innovar, nos trabalhos mais humildes como nos mais difficeis, se se tem o desejo de interpretar bem o trabalho que se está fazendo e dominá-lo é necessario realizar uma observação cada vez mais penetrante e exacta.

O principio d'este methodo é a observação directa e pessoal. Nada é comparavel, em fecundidade e exactidão, a este processo, e é uma grande inferioridade n'uma sciencia quando não pode submeter-se a esta disciplina. E' assim que a historia é e será sempre por esse motivo uma sciencia conjectural, cheia de incertezas e de perigos.

A chimica, a physica, a physiologia, e muito recentemente a psychologia, não tiveram uma base solida de investigação e não progrediram senão quando os que a cultivavam lhes applicaram estes processos.

Existe n'este momento uma forte corrente para os estudos sociologicos. N'isto o perigo está no trabalho de gabinete d'aquelles que, não sahindo nunca de casa senão em curtas excursões de ferias, se propõem por exemplo interpretar e explicar as fórmias do casamento em

certos povos primitivos. Taes investigadores não podem realizar o seu estudo senão compulsando os relatos dos viajantes, por vezes ignorantes, superficiaes e mesmo mentirosos.

Nada de observações em segunda mão, pelo menos tanto quanto seja possível. E' preciso ir vêr o phenomeno que se pretende descrever ou explicar. Pode parecer singular a profanos que se dêem estes conselhos que sam do proprio senso commum. E comtudo sam necessários, pois, que muitas sciencias se não collocaram ainda no terreno da observação directa. Mostrei já no meu inquerito sobre as relações do genio com a nevropathia que este methodo era applicavel aos homens de genio, que se devem examinar, como faz na sua clinica o medico que estuda os seus doentes.

Ha muitas outras sciencias que teem tirado bons resultados d'esta tactica. Assim a phonetica tornou-se uma sciencia de laboratorio, e por aparelhos apropriados pode-se já hoje determinar como se pronunciam as palavras, que parte toma na sua emissão cada um dos orgãos da palavra, e por conseguinte como se fórma e se transforma uma lingua cuja grammatica e etymologia adquirem assim bases physiologicas para explicações directas e mais profundas.

Agindo assim, vae-se adquirindo pouco a pouco o habito de verificar tudo por si proprio, desde que seja praticamente possível, e adquire-se uma mais clara concepção da vida. Assim vós entraes n'uma casa nova e interrogaes o porteiro sobre a sua salubridade, o grau de humidade, de calor. Dam-vos todas as explicações que desejaes. Mas essas indicações não têem senão o valor de observações pessoaes. Tratae de tomar vós mesmos algumas medidas para determinar o volume do ar dos diferentes aposentos, a temperatura, o grau hygrometrico, mesmo a viciação da atmospherá pelo oxydo de carbone. Medi, verificae, e descobrireis muitas coisas, algumas das quaes servirão para manterdes a vossa saude.

N'um d'estes ultimos dias, um dos meus amigos,

muito sensível ao frio, visitava uma casa que está para habitar e que em geral costuma ser aquecida. Ha lá por isso varios fogões. Visto que esses fogões estavam accesos e que sentia passar o ar quente, concluiu d'ahi que a atmospherá *devia* attingir os 16 ou 18 graus da temperatura promettida. Tirou o seu sobretudo para mais á sua vontade começar a dar as suas ordens aos operarios. O raciocinio e por consequencia o seu acto eram pouco logicos. *Devia* fazer calor; mas de facto não havia mais de 14 graus, porque os fogões estavam accesos apenas havia instantes; e o meu amigo apañhou umã grippe.

E' apenas um exemplo tomado da vida familiar. Mas deve-se vêr mais fundo e mais longe. A maior parte dos homens não observam por si proprios; contentam-se em acreditar o que se lhes affirma e o que deve ser. E' assim que os espiritos estam cheios de noções falsas, que pesam sobre o seu trabalho pessoal e é por isso que a solução mais exacta e mais util ao progresso da sciencia estará durante muito tempo em atrazo. Essas noções envolvem as nossas reflexões com verdadeiras nuvens de erro que as encerram e as não deixam desenvolver senão sob a fórma contrafeita de prejuizos.

## Como se deve julgar

Pode aprender-se a julgar como se pode aprender a vêr  
— Mas ninguem procura encaminhar neste sentido o espirito dos novos — Os conhecimentos theoricos applicam-se mal á vida pratica — Pouco valor da maneira de julgar por profissionaes em coisas extranhas ao seu mistêr  
— As preversões da logica pelo sentimento — O espirito mystico e o espirito racional — A ideia religiosa — Importancia da formação racional do espirito.

O homem aprende a julgar como aprende a vêr. Mas é elle quem se vê obrigado a realisar esta educação. Ensina-se-lhe a andar, a falar, a resolver um calculo mathematico. Quanto ao resto, — a arte de applicar o espirito em raciocinar sobre as coisas — elle que se desenvencilhe d'isso como poder! Ninguem mais tratará d'isso.

E o caso é que a maior parte desenvencilham-se tam mal da difficuldade, que chegam a idade adulta, cheios de musculos, a abarrotar de conhecimentos, mas incapazes do mais insignificante esforço mental.

Como se poderia obter uma coisa differente? Ensinou-se-lhes a applicar em grammatica, em calculo, em physica, regras precisas, mas d'uma maneira de certo modo automatica, embora elles, capazes de raciocinar

com exactidão em casos semelhantes aos d'estas regras, estejam em circumstancias um tanto differentes. Assim, a dona da casa, que outrora resolvia sem difficuldade arithmetica todos os problemas das torneiras e do esvasiamento dos liquidos, apresentados sob as fórmulas escolares — facticias, — não sabe em sua casa regular o consumo do gaz ou do petroleo, segundo a producção e o preço dos diversos systemas de illuminação e as necessidades da casa.

Pode suppôr-se que o profissional applicará na sua pratica de todos os dias, alguns raciocínios para resolver as difficuldades do seu mistér. Mas é apenas uma illusão isto. Desviae-o da rotina e vê-lo-heis d'uma assombrosa inferioridade em logica.

Eu vejo em torno de mim homens distinctos pelos seus conhecimentos, illustres pela perseverança do esforço e pelo genio creador, terem uma grande falta de raciocínio na apreciação de factos que não sejam os das suas preoccupações habituaes. Apresentam-se assim como insignificantes críticos das coisas da vida social, dos phenomenos economicos, da arte; raciocinam com espirito preconcebido, cheios de prejuizos, sem elevação, nem comprehensão de ideias. Parece que o seu espirito, firme nas suas occupações habituaes, muda inteiramente, como se o fiel da balança, orientando-se n'uma direcção differente, sahisse bruscamente dos seus pontos de apoio.

Taes sam igualmente esses amadores que, d'um longo exercicio no seu club, chegam a ser muito habeis no jogo das damas, e que, perseguidos pelas manobras d'um burlão de força mediana, não sabem defender o seu dinheiro e o perdem até ao ultimo ceutil em armadilhas grosseiras.

A arte da vida é d'uma complicação differente da d'um jogo ou mesmo d'um problema artificial de arithmetica. Ora o educador julga dever aprender menos a raciocinar do que a reter noções e applicá-las quasi mecanicamente nas materias d'ordem escolar. Como

poderá elle formar os espiritos novos para os movimentos complicados da actividade social? Na verdade seria grande a difficuldade, pois que elle proprio é em geral pouco douto n'essa materia.

Mas não se deve suppôr que, mesmo na pratica profissional, mesmo no exercicio da sciencia, o raciocinio da maior parte dos que a ella se entregam, é sempre bom. A maior parte, pelo contrario, sam até manifestamente insufficientes. Não tiram dos factos as conclusões legítimas, não descobrem as soluções praticas convenientes, perdem-se em theorias mysteriosas, que complicam os problemas em vez de os esclarecerem. A minha firme convicção sobre este ponto é que o raciocinio está mediocrementemente desenvolvido em todos os meios, em prejuizo da marcha das ideias exactas.

Sam duas as causas principaes da fraqueza de raciocinio: a falta de exercicio, que é o que habitua os individuos a tirar uma conclusão exacta das premisas, e mais geralmente as alterações produzidas pelo sentimento. Ver-se-ha como este ultimo é perturbador e que formas imprevistas adopta. Desde que intervem com uma certa intensidade cria um modo de raciocinar especial, que Ribot, com muita felicidade, denominou "logica do sentimento", e que não é senão a parodia, a caricatura da verdadeira, da logica racional.

Toda a gente sabe que o amor e o odio nos disfarçam e deturpam a verdade das coisas. Molière disse-o em verso que ainda andam na memoria de todos. A paixão transfigura tudo; e para o amante os defeitos mais constantes da mulher tornam-se qualidades apreciaveis. Se observa factos em que intervem a sua inclinação, fá-lo-ha com uma parcialidade que se nota logo. E' um facto muito conhecido em que não merece a pena insistir.

A sympathy, que é uma fórmula geral d'este mesmo sentimento, tem as mesmas consequencias. E' por isso que nos negocios se procura conquistar o coração da pessoa com quem se tem de tratar, para captar o seu

modo de pensar e torná-lo favoravel ao fim que se tem em vista. A grande força dos mais habéis larapios está na sua aptidão em dispôr em seu favor as victimas que escolhem. Geralmente sam de figura e voz agradaveis, de maneiras attrahentes. Chegam a vencer, só pela sua presença, a desconfiança que as suas traficancias inspi-ram.

Um dos meus amigos tinha sido já numerosas vezes enganado por um d'esses aventureiros. Como eu me admirasse de que elle, já prevenido, se deixasse enganar de novo, analysou-se a si mesmo d'esta fórma: "Quando vejo e falo com esse diabo, pelo qual eu tenho talvez uma secreta inclinação, sinto que raciocino differentemente: um outro espirito diverso do meu aprecia e julga, — sempre favoravelmente ao seductor explorador».

Da mesma fórma o odio e a antipathia nos tornam parciaes. Póde á vontade aquelle de que nós não gostamos desfazer-se em boas acções e em iniciativas felizes, que em nós haverá sempre a tendencia para desvirtuar os seus actos e amesquinhar a sua personalidade. Nos exames e nos concursos os juizes deixam-se muitas vezes inconscientemente indisipôr contra o examinando ou concorrente cuja figura seja antipathica.

O orgulho, tam frequente nas pessoas que começam a gosar uma certa situação preponderante, é a maior parte das vezes o seu lado fraco. E' por esse lado que os mal-intencionados os procuram vencer, perturbando-lhes o claro raciocinio. No commercio exige-se esse principio, lisongeando escandalosamente os clientes. O director de grandes armazens, que possui muitas centenas de milhares de francos, encherá a sua cliente — por vezés uma simples mulher d'um empregado com um ordenado de 1:500 francos — das amabilidades mais respeitosas. O chefe d'uma secção n'um grande estabelecimento, esplendidamente retribuido e vaidoso em sua casa, ao deixar o seu logar, passará humilde e de chapéu na mão deante d'uma mulhersinha que se acercou

do balcão para comprar um carrinho de linha. E todas estas manigancias teem por fim exercer uma certa influencia nas deliberações dos compradores.

Sabe-se que o medo e a apprehensão impedem as pessoas de vêr as soluções mais justas e apropriadas.

As pessoas mais interessadas julgam muitas vezes pessimamente os seus proprios negocios. E é por isso que é bom ter um conselheiro, pedir a um medico, a um notario, a um engenheiro, a um simples amigo, a qualquer outra pessoa, emfim, uma opinião sobre a questão que mais directamente nos interessa e a respeito da qual, comtudo, nós mesmos poderíamos ter uma impressão clara. Em regra, um medico não trata os seus parentes mais proximos.

O espirito de classe, pelos seus prejuizos, a sua vaidade e as suas antipathias, origina os actos mais illogicos. Ha um certo interesse, quando por elle se está influenciado, em acceitar uns juizos de preferencia a outros e chega-se a formulá-los com um desconhecimento absoluto da sua parcialidade. Temos um exemplo frisante d'esta attitude mental na politica, que é um espirito de partido, de agrupamento social e que adultéra todos os raciocinios em que intervem.

Todos estes factos se têm observado frequentemente. De resto, a propria lei prevê a paixão e o interesse como elemento de perturbação no depoimento d'uma testemunha. E' tambem em virtude de as mulheres serem geralmente muito accessiveis aos sentimentos que muitos homens hesitam em conceder-lhes o direito do suffragio politico.

\* \* \*

A maior parte d'estas causas de illogismo estam mais ou menos fortemente ligadas ao caracter emocional do individuo. E' elle uma causa que, tendo raizes no sentimento, reveste uma fôrma mais intellectual e se torna assim mais perigosa.

E' o principal obstaculo ao progresso mental d'uma

pessoa e d'uma sociedade, impede de vêr as soluções mais acertadas nos problemas scientificos e as soluções mais equitativas nos conflictos sociaes. Atraza ainda o emprego dos meios mais proprios para garantir o desenvolvimento completo e a felicidade de cada individuo. Deve-se chamar "espirito mystico," essa tendencia que pretende conhecer por outros processos diversos dos processos positivos da intelligencia.

Quando o homem de sciencia, ao procurar explicar os phenomenos cujas razões profundas não comprehende, recorre ás causas finaes, dispensando-se de investigar as causas accessiveis á sua intelligencia e a sua contra-prova e experimentação racional, podemos dizer que elle se deixa dominar por uma preocupação mystica. Assim se dá com o physiologista que se detenha na ideia de que o leite sóbe até aos seios das parturientes para servir de alimento ao filho, sem determinar as condições physicas que provocam esse phenomeno de secreção. Da mesma fórma o individuo que, na sua carreira, explicar os seus proprios dissabores e o successo dos seus camaradas por um simples acaso da sorte, em vez de examinar se os resultados differentes não serão justificados por aptidões e qualidades diversas, por iniciativas felizes ou empreendimentos realizados em más condições.

E' conveniente determo-nos n'este ponto central da formação logica d'um espirito. A origem da tendencia mystica perde-se na noite da ignorancia primitiva da humanidade. E' a primeira attitude do homem grosseiro. O trovão, a tempestade, o sol, provém de forças imaginadas segundo o modelo homem, de espiritos de deuzes que sopram o vento, espalham a chuva ou lançam o raio. Só depois de se ter intellectualizado é que o homem diz: "Ponhamos de parte a investigação da causa primeira, muitissimo affastada de nós, e estudemos positivamente os phenomenos que se apresentam aos ncssos sentidos. Observemos como a luz solar se reflecte, se refracta, se resolve em côres simples e se re

compõem, actuando sobre os animaes, sobre as plantas e sobre os corpos da materia inerte, e teremos realizado assim um bom trabalho. O resto é o que ha de mais ephemero.»

Conclue-se bem como a ideia religiosa foi a primeira fórma d'este espirito mystico e como ella se torna o ultimo aspecto nas nossas sociedades positivas. Digamos ainda, — porque é preciso declará-lo e é este o momento proprio, — que este conceito, seja qual fôr a fórma sob que se apresente, deve estar fóra da logica racional. A religião tem por objecto factos que escapam ao nosso exame positivo, interdiz mesmo ordinariamente o uso dos meios de livre exame; tem vistas, fins, um conjuncto de pensamentos de que não podemos averiguar e contraprovar as origens nem a filiação e que se ligam a um mundo que apparece como chimerico ao homem de sciencia.

Eu sei perfeitamente que grandes espiritos teem sido religiosos. Pasteur, principalmente, que tinha um methodo tão rigoroso nas suas investigações scientificas. Isto prova unicamente — eu o disse já acima — que o espirito humano pode desdobrar-se, ser logico na especulação professional e mostrar-se mystico sob outro aspecto.

A religião é uma unica que se pode submeter á logica racional: ha tambem a arte, toda de impressão, intuitiva, pessoal. Mas a arte não nos embaraça a disciplina da actividade scientifica; tem um objecto definido, que é reproduzir, por meios agradaveis, os factos naturaes e sociaes que nos interessam. Se se tirassem á religião as explicações geraes sobre os phenomenos que pertencerão hoje ou amanhã á investigação positiva, não lhe ficariam senão construcções do mundo incognoscivel; e d'essa fórma a sua actividade seria a d'uma arte, cheia de encanto para os espiritos e inofensiva, desde que se lhes não ligasse maior valor positivo do que ás ficções litterarias.

Qual das religiões, porém, acceitaria este papel que

lhes é logicamente vedado? Poderiam assim todas incluir-se na moral, desde que não tivessem nenhum imperativo mystico. Assim se mostraria o desaccordo que ha entre a pretensão da religião e o que ella pode conceder ao espirito racional.

Mas não se deve confundir o espirito mystico com o espirito religioso. É anterior a elle e mais geral. Se as disposições para receber uma e outra influencias se encontram nos mesmos individuos, não traz isto como consequencia serem identicas as suas fórmãs. De facto, muitos espiritos atheus sam mysticos. E isto observa-se nitidamente nos meios scientificos. Examinemos alguns casos.

O mathematico que dá um valor absoluto a axiomas — que sam apenas concepções tradicionaes — a symbolos, a' calculos, simples construcções do nosso espirito;

O physico que, deixando-se illudir pelas suas hypotheses que não podem resultar d'uma determinação directa, por exemplo os movimentos dos atomos da materia, raciocina como se ellas explicassem positivamente os factos que estuda, e com os quaes elle se fôr preciso procurará fazê-las concordar;

O biologista que, para demonstrar os phenomenos da hereditariedade, chega a acreditar — sem verificar nada — na existencia real dos elementos imaginados para representar materialmente a transmissão aos descendentes dos caracteres dos paes e as diversas combinações observadas na vida;

O physiologista que explica os phenomenos mais caracteristicos do ser animado pela presença d'uma força especial, a vida;

O naturalista que, arrastado pelas suas classificações, cria entidades absolutas zoologicas ou botanicas, com caracteres agrupados subjectivamente;

O psychologo que estabelece faculdades intellectuaes simples, rigorosamente definidas e distinctas como a vontade, a sensibilidade, a intelligencia;

O metaphysico que disserta fóra de toda a experien-  
cia, sobre as ideias de causa, de tempo e de espaço ;

O sociologo que, sem sahir do seu gabinete, deter-  
mina a evolução das fórmulas sociaes nos povos primiti-  
vos ; da mesma fórmula o historiador que, descrevendo  
as sociedades já desaparecidas, as reconstrue imagina-  
riamente, segundo concepções subjectivas absolutamente  
arbitrarias ;

O medico que attribue a forças desconhecidas ou mal  
definidas — irritação, inflammação, intoxicação — a cau-  
sa definitiva dos processos morbidos ;

Nos meios litterarios, o artista que acredita na inspi-  
ração, n'essa força bemfeitora e mysteriosa que transfi-  
gura o poeta, em vez de procurar, por um bom metho-  
do, a regra e as circumstancias favoraveis ao trabalho ;

Na vida pratica, o que se deixa guiar por impressões,  
que affirma sem provas, que toma as apparencias pela  
realidade, que dispõe os factos como desejaria que elles  
fossem, que attribue ao imprevisto, a influencias secre-  
tas, o que é o effeito de causas que se podem conhe-  
cer.

Em resumo, o espirito racional esforça-se por solu-  
cionar todas as questões por methodos positivos. Pro-  
cura fazer a contra-prova directamente e o seu grande  
cuidado consiste principalmente em não ir além da ex-  
periençia. A intuição, a adivinhação não o tentam. Pre-  
fere a estes processos, tocados d'um certo ar de prodi-  
gio, os processos mais comeseinhos, ás vezes insufficientes,  
mas que são menos susceptiveis de o induzirem  
em erro. E, se não pode ir até ao fim da exploração,  
resigna-se philosophicamente, preferindo confessar que  
não sabe mais a contentar-se com hypotheses completa-  
mente chimericas.

Não o arrasta o sentimento. Pode desejar que as coi-  
sas caminhem n'um certo sentido ; mas o seu desejo  
não o impedirá de vêr que ellas vão n'uma direcção  
differente. Sabe que muitos prejuizos — puramente sen-  
timentaes — tornam obscura a nossa vida social ; e pelo

seu esforço continuo procurará libertar-se d'elles. Se por exemplo se trata de instruir os novos sobre o problema da vida, e se impressiona com esta ideia que lhe é apresentada de chofre, elle dirá a si proprio: "Sinto que isto me impressiona desagradavelmente; mas porquê? Examinemos a razão d'este prejuizo. Vejamos se no fundo ha algum motivo sério, alguma vantagem para o individuo ou para a especie. Se não encontrar nada, ainda que isso me custe, não serei eu que contrarie tal."

Em todas as circumstancias, o homem verdadeiramente esclarecido e educado fará a si proprio estas perguntas: "E' racional proceder assim? Quaes sam as razões positivas? O prejuizo, a rotina, a sympathia, a aversão, não sam motivos sufficientes para me determinarem." Se algum o ataca e o fere, podendo elle vingar-se, interrogar-se-ha: "Devo fazê-lo? Como? Em que occasião? Não basta o poder eu fazê-lo. E' preciso tambem que seja de utilidade a mim e aos outros, porventura áquelle que me offendeu."

Ha espiritos racionaes e ha espiritos mysticos. Estes ultimos sam assim em virtude da educação que desenvolveu certas tendencias naturaes. Reconhecem-se nas mais insignificantes questões, nos menores gestos, nas mais pequenas reacções. Não tiram dos factos as deducções exactas.

Por exemplo, um d'elles descobre que um amigo lhe fez qualquer coisa desagradavel e apressar-se-ha a dizer: "E' abominavel que o meu amigo me quizesse offender." Quando afinal deveria perguntar: "Que interesse terá elle em me fazer mal? Que lhe fiz eu para provocar as suas represalias? Como me poderei eu defender?" A sua reflexão sentimental passa, pois, ao lado da questão positiva, que não chega a vêr.

\* \* \*

Pode desenvolver-se o espirito racional por exercicios apropriados que consistiriam em investigar, em face d'um facto, o que n'elle ha com exactidão, sem d'elle sair, mas abrangendo-o completamente. Sem cessar devemos a nós proprios fazer sempre esta interrogação : que se deve d'aqui deduzir logicamente ?

Ha duas regras praticas que sam sempre de uma feliz applicação : a primeira' é investigar se um facto tem uma existencia positiva, antes de sobre elle formar qualquer juizo ; o segundo é despistar os sentimentos capazes de viciar as deducções. Examinando-nos a nós mesmos encontramos-os sempre. Deve-se apreciar o peso que elles augmentam aos agentes e inutilisar essa influencia.

E' preciso convencermo-nos de que o methodo racional se deve applicar a todos os objectos. E' bom não reservar no espirito partes nem formar especulações mysticas sobre assumptos de exame positivo. Como nos nossos quartos os angulos sam ninhos de microbios, tambem os cantos da intelligencia sam receptaculos de maus germens de raciocinios, destruidores de conceitos exactos.

## Educação dos sentimentos

A evolução dos sentimentos — A intensidade das emoções é mais forte nos idiotas e nos menos cultos — Base physiologica da educação dos sentimentos — Emoções ligadas á vida vegetativa — Deve-se subordiná-las ao exercicio dos órgãos — Reacções emocionantes não localizadas — O instincto sexual — As emoções da arte e intellectuaes — O sentimento religioso — Pode-se quasi sentir o que se deseja — Sentimentos que se devem combater e sentimentos que se devem cultivar — Aquilo que podemos fazer.

O sentimento é a mais simples fórma da actividade mental. Nasce com o individuo. Antes de uma creança perceber correctamente um objecto por meio dos olhos ou das mãos, antes de poder associar duas ideias d'uma maneira um pouco exacta, tem já emoções intensas. O seio da mãe produz-lhe uma grande alegria; a demora na sua alimentação periodica, o frio, o calôr, um contacto irritante, um ruido insolito fazem-n'a reagir com violencia.

Primeiro os sentimentos apparecem ligados á natureza physica: a fome, a sêde, a dôr dos órgãos não satisfeitos ou irritados. Vêm em seguida os phenomenos emocionaes simples, como a pena, a alegria, o medo, o

prazer do jogo; e movimentos de *sympathia* ou de *antipathia*, a colera, a paixão genital, a inveja, a vaidade.

Até esta altura o sentimento apparece n'uma esphera intellectual inferior. Se o individuo se não desenvolve mentalmente, conserva e pode mesmo augmentar a sua capacidade de reacções emocionaes elementares. Os idiotas serão tanto mais aptos do que nós para sentir todas essas emoções.

Eu tenho, na minha casa de saúde de Villejuif, algumas idiotas adultas, que nunca conseguiram aprender a falar, a comer por si, a andar, isto é a praticar actos voluntarios um pouco complicados. A intelligencia d'ellas está reduzida ao minimo. Porém a sua vida emocional é intensa e ruidosa. Quando dou alguma coisa a uma d'ellas, exprime uma grande alegria animal manifestada em rictus faciaes e em movimentos desordenados; e as outras idiotas manifestam por uma mimica inversa, e igualmente brutal, a dôr mais viva.

Uma d'estas inconscientes mostra-se d'uma inveja extrema: um dia levou-lhe a familia uma das duas pequenas sobrinhas. Como acariciassem a creança, manifestou um soffrimento real e conservou-se sem comer até á noite... Esta idiota não fala, não sabe comer com a mão, nem se sustenta de pé sem o auxilio d'outrem.

Os sentimentos de familia e os sentimentos sociaes — o altruismo, a ideia de justiça, o respeito por si propria — e o sentimento artistico desenvolvem-se com a intelligencia. Algumas fórmias de sentimento artistico — como o gosto pela musica — podem apparecer em espiritos bastante acanhados. Eu conheci imbecis excellentes musicos, executando e compondo com um talento real.

A' medida que a intelligencia se desenvolve, o sentimento vae-se disciplinando, canalizando, depurando. E é sobretudo n'este sentido que existe uma educação de sentimentos.

\* \* \*

E' util analysar, ainda que rapidamente, as diversas fórmãs da actividade emocional ; para isso podem classificar-se os sentimentos sob o ponto de vista da educação. Ha uns que é preciso restringir, outros que se podem desenvolver, e outros finalmente que se devem procurar adquirir.

As emoções que se ligam á nossa vida physiologica estam em geral em relação inversa com o desenvolvimento do espirito. Parece que ha um antagonismo entre ellas. De facto, a evolução historica parece demonstrar que o homem, no seu progresso moral, tem constantemente procurado libertar-se o mais possivel da tyrannia dos seus primeiros instinctos.

Em todos os povos, nos civilizados principalmente, ensina-se a resistir ás necessidades physicas e a satisfazê-las em momentos convenientes. A creança procura habituar-se a reter as urinas ; é a primeira conquista sobre a natureza. O homem já feito contem a manifestação do instincto de reprodução e mais tarde procura disciplinar o seu appetite e o seu somno.

Esta regra individual tem vantagens sociaes para a collectividade. A vida em commum é mais agradável quando estes phenomenos da actividade physiologica sam methodicos. E o individuo tira d'isso vantagem tambem para as suas funcções vegetativas, que se realizam melhor sob um regimen. O estomago digere melhor quando descança muito tempo d'uma refeição a outra. O systema nervoso é mais calmo com uma lei de sobriedade amorosa. Dá-se o mesmo com o exercicio physico, cultivado pelo prazer que dá com os desportos. Contra as causas que garantam aos homens a sobrevivencia em relação aos animaes collocados no seu meio, parece ser a disciplina da vida uma das mais provaveis.

Além d'isso, as emoções elementares successivas sam um obstaculo ao desenvolvimento do individuo. Em-

quanto elle se conserva submettido ás necessidades inferiores da existencia vegetativa, encontra-se perturbada a sua actividade mental e moral. Considerará as coisas sob um ponto de vista excessivamente particular, deixar-se-ha arrastar pela satisfação completa das suas necessidades. Não poderá observar bem as coisas, nem ser livre.

Finalmente, uma grande necessidade vegetativa é um encargo economico pesado. Eu conheço um casal de trabalhadores modestos, que seriam felizes com o que ganham se se não entregassem demasiadamente aos prazeres da mesa. Estes dois esposos gastam na alimentação o melhor do seu dinheiro, sempre em festins, comendo as iguarias mais raras, bebendo bom vinho, empregando a maior parte do seu tempo a procurar acepipes e o resto a digeri-los. Andam sempre cheios de preocupações, levando uma existencia afflictiva por causa da sua situação financeira, que o seu vicio cada vez torna mais difficil.

O gosto exaggerado das bebidas alcoolicas torna-se uma causa de degradação muito conhecida de todos.

O tabaco pode ter inconvenientes da mesma ordem.

Os sentimentos que se relacionam com a vida vegetativa devem, pois, ser regularizados e mesmo abrandados. Reduzidos, podem ter alguma utilidade. Podem informar-nos — embora vagamente — das nossas necessidades e do estado dos nossos órgãos. Auxiliam-nos a realização das funcções a que se referem. Assim, está estabelecido por experiencias precisas que o desejo d'um alimento provoca as secreções necessarias á sua digestão ; o prazer que nos faz procurar um bom prato é portanto util e deve ser mantido. Comer bem, com appetite, é comer para o bem do estomago.

Podemos tambem habituar-nos a achar bons — e por consequencia a digerir bem — alimentos que repellimos a principio. Conhecemos uma senhora que experimenta uma grande repugnancia pelas tamaras ; um dia esforçou-se por imitar corajosamente seu marido, que

gostava muito d'esse fructo secco. Tomou-lhe um tal gosto, que se tornou uma das suas sobremesas favoritas.

Estes sentimentos sam uma fonte de prazeres. Uma refeição agradável e sobria torna-se uma diversão sem perigo para uma actividade nervosa interna. Mas a manifestação d'estes sentimentos deve ser bem disciplinada; não vale a pena mostrar o prazer e o desgosto que provoca e cujo espectáculo é importuno para os outros.

Em resumo, a regra para estes pequenos sentimentos deve ser subordiná-los completamente ao exercicio physiologico dos nossos órgãos. Deixemo-los desenvolverem-se na medida em que elles forem uteis á funcção vegetativa que manifestam. Mas esforcemo-nos por ser sempre senhores d'elles para os apreciarmos no momento mais conveniente e para os não soffrermos quando nos possam incommodar ou ser prejudiciaes.

\* \* \*

A par d'estes sentimentos limitados a uma funcção vegetativa, ha outros que sam reacções emocionaes sem localização original precisa. Assim a alegria e a dôr, o medo, o terror, a sympathia e antipathia. Podem unir-se a elles elementos intellectuaes em proporções mais variaveis. Relativamente a esses não temos nenhuma medida physiologica para applicar á sua formação. Sam elles que intervêm no juizo cujo mecanismo podem falsar, sam elles que determinam os caracteres individuaes e que, pelo seu exaggero, criam o temperamento emocional. Referir-me-hei a elles mais adiante quando indicar alguns principios geraes d'educação sentimental.

E' preciso pôr-se de parte o sentimento que se relaciona com o instincto sexual. Está perfeitamente em relação com uma funcção vegetativa, mas os elementos intellectuaes que contém dam-lhe um caracter especial. Pelo seu substracto physiologico, é uma necessidade, — como a fome ou a sêde, — mas com a particularidade de

que se pode viver e ter saude sem a satisfazer ; é uma necessidade de luxo. E' a pedra de toque dos caracteres sob a relação emocional ; as grandes paixões sam estados morbidos. E' preciso comeder o sentimento amoroso com todo e qualquer outro instincto organico.

Relativamente a este tambem nós não temos medida para o funcionamento dos orgãos pois que, como disse já, é uma necessidade de luxo. Esse limite será pelo menos indicado pela fadiga. Dever-se-ha, pois, procurar menos satisfazer esse sentido do que evitar uma fadiga ao organismo. Que os rapazes se compenetrem bem da ideia de que podem permanecer castos sem perigo. E' falso e pernicioso ensinar-lhes que esse sentimento deve exercer-se sob o pretexto de que todos os orgãos teem um destino physiologico.

Ha outros sentimentos que se devem desenvolver. Sam de formação mais recente no individuo. Sam os sentimentos de familia e os sentimentos sociaes que constituem o senso moral.

O amor dos esposos não deve ser unicamente physico ; porque então é d'ordem puramente vegetativa. Deverá procurar-se desenvolver a amizade dentro do lar. O sentimento maternal tem uma base organica que garante o seu desenvolvimento. Mas o sentimento da paternidade, que repousa na fé, na virtude da esposa, que é d'ordem mais intellectual que o da maternidade, não augmentará se n'isso se não tiver cuidado. Assim se dá com todos os sentimentos sociaes, que sam fundados no altruismo, o amor da patria, a solidariedade, a dedicação profissional e a dignidade pessoal.

Serão methodicamente cultivados e desenvolvidos. E' ainda mais difficil encontrar-lhes a sua medida cuja investigação se confunde com o estudo dos deveres.

Os sentimentos que temos até agora examinado sam os que apparecem no curso d'uma educação ordinaria ; não se trata senão de os desenvolver e tornar mais delicados. Mas ha outros — os sentimentos estheticos — que sam geralmente ausentes na maior parte dos ho-

mens ou apenas em germen. A sua eclosão é, n'um sentido, uma verdadeira aquisição, embora elles sejam baseados em aptidões physiologicas elementares communs.

As emoções d'arte podem ser consideradas sob dois pontos de vista: em si proprias — e é o caso da esthetica, — e pelos seus effeitos sobre o individuo. Mas as concepções estheticas teem uma repercussão sobre os espiritos. Assim, as theorias impressionistas tendem, exaltando as sensações, a criar nevroses de exgotamento, e, exaggerando o subjectivismo como meio de observação e de expressão, a provocar juizos simplesmente de impressão, irrationaes. A arte amaneirada enfraquece o impulsíonamento de energia.

Por conseguinte as theorias artisticas não devem deixar-nos indifferentes sob o ponto de vista que nos preoccupa; devemos assim apreciá-las.

Mas fíxemos apenas que a arte tem relações estreitas com o sentimento, pois que o seu fim principal é excitá-lo e satisfazê-lo. E' isso um perigo permanente para os que procuram as emoções d'artistas. A musica — cujas impressões sam intensas e em parte physicas — tem especialmente inconvenientes para os nevropathas.

Deve-se desenvolver a sensibilidade para melhor exprimir a arte? A questão discute-se desde a antiguidade. Parece que não é preciso sentir demasiadamente a natureza. Muitos artistas de grande valor trabalham na maior calma de nervos; e se obteem grandes effeitos, é pela sua technica habil e pela clara psychologia do publico.

Resta um ultimo sentimento, o mais elevado, que se relaciona com o mesmo mecanismo de espirito. Quando o individuo se instrue, quando o sabio especula sobre assumptos puramente racionaes, o trabalho do pensamento anda ligado a um sentimento — emoção ligeira e frouxa — que se parece com o sentimento artistico.

\* \* \*

Falei já do sentimento religioso a proposito da maneira de julgar ; é preciso agora estabelecer algumas indicações de technica geral do sentimento, que se comprehende melhor depois d'esta ligeira analyse que nos mostra a sua complexidade e densidade. O fim d'este estudo é na verdade responder a esta questão pratica : como se deve sentir ?

Um grande facto domina este problema d'educação. Um juizo pode ser examinado segundo o principio de identidade, isto é, ser comprado a outro e receber um valor definido. Não succede o mesmo com um sentimento, que escapa a um criterio geral, a uma medida.

E' possivel, pelo esforço da vontade, collocarmo-nos n'uma disposição de espirito para acharmos agradável, menos desagradável, ou pelo menos indifferente, uma coisa geralmente incommoda. Assim eu penso com prazer em ir vêr uma peça de theatro que me elogiaram muito. A' ultima hora sou impedido de ir ao theatro e sinto com isso uma contrariedade. Ora eu posso imaginar o contentamento que teria em assistir ao espectáculo, e é para mim um desgosto tê-lo perdido ; mas posso tambem imaginar o desagradável da sahida, a fadiga consequente que provoca sempre o theatro. O prazer e o incommodo d'esta diversão sam as duas faces dos mesmos phenomenos, e não sam nem comparaveis entre si nem se podem medir. Eu posso — esforçando-me, evocando imagens que accentuem um ou outro — dar preeminencia ao incommodo ou ao prazer. Não ha n'isto nenhuma impossibilidade logica.

Considerae um grande desgosto, a perda d'um ser querido. E'-vos possivel representar, se essa pessoa estava ha muito doente, que a continuação da existencia teria sido peor para ella e por consequencia para vós, ou, se ella era bastante edosa, que a poderieis ter perdido mais cedo, e — em todos os casos — que é a sorte de cada um, de vós mesmo, deixar a sua familia, sem

razão, e que é isto uma lei contra que se não pode lutar, contra a qual de nada servem as emoções. Pense bem n'isto e conseguireis attenuar o vosso mal, torná-lo toleravel.

Extendei estes exemplos a tudo, — esforçando-vos consegui-lo-heis — e sereis senhor dos vossos sentimentos, que transformareis ou neutralizareis quando vos sejam desagradaveis ou mesmo nocivos.

*Pode-se, pois, sentir quasi o que se deseja*, eis o principio fundamental da educação emocional, que se deve ter sempre presente no espirito e procurar applicar sempre.

Porque assim é, devemo-nos habituar a sentir frouxamente, todas as vezes que isso não prejudique o funcionamento ou trabalho intellectual, isto é, que esta regra de conducta seja geral. O perigo do temperamento emocional é conduzir a erros, a decisões absurdas, emfim a todas as doenças nervosas que se incluem no quadro das neurasthenias e principalmente a obsessão e a phobia.

Muitas vezes uma nevrose tenaz e dominadora começa por uma ligeira modificação do sentimento. Assim, um individuo no momento da refeição por exemplo, experimenta uma certa repulsão por um utensilio de mesa que não parece, depois d'um exame minucioso, d'uma limpeza absoluta. E' um erro, porque não é possível praticamente obter-se esse ideal. E essa má impressão, em vez de ser combatida, augmenta livremente. Extende-se a outros objectos, e o individuo acaba por se perturbar na sua vida, julgando-se obrigado a tomar elle proprio cuidados especiaes que o tornam ridiculo. Eu tratei pessoas que tinham chegado a deixar de jantar em casa de amigos, porque não podiam comer sem repugnancia com talheres que não tivessem ellas proprias limpado.

Para obter essa calma de sentimento, a intelligencia, desenvolvida no sentido que indiquei no meu ultimo estudo sobre a maneira de julgar, poderá ser um auxi-

liar ; mas não se deve contar só com ella. Sabemos que a intelligencia e o sentimento sam antagonistas. Isto é verdadeiro quanto ás suas tendencias geraes. De facto, uma grande cultura intellectual — formada fóra da logica racional, e apesar d'isso brilhante — coexiste por vezes com um sentimento excessivo e perturbador. Espiritos illustres, sobretudo na arte, continuam toda a sua vida eguaes a grandes creanças ou a selvagens, quanto ás reacções emocionaes.

Utilisar-se hão ainda para esta disciplina as relações da physica e da moral e as suas reacções reciprocas. As emoções sam condicionadas por actos physiologicos, que reagem sobre o espirito e augmentam o sentimento. O homem que tem medo treme, e o seu coração bate precipitadamente ; dá-se tambem a inversa, esses movimentos desordenados dos musculos e do coração teem uma grande influencia no seu medo, augmentando-o. O homem colerico embriaga-se, torna-se cruel e chega mesmo a aggreder os outros. Os gritos, os cantos, os gestos dos soldados n'um combate não teem outro fim. E', pois uma razão capital para não manifestar exteriormente esses sentimentos. A tranquillidade das attitudes traz ao espirito a calma propria para os juizos ponderados.

Eu não quero que se despoje o individuo de toda a sua sensibilidade. Essa sensibilidade é util, principalmente para suscitar certos actos de desinteresse ou ambição. O respeito de si proprio, que é um sentimento social util, não pode dirigir os actos senão quando se conserva uma impressão um pouco forte da sua dignidade. Assim, o sentimento é o excitante dos bons habitos moraes que sam a base da educação.

Mas o que se deve combater sam os sentimentos sem valor, e geralmente todas as emoções quando, pela desordem que ellas suscitam, impedem as livres deliberações da vontade.

Devemos procurar sobretudo lutar contra as reacções desagradaveis, as dores, os terrores, as angustias.

Relativamente á dôr physica dir-se-ha que nos não informam sobre a verdadeira lesão da parte do corpo que soffre. Doenças muito graves que compromettem irremediavelmente o mecanismo dum órgão essencial, podem desenvolver-se sem dôr ; assim o processo de certas affecções cardiacas e a paralyisia geral. Pelo contrario, perturbações funcçionaes benignas — dos dentes, dos ouvidos ou do coração — provocam crises violentas. Quando, pois, soffrerdes, dizei a vós proprios: a dôr é uma coisa, a doença outra. E procuraes desfazer assim as apprehensões que podessem vir accrescentar-se ás impressões organicas e exasperarem-vos.

Para todas as dôres moraes ou mesmo as contrariedades que provêem das miserias ordinarias da vida, adoptemos um principio de conducta, que resulte de moral estoica, e principalmente dos ensinamentos de Epicteto. E' ainda o que ha de melhor para nos guiar hoje. Em todas as coisas o individuo deve perguntar : Posso fazer isto ? Se a resposta é positiva, que elle haja para impedir — na medida das suas forças — o mal que teme. Se a resposta é negativa, que procure não reagir emocionalmente.

Encontrava-me eu um dia num tramway electrico que em virtude da interrupção da corrente tinha parado. Uma dama, com a sua pequenita, estava numa carruagem. Dirigia-se para certa estação e esta demora affligia-a. O que estava na sua mão era informar-se com o conductor, descer do tramway e tomar um carro, — depois de ter calculado qual dos meios á sua disposição era o melhor para o fim que se propunha. Pareceu que realizou esta deliberação e que resolveu ficar no lugar. Mas agora o resto — a partida rapida do tramway — não estava na sua mão. Em vez de ter considerado essa condição invencivel, enervava-se, batendo o pé, murmurando : "Oh ! que desespero !" ou então : "Vamos ! Partamos !" Como se a sua ordem podesse ter alguma acção sobre a marcha do vehiculo. A sua pequenita imitava-a, batendo tambem o pé, repetindo as

palavras maternas, tomando assim uma deploravel lição.

Emquanto que em materia de raciocinio, devemos submeter-nos á verdade e á logica ; na ordem do sentimento, devemos, pelo contrario, procurar dominar as emoções. Empregae-as, supportae-as se ellas vos dam sem inconveniente algumas vantagens, se facilitam certos esforços, difficeis de realizar sem o seu auxilio, — disso sois vós o juiz ; ao passo que não só vós svó o juiz do valor dum raciocinio. Não vos pertence adaptar o mundo exterior logico ao nosso pensamento, mas podeis adaptar-vos segundo as exigencias da existencia moral. E' neste sentido sobretudo que se deve entender que deveis ser livre. A vida, que está muitissimo submettida a condições emocionaes, é uma vida de escravo. Por depender de si e dos seus sentimentos, em vez de depender dum senhor estranho, não se é menos humilhado e miseravel.

## VI

### Como se deve agir

A acção é tudo — E' a pedra de toque de todas as ideias — E' o fim da actividade mental — A decisão — Como tomá-la — Habito das decisões rapidas — Utilidade dos sports para isso — Como se consegue a execução — Os aboliacos — Os impulsivos — Regras essenciaes do trabalho — A vontade.

Eu conheço um homem de letras duma imaginação inexgotavel que, numa simples conversação, compõe uma obra d'arte completa. Umas vezes é um romance de que esboça a efabulação, outras uma peça de theatro de que traça, em linhas geraes, as peripecias e os caracteres, ou um livro. O mais insignificante factu serve de thema ás suas phantasias. Este homem é d'uma invenção prodigiosa, creando personagens, situações, imaginando contos ou theses com uma *verve*, uma fertilidade, um interesse infinitos. A estas coisas todas só lhes falta o serem realizadas. Todos os dias uma ideia nova se eleva, brilha como um vapor luminoso e desassocia-se dentro em pouco no vacuo do pensamento abstracto.

Este artista não é uma excepção. Ha como elle grandes sabios, grandes engenheiros, grandes educadores, grandes industriaes, que estam cheios de projectos, que

edificam theorias, systemas, emprezas, mas tudo em imaginação. O seu talento, o seu genio poderiam ser brilhantes e fecundos se tivessem procurado transformá-los em factos.

A acção é tudo, todas as acções, tanto a resolução dum problema de mathematica como a realização duma fórmula social. Se as descobertas scientificas e as obras d'arte tivessem permanecido nos limbos duma gestação sem um termo, não se teria realisado o progresso moral da especie.

Ora este principio evidente de toda a formação intellectual não foi ainda sufficientemente affirmado pelos educadores. Em certos meios de grande cultura, têm-se em pouca consideração a acção exterior; e não se vê que, propagando-se, esse desdem chega até a paralyzar o pensamento especulativo, que precisa, para se equilibrar, da contraprova methodica dos outros pensamentos.

Tenho como amigo um homem duma intelligencia subtil e comprehensiva, que julga com um dilettantismo desdenhoso a producção de todos os que o rodeiam. Isto dá-lhe uma superioridade sobre os outros; comtudo, elle nunca fez nada e a sua vida será duma infecundidade completa. Este valor negativo que adquire por falta de toda a acção, — não tendo nenhuma falta de actividade, é uma pura illusão: porque ninguem poderia dizer o que poderia fazer se o tentasse.

A acção é uma pedra de toque relativamente a todas as idéas. Os antigos pensavam que nenhum homem podia ser considerado como tendo tido uma existencia feliz antes de morrer, porque os ultimos dias duma vida admiravel sam ás vezes de grande infortunio. Da mesma maneira uma intelligencia — por maior que pareça — não deve ser considerada como tal emquanto não tiver tido a prova da experiencia e a sua confirmação exterior.

De facto, os desdenhosos systematicos da acção sam impotentes. Em vão se cobrem de pretextos subtis, —

taes como a multiplicidade e a profundeza dos pontos de vista que destroem uma decisão ; — a sua riqueza não é, na realidade, senão indigência. Falta-lhes uma faculdade, o poder de realização. O que é normal é a gente determinar-se depois duma deliberação sufficiente: é uma condição e o signal do bom funcionamento do nosso espirito ; em todas as artes e em sciencia, um dos caracteristicos do genio é a abundancia.

O fim da actividade mental é a acção. O raciocinio não é senão o meio ; e só erradamente é que se cultiva o raciocinio pelo raciocinio.

\* \* \*

Para agir deve-se, em primeiro logar, tomar uma decisão, depois executá-la.

Decidimo-nos depois duma deliberação interior, em que todos os argumentos oppostos sam devidamente apreciados.

O espirito é assim como uma commissão em que cada membro dá a conhecer o seu ponto de vista ; o perigo é o de todas as deliberações, a irresolução. Os argumentos não sam todos mensuraveis como qualidades mathematicas. E concebe-se assim que a intelligencia hesite antes de se decidir.

Mas até que ponto se deve prolongar esta incerteza ? Eis a questão pratica que é preciso examinar e resolver.

Se se quizesse empregar um certo rigorismo na preparação duma decisão, correr-se-ia o risco de nunca ella ser tomada. As razões possiveis sam em numero indeterminado. A' medida que se faz surgir um argumento no campo da consciencia, outros sam suscitados por associação. Os pontos de vista variam constantemente , e segundo predomina um ou outro assim os motivos se hierarchizam differentemente.

Os factores duma deliberação não podem ser contados. Têm valores variaveis segundo o coefficiente arbitrario que se lhes dê no momento do exame. E, com-

tudo, é precisa a decisão, porque ha uma coisa peor do que uma má decisão, lé a ausencia duma decisão nas circumstancias em que se pede uma.

Para nos auxiliarmos, devemos ter presentes ao espirito duas idéas, que têm uma virtude tonica. A primeira é que a decisão é um phenomeno necessario, normal por consequencia ; esta idéa por si só, nitidamente formulada, disporá o espirito a deter-se numa certa ordem de motivos. E' de facto uma lei que a idéa de um acto, duma tendencia, auxilia a sua realisação ; e no caso duma decisão a idéa da sua necessidade leva-nos a tomá-la.

A segunda idéa auxiliar nesta operação é que é impossivel chegar a uma decisão rigorosamente racional. Devemos contentar-nos com uma approximação. Aproveitando do capitulo precedente sobre o sentimento uma regra, diremos que aquelle que tiver qualquer hesitação deverá perguntar se a si-proprio o que é que está em seu poder. Quando encarar os principaes argumentos contrarios que preparam uma deliberação e se inclinar para um delles que tenha sempre presente que o resto, isto é, uma maior approximação da verdade, não está praticamente na sua mão e não deve, pois, esperar-se por ella.

Passado um certo tempo de reflexão, já se realizou o esforço util. Não se ganha nada em prolongá-lo, porque então o espirito corre o risco de ruminar authomaticamente os mesmos factos, com muito poucas probabilidades de alterar-lhes o valor apparenste. Passa-se o mesmo que se dá quando, no decorrer duma leitura, o texto nos apparece confuso. Voltamos a lêr, e fazêmo-lo attentamente, mas sem resultado. A obscuridade continúa. Não digo que a reflexão não seja capaz de dissipar com o tempo essa difficuldade. Mas nós estamos — não c esqueçamos — na occasião em que é preciso agir, e procuramos uma regra de vida pratica. Ora qual seria a vantagem se, para esclarecer frouxamente e eventualmente uma decisão, nós atrasassemos a maior parte das outras soluções ?

A experiencia dos que hesitam mostra-nos, além d'isso, a inutilidade dos seus processos. Estam sempre no mesmo ponto quanto á deliberação; moem sem resultado os mesmos argumentos sem chegarem a uma conclusão clara.

Considero mesmo que o trabalho scientifico não escapa a esta obrigação pratica da decisão. Ha homens de sciencia demasiadamente escrupulosos que, por desejo de melhor interpretarem os factos, não publicam nunca ou só muito tarde certos estudos. Esta attitude é errada e não é racional á força de o querer ser, porque uma interpretação dos factos não é em sciencia senão uma interpretação provisoria. O que foi, durante um certo tempo, uma coisa perfeitamente estabelecida constitue apenas uma pequena parte da verdade e será transformada até se tornar irreconhecivel. Mas o resto não terá sido inutil: serviu á discussão como, na digestão, os corpos indigentes — feitos de cellulose — que excitam as paredes do tubo digestivo e favorecem com a absorção dos elementos nutritivos que envolvem.

Indiquei noutro sitio a disciplina que se precisa empregar neste movimento interno, por vezes tam perturbador; e não preciso de insistir nisso.

Póde adquirir-se o habito das decisões rapidas: ha exercicios para o desenvolverem. Assim sam uteis os sports, em que o individuo é obrigado a escolher rapidamente entre as paradas a que é mais propria para lutar. Tem-se attribuido á sua pratica habitual o character dos inglezes e dos americanos, mais decididos que os da raça latina. Eu receio apenas que o athletismo, que tem outros inconvenientes, desenvolva apenas a firmeza de vontade para a actividade physica. Não se deveria, comtudo, mesmo assim, desdenhar dêste beneficio; porque este espirito de decisão especial está ligado estreitamente aos instinctos da conservação.

Herbert Spencer, que era um especulativo, lamentava que a maior parte dos homens se não habituassem methodicamente a poder evitar um grande perigo. Segundo

elle, deveriamos preparar-nos para o combater e ter presente, os elementos proprios para uma decisão rapida em casa de perigo imminente para nós ou para os nossos. Quando um individuo vê outro em risco de se afogar, é tomado de surpresa, e, na perturbação emocional, é raro saber executar o acto útil; ao passo que se, por exercicios theoricos, estivesse para isso preparado, ter-se-ia tornado capaz de prestar promptamente um soccorro efficaz.

\* \* \*

Tomada uma decisão, é preciso executá-la. Ha pessoas que, com o receio de agirem mal, adiam sempre para mais tarde essa operação. Têm a tenaz illusão de que o dia seguinte lhes trará factos novos, que poderão modificar a sua determinação. Na realidade, as coisas permanecem no mesmo estado; e a necessidade de decisão não se torna senão mais imperiosa e em circumstancias ás vezes menos favoraveis.

Outros retardam a execução por incapacidade de agir. Sam *aboliacos*. De ordinario conscientes da sua enfermidade dam á sua inercia pretextos pueris. E' uma dôr, o frio, a espera dum amigo, que os impede de realizar o acto decidido.

Eu trato um homem que tem crises muito fortes de abolia, durante as quaes lhe é impossivel agir. Durante todo o tempo em que o acto pôde ser executado, mostra-se agitado, ancioso, luctando entre o desejo de fazer o que decidiu e a repugnancia da acção. Passado esse momento sente-se alliviado, não sentindo nenhum pezar no contentamento de se ter livrado dessa penosa obrigação. Assim, supponhamos que tem de apparecer numa reunião em hora fixa. Perde o seu tempo em preparativos minuciosos e inuteis, vestindo-se lentamente, mudando muitas vezes de fato, depois dando ordens que não têm relação nenhuma com o caso, escrevendo cartas que declara não poder addiar. Finalmente chega o momento; o nosso homem precipita-se,

salta para uma carruagem, fingindo a maior pressa, mas no fundo receando apenas uma coisa — chegar a tempo. Chega; mas passou já a hora e a sua presença é inútil. Sente então um grande allivio.

Ao contrario destes impotentes sam os impulsivos, que executam logo a decisão tomada e o fazem com impetuosidade, numa meia consciencia. Sam tambem anormaes e inferiores como os outros. O que é proprio da actividade racional é permanecer lucido e commedido em todas as suas phases, durante a deliberação e durante a execução.

Não se é realmente senhor da sua acção enquanto senão precisa o fim, se escolhem os meios mais proprios e sobretudo se limita o seu terreno. O individuo que modifica com extrema facilidade estas condições pôde ser um agitado, mas não é um homem racionalmente activo. E' conveniente principalmente não nos deixarmos arrastar pela paixão, por uma occasião fortuita e não estudada, pelas excitações de adversarios ou de concorrentes, fóra do terreno que se escolheu. Muitos desastres do commercio, da politica ou da vida privada não têm outra causa senão esta falta de tactica.

\* \* \*

Ha regras que se devem applicar em toda a actividade, em todo o trabalho.

E' preciso antes de mais nada uma pessoa conhecer-se a si proprio, saber qual é a sua *medida* e applicá-la a todo o projecto. Lembro-me de ter tido um camarada nos estudos que era de intelligencia pesada e pouco aberta. Soffria com o estudo, empregando o triplo do tempo dos outros com resultados muito menos satisfatorios, obtidos á custa de dôres de cabeça e de grandes perturbações nervosas. Ficou mal nos ultimos exames e teve que abandonar os livros, doente, com a sua vida inutilisada. Estava destinado a outro trabalho mais simples e repousado, em que teria sem duvida sobre sahi-

do com qualidades secundarias de applicação e de probidade.

Deve-se sempre, seja qual fôr o caso, trabalhar *com vagar*, e com tanto mais vagar quanto mais trabalho tivermos a fazer. Um trabalho rapido cansa muito mais do que um esforço duplo ou triplo, que se realiza na calma. Agir sem pressa é, nas profissões mais activas, a primeira qualidade que se deve adquirir. Fazer o contrario é destinar-se uma pessoa a todas as miserias nervosas do esfalfamento; accrescendo ainda o facto de que o trabalho se realizará mais imperfeitamente.

Deve-se desde muito cedo adquirir o *habito* do trabalho e obedecer-lhe rigorosamente. O começar, que é o momento mais fatigante, é facilitado pela regularidade da acção ás mesmas horas e nas mesmas condições. Desta maneira realizar-se-ha uma economia de esforço, ao mesmo tempo sob a reacção physiologica e nos seus resultados economicos. Collocar-se á mesa de trabalho todos os dias a uma hora certa — como quando se vae para a mesa de jantar, — é o meio mais seguro de produzir com facilidade, sejam contas de negocio, lições para corrigir, obras para escrever ou um correio commercial para expedir. As nossas cellulas têm uma boa memoria de todas as impressões anteriores e, quando as excitamos em certas condições, ellas estam promptas a reagir semelhantemente, desde que essas condições se renovam.

E' preciso tambem uma *ordem*, um *methodo* que disponham os factos ou as coisas e as tornem faceis de examinar, notas, livros ou mercadorias. Não é raro gastarem-se muitos quartos d'hora a descobrir um objecto que se não encontra no seu logar. Tenha se sempre presente que uma destas operações falsas representa esforços inuteis, e até — no caso em que sejam infructiferos, — verdadeiros prejuizos. Além d'isso, a ordem exterior reage sobre o espirito que se habitua a pensar, a raciocinar, a deliberar com methodo.

\* \* \*

Vou dar o ultimo conselho a proposito da acção. Se acreditardes firmemente poder fazer uma coisa, e essa coisa não parecer aos que vos rodeiam verdadeiramente superior ás vossas forças, querei a fortemente. E' a vontade — essa iniciação consciente para um fim — quem decide em ultimo caso do futuro de cada um e classifica os individuos. Quantas acções que pareciam impossiveis se fazem quando uma boa auctoridade superior as impõe !

Conta-se que, quando se construíram os caminhos de ferro na Russia, o czar quiz examinar o projecto que ligava duas grandes cidades onde tinha residencias. A linha proposta era irregular, fazia curvas que prolongavam o percurso. O czar perguntou aos engenheiros as razões que impediam a simplificação do trajecto. Depois de exgotadas as explicações technicas, o soberano, que não era muito illustrado mas que queria firmemente poder fazer a viagem no tempo mais curto, tomou o lapis e limitou-se, como resposta aos engenheiros, a unir sobre a carta os dois pontos extremos por uma recta, dizendo : "E' isto o que tereis de fazer." E a linha assim se fez. Tomae, se assim o quizerdes, esta anedocta como um simples apologo ; mas tende a certeza de que os exemplos abundam de factos declarados impossiveis e que uma vontade firme, tenaz, invencivel, conseguiu realizar.

Toda a vida, intellectual e moral, consiste na acção da vontade. E' bom meditar, ser erudito, ter uma viva imaginação. Mas se não formulaes nenhuma das idéas que pairam envoltas no nevoeiro do nosso pensamento, trahis o fim de toda a intelligencia, da qual o acto é o fructo.

## Como nos devemos conduzir para com os outros

A moral evoluciona — Moral de classe e de grupo — A sua base scientifica — Attentados contra a vida integral d'outrem — O caracter do attentado modifica-se com o estudo da natureza humana — Deveres ligados aos sentimentos altruistas — Principio da reciprocidade — Solidariiedade familiar e conjugal — Immoralidade e delicto.

Toda a moral, entendida sob o ponto de vista sociologico, tem como objecto — os outros. E' este o momento de dar alguns conselhos geraes sobre esta questao. Não bastam regras geraes de accao ; é preciso ainda que a actividade seja examinada mais especialmente nas suas relações com os nossos proximos e com os estranhos.

Diz-se que a moral não evoluciona. Os sentimentos e os actos honrosos na antiguidade, — a fidelidade, a lealdade, o sacrificio pela familia e pela collectividade — sam sempre virtudes cultivadas. Comparem-se estas noções com as idéas sobre a constituição do mundo e a natureza do nosso corpo ; como ellas se transformaram e transformaram a nossa vida !

Os antigos ignoravam que o ar se compõe de oxygenio e azote e que a agua é formada por oxygenio e hydrogenio, — verdades elementares para as creanças d'hoje ; — iam d'uma cidade a outra em carros puxados

por cavallos, e nós galgamos as mesmas distancias com o vapor e a electricidade. Mas no dominio moral, durante todos os seculos passados, as mães amavam os seus filhos com uma sublime dedicação.

Nisto assemelha-se a moral á arte, que evoluciona pouco. A *Victoria de Samothrace* offerece ainda aos nossos esculptores um modelo de perfeição, ao passo que a physica de Aristoteles nos parece muito grosseira.

Mas não nos devêmos deter neste aspectõ exterior, que occulta sob muitos pontos um lento trabalho que leva a dessimilhanças profundas. O amor sensual descrito por Ovidio e os poetas da antiguidade não pôde de maneira nenhuma approximar-se do sentimento mais intellectual que hoje se tem pelas mulheres. O mesmo se dá com o affecto do pae romano, que tinha direito de morte sobre os filhos, que está hoje muito distante da amizade de camarada mais velho, benevolmente egualitario, dos nossos chefes de familia para com os seus filhos.

Outrcra em Roma, a humanidade limitava-se aos patricios ; na cidade, a plebe não podia contar com o sentimento de solidariedade social. Um escravo molestado não despertava mais piedade que um animal ; e na fronteira o estrangeiro era sempre tido por um barbaro, um inimigo. Hoje estende-se a sympathia a todas as classes da nação, a todos os povos, a todas as raças, mesmo aos animaes, que leis protegem contra as brutalidades dos homens.

A moral varia, pois, através dos seculos. Differe até, no mesmo tempo, dum paiz para outro. O adulterio é mais escandaloso nos paizes anglo-saxonicos do que na raça latina ; não se deve descrever no romance inglez, como se na realidade não existisse, emquanto que constitue, na litteratura franceza, o elemento vulgar das intrigas romanescas ou theatraes.

Em França, o sabio não deve tirar proveito do seu trabalho ; Pasteur e Berthelot nunca venderam as suas descobertas mesmo as mais productivas ; pelo contrario,

na Allemanha, acha-se bem que um chimico contracte com um industrial para tirarem proveito dum corpo novo; e o celebre medico Koch explorou, depois de a descobrir, a *tuberculina* que elle julgava o especifico da tuberculose.

Se se muda de civilização passando da Europa á Asia ou á Africa, as differenças sam enormissimas. Ahi vamos encontrar o mahometano comprando a sua noiva sem a ter visto e conservando-a depois encerrada — para sempre — no gynecceu.

Finalmente, num mesmo paiz e na mesma epocha, a moral não é a mesma se se passa duma classe social a outra. O roubo, que deveria inspirar uma egual repulção, fosse qual fosse a fórma que revestisse, é perseguido por uns, tolerado por outros e por outros quasi admirado. Um gatuno que entra num quarto e rouba um relógio, arrisca-se a ser estripado pela multidão se o apanha: ao passo que um creado que, abusando da confiança do patrão, tira todos os dias nas compras dos generos alimenticios quantias que representam no fim do anno um valor importante, não é inquietado e póde dos seus furtos gabar-se aos proprios fornecedores. Um individuo que não pague uma dívida de jogo será posto de parte; pelo contrario orgulhar-se-ha de fraudulentamente passar aos direitos uma peça de caça, ou não será posto no index se, como funcionario, recebeu presentes em paga de certos favores que licitamente não podia fazer.

Por isso temos que começar por nos mostrarmos tolerantes em materia de apreciação dos factos contrarios a certas regras moraes em uso num dado meio, porque não têm nada das leis da natureza, impessoaes e rigidias. Mas depois é necessario formarmos uma opinião sobre as evoluções que se produzem incessantemente nessa materia. O habito faz-nos crear a disposição para nos oppormos a todas as mudanças; e a razão incita-nos pelo contrario a fazer-nos adherir ás reformas boas. Onde encontrar um criterio, um guia?

\* \* \*

Só a sciencia nos pôde dar elementos de informação exacta e apreciações de generalidade.

Quando se considera o lento trabalho da nova civilização, vê-se nitidamente que o progresso se faz no sentido duma adaptação geral cada vez maior das condições exteriores de existencia ao nosso organismo psychologico e mental. Nós conhecemos melhor as nossas necessidades, temos mais poderosos e perfeitos meios de as satisfazer ; e queremos satisfazê-las porque, como seres, tendemos naturalmente para viver.

Temos já uma norma que pôde servir para julgar em conjuncto um grande numero de actos : E' evidente que o homicidio é immoral — porque suprime a vida — da mesma fôrma o assassinio passional, o assassinio por ambição, o assassinio ordenado pela lei penal e egualmente a morte dum inimigo na guerra. Sei bem que alguns dêstes factos podem ser desculpados em certos casos pela defeza da propria conservação. Tambem não proponho esta prohibição senão como idéal que cada homem deve ter dentro de si para o guiar. Os actos que tendam a supprimir estes homicidios ou a prevenilos terão alguma coisa de moral ; os actos que tendam a provocá-los e a exaltá-los terão qualquer coisa de immoral.

Pôde-se attentar contra a vida, — a saude d'outrem, — por meios menos violentos ; assim o amo que dá aos seus creados um quarto insalubre, escuro e mal ventilado ; o patrão que impõe ao seu empregado um trabalho desproporcionado ás suas forças, o commerciante que vende productos alimentares avariados. Estas acções não sam punidas pela lei, mas nem por isso sam menos iniquas.

Uma sociedade, que, por negligencia, permite a degradação physica duma classe de individuos pela miseria é uma sociedade immoral.

Mas não se deve respeitar menos a vida intellectual

d'outrem do que a sua vida physica. E' um mal paralizar conscientemente — fóra de circumstancias excepcionaes — a actividade de pessoas que dependem de nós por qualquer motivo. Tal se dá com o patrão que não deixa ao que o serve um tempo bastante para adquirir algumas noções novas ; com o escriptor com auctoridade, espalhando idéas que sabe contrarias á verdade ; com o legislador que, por espirito de partida, vota uma lei prejudicial ao livre desenvolvimento das intelligencias.

Toda a sociedade que não dá a cada um os meios necessarios para attingir um certo desenvolvimento das suas faculdades é, sob esse aspecto, immoral.

Temos, pois, já um primeiro criterio que nos póde guiar nas nossas relações com os outros : "é proceder mal attentar por abuso de auctoridade ou apenas por negligencia contra a vida physica ou a vida mental d'outrem".

E' geral este principio ; e delle dei acima algumas explicações apenas. Cada um de nós deve vêr a esta luz os problemas de conducta que se levantam nas mil circumstancias da vida social. Eu sei que nem sempre se póde facilmente proceder a esse exame — porque os factos da nossa actividade apresentam-se frequentemente sob um aspecto de tal fórma complexo, que se não acha o meio de os resolver nos seus elementos essenciaes, — e de decidir por exemplo se determinado acto é contrario ou favoravel ao bem physiologico e psychologico de outrem.

Assim, um acto tendente a reduzir a alimentação dum comilão não causa absolutamente um prejuizo á sua saude porque está estabelecido que o excesso de alimento é perigoso. Mas onde começa esse excesso ? Ahi está um ponto delicado a decidir. Nestes problemas, a solução deve sêr a que favoreça a liberdade dos individuos, prevenindo-os dos perigos que podem correr. Cada um deve ser senhor de si e da sua actividade ; e em caso de duvida é a elle a que pertence dirigir-se.

Quem é que não vê tambem que só a sciencia é ca-

paz de esclarecer os pontos que hoje nos parecem obscuros? Visto que o principio que nos deve guiar nas nossas relações com os outros é não prejudicar a sua vida e as suas tendencias naturaes, basta-nos conhecer o sentido da nossa evolução para melhor respeitar os outros.

Este principio de conducta tem uma base exacta, que é o estudo da natureza humana. Evoluciona com ella e, como ella, é susceptivel de progresso. A moral torna-se assim uma arte racional, scientifica, e é esta uma grande vantagem sobre todos os outros systemas que se baseiam em sentimentos, simples tradições ou puras affirmações. Sente-se assim que, á medida que o conhecimento progride, o principio estende o seu dominio e poderá applicar-se um dia a factos actualmente fóra delie.

\* \* \*

Ha comtudo deveres que parecem já irreductiveis ao principio formulado; os que estam ligados aos sentimentos altruistas activos, — o amor paternal, maternal ou filial, a fidelidade conjugal, a dedicação pela patria, a solidariedade. Nas outras situações contentamo-nos em não prejudicar os outros. Mas nestas não, somos obrigados a uma actividade positiva, temos de fazer bem, o que algumas vezes não succede sem nos lesarmos de certo modo.

Qual é, pois, o novo principio director que nos guiará nesta ordem de factos? A mãe deve alimentar o seu filho, o filho assistir aos seus paes; o cidadão deve dedicar-se ao bem publico, á patria, aos outros. Sam, repito, virtudes activas. O que é que nol-as impõe?

Precisamos de considerar os outros como tendo o mesmo lugar que nós temos em relação a elles. E então o que nós fizermos por elles o faremos em certo modo por nós, porque pela *reciprocidade* disso seremos pagos.

Este principio é mais geral do que o de não offen-

der e contém-no. Poderia bastar, pois, se não fosse util estabelecer prohibições especiaes a respeito de certos actos prejudiciaes a outrem. Por outro lado, podemos, por meio desta regra, não só deduzir os deveres a cumprir, mas descobrir-lhe os limites.

Neste ponto de vista, o dever de assistencia dos paes para com os filhos equilibra-se com o dever correlativo d'assistencia dos filhos para com os paes. Diz-se que o amor — e tambem a dedicação — descende da familia, mas que não sobe. Isto não é senão a tradução dêsse facto de observação, do instincto maternal ser mais forte que o instincto filial. Mas o homem tem tendencias para substituir este sentimento tam cego como um instincto por uma affeição mais consciente e mais racional. E é bom que os filhos saibam que o amor de seus paes lhes não é devido e que contraem, recebendo os seus beneficios, dividas reaes, — a protecção moral e até economica, e sempre a obrigação duma dedicação sincera.

A solidariedade conjugal não póde ter outro fundamento. E o mesmo se dá com muitos outros sentimentos altruistas que nos levam a fazer bem a estranhos ou a agir correctamente para com elles. Se devemos ser fieis á nossa palavra, leaes, compadecedores, respeitar os bens dos outros, é para que nos tratem da mesma fórma.

O nosso interesse é, pois, agir moralmente. Mas segue-se dêsse principio de acção que a ausencia de reciprocidade nos dispensa de todos os deveres. Não ha nenhum — por mais imperioso que seja — de que nos não paguemos relativamente aos que violam essa tacita reconducção de toda a convenção social. A mãe não tem nenhuma affeição, nem faz sacrificio pelo filho que a abandona.

Sustentarei mesmo que é um dever para cada um applicar aos deshonestos um tratamento hostil, que é ás vezes a unica sancção d'actos immoraes não punidos pelas leis. Se os mentirosos, os desleaes, os velhacos

sentissem levantar-se as ameaças em volta d'elles, muitos teriam nisso um forte incitamento para o bem.

Da mesma maneira se deve comprehender que um individuo, que da sociedade não recebeu nenhuma protecção efficaz, se volte contra ella. Póde-se constrangê-lo a respeitar as leis, mas não se póde convencê-lo de que essa coacção é justa. Isto explica — se as não justifica — as revoltas de certos desgraçados cheios de desespero, que o livre desenvolvimento da critica social faz erguer cada vez mais contra a ordem estabelecida e as tradições communs. E isto suggerere ás collectividades o remedio para esses males que seriam muito mais bem tratados por medidas de equidade.

Em conclusão, o principio de reciprocidade tende a tornar-nos mais felizes ; e desta maneira caímos sob a tutela da sciencia, que é a unica que nos póde indicar o que está realmente mais em relação com o nosso bem physico e moral.

\* \* \*

Notar-se-ha que eu não sobreponho a immoralidade ao delicto punido pela lei. De facto, um acto póde ser immoral e não ser punido ; pelo contrario, ha factos que caem sob o peso da justiça penal e não contêm nada, no fundo, de immoral. Só ha muito pouco tempo é que os delictos de consciencia foram abolidos ; e é uma honra do cidadão moderno o passar livremente sobre todas as questões que resultam da organização governamental em que se move. Estes delictos duma constituição muito artificial, estam em evolução constante e não resultam muito directamente da natureza dos homens. Assim o meu principio, que afinal tende a reconduzir tudo a esta base psychologica, tambem não parece concordar muito com elles.

Eu pretendi apenas indicar aqui um principio, — ás vezes muito afastado dos factos, — uma idéa directriz, e dar indicações simples para a pratica difficil da vida moral. Que a questão não está perfeitamente tratada, sou

eu o primeiro a reconhecê-lo ; que é preciso resolvê-la em todas as necessidades é um ponto sobre o qual todos estamos de accordo. E' preciso agir e ser moral. Como? Foi isso que eu tentei responder.

Eu queria ainda que da minha lição resultasse a idéa de que nesta materia tudo se deve submeter á evolução e que o progresso se realiza por accordo geral, — emfim que se deve persuadir aos outros e não violentá-los.

## Maneira de sermos nós próprios

O caracter — Nós valemos sobretudo pela opinião que formam de nós — Podemos modificar o nosso caracter — Os caracteres typicos — A verdade e a mentira — O papel pessoal que se tem de desempenhar.

O homem deve procurar desenvolver o seu caracter, a sua personalidade — ser elle proprio. E' este o fim e a synthese de todos os esforços da educação. As nossas tendencias, as nossas idéas, os nossos hábitos mentaes manifestam-se por certos modos de acção que nos sam propios e pelos quaes nos reconhecem. Depois de se ter durante algum tempo observado uma pessoa, pôde-se predizer com uma grande approximação, o que ella fará, como reagirá numa situação determinada. Quer isto dizer que o caracter dum individuo, sob o seu aspecto de mobilidade, é bastante fixo e se pôde apprehender.

Desde que não podemos deixar de soffrer a influencia dos outros, não é indifferente o apresentarmo nos sob uma apparencia ou outra, visto que uma pôde ser util e outra prejudicial. Nós apreciamos a estima das pessoas que nos rodeiam e temos nella uma força d'acção social. Se nos julgam leaes e firmes, confiar-nos-hão encargos importantes que nos porão em evidencia e nos darão mais credito. Muitas vezes bast a esta apreciação para determinar a eleição dum espirito mediano

para altas funcções no parlamento ou no seio dos grupos profissionaes.

Na verdade, não valem a maior parte das vezes senão pela opinião que formam de nós. Desde que um homem entra numa carreira, é observado, espiado. Pelos seus actos, pela sua attitude em qualquer circumstancia significativa, reconstituem-n'o, como um naturalista recompondo com alguns ossos um animal já desaparecido. E creada uma vez a lenda torna-se o principio das relações que os outros têm com elle. Se é boa, ella terá a força duma suggestão benefica: todos verão no recémchegado um homem bom, leal, discreto, seguro, e procurarão tê-lo como amigo ou como aliado. Se é má, ella apartará delle todos como uma prohibição formal e indispôl-os-ha contra a sua pessoa. Nessa occasião será quasi impossivel ao individuo reagir contra esta conspiração.

Dá-se isto porque a lenda se estabeleceu sobre factos positivos; e os factos negativos podem infinitamente menos. Eu conheci um medico duma pequena cidade que tinha a reputação de ser indiscreto. Tinha-o sido, mas corrigira-se dêsse defeito. Apesar disso suspeitavam sempre delle, embora tivesse, como tinha, reaes qualidades profissionaes. As numerosas vezes em que elle não falára não tinham a mais pequena força em comparação com uma só em que elle falára sem dever.

Como podereis vós afinal verificar pessoalmente a verdade duma opinião sobre outrem? Não ha para isso nem o tempo nem os meios; e o interesse é muitas vezes nullo. Acautelae-vos, pois, e tanto peor para vós senão conseguistes apparecer desde o principio com um ar sympathico. Ha poucos recursos contra as opiniões do nosso meio; e podereis ser talvez obrigados a supportá-las durante uma vida inteira.

Notae que em geral esta apreciação não attinge uma personalidade real senão de muito longe. Ha entre estes dois termos uma distancia que pôde diminuir mais ou menos nos casos mais favoraveis, mas que não desce

nunca a zero. Isto permite aos habéis revestir uma mascara propria para a sua situação; é o caso de todos os simples hypocritas que occultam maus costumes sob exterioridades capciosas. Lembro-me dum banqueiro duma cidade de provincia onde eu passei a minha juventude, o qual creára, á custa de manobras artificiosas, uma verdadeira reputação de honestidade. Ricos e pobres, — e os mais desconfiados, — levavam-lhe as suas economias; e o seu escriptorio estava sempre cheio de clientes. Trafficou com todo esse dinheiro e a sua casa bancaria quebrou um dia, com a estupefacção de todos estes credulos que o citavam como um modelo de probidade e de lealdade. O preconceito de muitos era tam grande, que só quando o viram preso e a ser julgado no tribunal é que se resolveram a acreditar que elle podia muito bem ter commettido algum acto delictuoso.

Sejamos circumspectos desde o princípio da nossa vida exterior e preocupemo-nos com a nossa lenda — sem para isso pretendemos falseá-la e cobrir-nos com uma mascara que seja uma simples mentira.

\* \* \*

Devemos agir realmente sobre o nosso caracter e torná-lo conforme o que desejamos. Assim realizaremos uma economia de esforços : é mais facil mostrarmo-nos taes quaes somos do que desempenhando um papel. Fállo-hemos com maior segurança ; porque uma mascara, por mais bem feita que seja, deixa sempre por algum ponto entrever uma ponta de verdade. O que temos a fazer é habituarmo-nos a esta disciplina, tendo em vista um fim definido.

Em primeiro lugar devemos convencermo-nos de que é possível exercermos influencia no nosso caracter. O homem muda naturalmente da infancia até á velhice ; o caracter não é, pois, immutavel. O que a reflexão, a experiencia da vida, ajudados por uma evolução physiologica, conseguem com segurança, um grande esforço

de meditação e de vontade acompanhada de exercicios apropriados pôde realizá-lo tambem.

Cheguei a vêr pessoas, verdadeiros demolidores da vontade, que, apoz um tratamento simplesmente moral, despertavam energias adormecidas e se tornavam mais calmos e energicos. Observo ainda frequentemente, no mundo do trabalho intenso de Paris, pessoas que por necessidade attenuam pouco a pouco as suas tendencias e as transformam. Conheci um homem de espirito combativo até á fanfarronada, imprudente em excesso nas suas luctas, e physicamente bastante forte, que se tornou, sob a pressão do meio, um homem circumspecto ao extremo, desprezando os conflictos sem utilidade, — um prudente voluntario.

Qual é presentemente o ideal de character a attingir ? Deve-se procurar ser um character typico, cujos traços sejam fortemente unidos e subordinados a um elemento poderoso ; um energico, um affectuoso, um leal.

A vantagem que tem um individuo assim é causar mais impressão e impôr-se mais facilmente aos outros. Ter-se-ha uma inteira confiança num homem que mostre a sua lealdade nas mais pequenas circumstancias da vida corrente. E' o caso de, para recusar um convite para qualquer cerimonia intima, se dar por escrupulo o verdadeiro motivo — o desejo de realizar um trabalho em vez de se servir de uma formula mais cortez, mas sem sinceridade. Um character desta natureza, caminhando mais firmemente para um fim determinado, poderá attingi-lo melhor ; e disto se pôde vêr o resultado na divisão do trabalho. Se os energicos, os affectuosos, os leaes, não sam senão energicos, affectuosos ou leaes, sê-lo-hão mais perfeitamente, mais plenamente do que todos os outros.

Para attingir este completo desenvolvimento — que não é afinal possivel para todos, mas que pôde ser sempre um ponto de direcção, — importa examinarmo-nos, esforçarmo-nos por nos conhecermos. Pela cultura racional dos characteres, o individuo trata de desenvolver

as suas aptidões, por elle proprio. Cada um de nós tem uma tendencia mais ou menos accentuada. Se ella se presta a este trabalho, precisamos determiná-la inteiramente; e é na sua corrente que é preciso navegar. Se a tendencia é má sob algum aspecto, mas muito poderosa, é ás vezes conveniente canalizar a sua força sob a fórmula mais pratica. Eu conheci um fraco que, muito conscienciosamente, representou de coração generoso, dedicando-se á familia até ao maximo limite. Tornou-se assim um grande caracter e um caracter util por todo o bem que espalhou em volta de si.

E' pois, conveniente estudar duma maneira geral o que devemos procurar adquirir.

\* \* \*

A verdade é a maior força dum caracter. Quando um individuo se impõe pela sua sinceridade, adquire um poder verdadeiro. Póde facilmente tratar o negocio que pretende, porque o seu interlocutor não põe em duvida os elementos em que esse negocio se baseia. Ha alguma coisa de degradante em mentir. Isso torna-nos eguaes aos seres fracos que se refugiam nessa attitude no terror dum patrão injusto; as mulheres e os servos têm-n'a tomado muitas vezes.

Devemos esforçar-nos por nunca mentir. Ha, comtudo, casos em que a mentira é legitima: quando o medico engana o doente sobre a natureza verdadeira da sua doença, e geralmente todas as vezes que, unicamente por piedade ou por bondade, se occulta uma verdade dolorosa a um amigo.

E será isso propriamente uma mentira? O defeito não estará apenas na intenção de prejudicar outrem, tirar d'elle alguma vantagem, subtrahir-se a uma obrigação? Este principio é um guia pratico sufficiente. Um indiscreto pergunta-nos qual é a nossa fortuna: não tem qualidades para o saber, é-nos por isso permittido dar-lhe a resposta falsa que nos agrada mais. Eu pre-

ferirei, ainda que seja brutal, que se faça primeiro ao importuno esta pergunta : "Mas o que é que lhe interessa isso ?"

Entendo que é bom crear o habito de não dizermentira — e o que fala pouco ser á menos tentado amen-tir — mesmo nas mais futeis circumstancias da vida. Quereis recusar um convite, um jantar, não digaes que estaes doente, se isso não é verdade. Vale mais — para dar uma razão — que isso não tem attractivo para vós; podeis exprimir muito cortezmente que vos é impossivel acceitar, sem dar outra explicação mais precisa.

Aquelle que depende muito estreitamente d'outro — esposo, filho, subalterno — sentir-se-ha bem em ser veridico, se se explicar quando fôr obrigado. Um associado na vida em que se não tem confiança é um adversario de quem se póde recear tudo.

A vantagem do habito de ser sincero levar-vos-ha a não praticar certos actos que depois vos vereis obrigados a occultar. Sois assim obrigados a realizar para com os outros uma solidariedade que póde ficar ignorada, mas que vós practicaes para não terdes de enganar um dia as pessoas com quem conviveis.

A segunda qualidade que se deve adquirir é a coragem. Trata-se não só de não ter medo da obscuridade ou dos ladrões e de se comportar dignamente num perigo physico, mas ainda de se ser firme no papel social que se desempenha. A resistencia á pressão de cima e de baixo, dos adversarios e dos amigos, é um dever cuja pratica vos dará a confiança dos outros.

Esta attitúde levar-vos-ha por vezes a atacar os prejuizos da multidão ; e é por esse facto que se manifesta muitas vezes a coragem mais rara. E' bom emfim — se quereis a paz — que se saiba que sois capaz de combater firmemente os vossos adversarios e que não sois capazes de vos deixardes arrastar pelos outros.

Em seguida temos a fidelidade, a lealdade. O individuo, embora de merecimentos e qualidades, que na amisade ou num contracto não offerece uma certa se-

grança, diminue uma grande parte no seu valor. Quando acaba por estragar e transtornar toda a sua vida, admira-se dos seus insucessos e accusa a inveja e a maldade dos homens, quando foi elle quem destruiu voluntariamente o laço mais forte de toda a acção social commum, o que eu indiquei acima como o principio de toda a moral exterior : a reciprocidade.

Sam estas as tres condições indispensaveis para um character bem temperado. Mas ha ainda outros habitos que é conveniente adquirir.

E' bom que o character seja egual dum momento para o outro e continuo no sentido das suas tendencias ; representa isso uma economia de esforços. Um character deve ser amparado por um systema intellectual ; e não ha nada melhor do que uma maneira logica de vêr, de julgar e de decidir, como o indiquei já. Mas seria absurdo attribuir aos outros os mesmos processos de actividade voluntaria e não contar com as suas reacções puramente sentimentaes. Peccar-se-ia desta maneira por um abuso de logica.

Nesta ordem de ideias, a vingança é uma reacção sentimental de luxo, se não tem por fim castigar um adversario desleal. Não basta o poder fazer mal a alguem que nos offendeu ; deve-se perguntar antes de mais nada que utilidade ha nisso. Não pensemos nunca na satisfação de humilhar um inimigo, porque seriamos guiados por um sentimento muito inferior e susceptivel de nos enganar.

A questão principal consiste em saber se a represalia traz alguma vantagem. Póde inspirar receio a outros, capazes de nos prejudicarem : é a maior parte das vezes a sua real utilidade. Sob este ponto de vista, a vingança torna-se um dever de defeza pessoal e indirectamente um instrumento de moralização. Mas representa nesse caso uma sanção de actos desleaes e culposos, por vezes não punidos pela lei. O exercicio dêste direito é muito melindroso; e é bom não fazer uso delle senão com reflexão, sem nenhuma paixão.

Examinando tudo cuidadosamente, creio que o aperfeiçoamento dos individuos comporta a applicação das sanções que escapam ao juiz correccional e que estam contidas em todas as vinganças tiradas de acções realmente immoraes. A generosidade que leva naturalmente ao perdão é um erro, quando se trata dos trapaceiros e desleaes, que é preciso manter pelo receio dessas penas sociaes extrajudiciarias. Eu bani essa generosidade da mesma fórma que condemno a paixão contraria do vingativo, considerando-as ambas impregnadas dum elemento emocional grosseiro. Em resumo, eu considero uma obrigação a vingança em certas circumstancias e em apreciar essas circumstancias é que está a difficuldade — e sempre perturbadora do labor quotidiano.

Comprehendido assim, o character torna-se um papel em que é predominante a parte da vontade. Somos nós mesmos que o creamos com os elementos das nossas tendencias e adaptando o melhor possivel a ellas. E' para muitos o melhor producto da nossa imaginação e pode honrar ou envergonhar as nossas qualidades de invenção.

E' nos impossivel sermos todos grandes espiritos, e occupar prestigiosas funcções sociaes; mas cada um de nós pôde, na mais humilde condição que seja, ser um grande character, e, como o escravo e Epicteto, obter a admiração dos seus senhores.

Visto que este bem está á nossa discreção, demos-lhe todo o valor que tem. Procuremos no passado, na observação presente, na simples reflexão, os elementos d'um bom papel a desempenhar; e uma vez estabelecido isso, façamos consistir toda a nossa gloria em o representar bem, para que, paraphraseando e moralizando a exclamação de Nero ao morrer, se possa dizer de nós, depois do nosso desapparecimento: "Com que arte elle occupou o seu lugar na vida!"

## Principios de moral sexual

Devem-se instruir as creanças sobre o instincto sexual <sup>1</sup> —

Perigos da ignorancia — Necessidade de ensinar o que sam as doenças venereas para preservar os que as ignoram — Pode-se ser casto? — Perversões do instincto.

Esta questão é d'uma importancia capital para a formação racional d'um espirito. Se procuramos evitá-la é ella mesmo que vem ao nosso encontro. O instincto sexual, que é o seu objecto, torna-se o mais tyrannico e o mais perigoso se não soubermos desde muito cedo submettê-lo a uma disciplina intelligente. Os seus excessos, o seu desvio expõem-nos a desordens graves, perturbam a actividade geral e conduzem frequentemente a actos que offendem a moral publica ou estão sujeitos a sancções penaes. Não ha outro cujos desvios — tam facéis de commetter e tam tolerados pelos costumes — sejam de tal fórma capazes de pôr em risco a paz e a propria vida do individuo. Procurar conhecê-lo bem e contê-lo é, pois, o dever elementar de cada um.

<sup>1</sup> Compete naturalmente aos paes instruir os seus filhos de harmonia com os principios que aqui formulo. Só porque o não possam fazer — e mesmo n'esse caso — com a sua approvação é que os professores deverão assumir este encargo melindroso.

\* \* \*

E' preciso em primeiro logar conhecer esse instincto. Aquelle que, sobretudo n'este assumpto, não estiver advertido, é incapaz de ter, no momento desejado, uma direcção favoravel. Mas devem-se dar aos rapazes semelhantes noções? E' um problema de moral pratica cuja solução é muito melindrosa para a maior parte dos espiritos.

A tradição, formulada em regras precisas, é simples e absoluta. Ella ordena que se deixem as creanças ignorar os phenomenos da vida. Os livros que lhes dam sam cuidadosamente expurgados. Nos que tratam de historia natural, a funcção da reproducção é escrupulosamente amputada. Mas o ostracismo é menos rigoroso á medida que nos distanciamos do homem. As sanguessugas sam mais favorecidas por essa prohibição tam rigorosa para os primatas. E os vegetaes sam expostos livremente, desnudados em todos os seus órgãos. Os poetas não temem designar cruamente estes ultimos — os pistillos e os estames, — e não receiam offender com as suas designações technicas a honestidade de ninguém.

E' curioso vêr com que escrupulo os membros das comissões encarregadas de adoptar os livros escolares exercem as suas funcções.

E' banida sem appello nem aggravo a menor allusão susceptivel de indicar ás creanças que ellas nasceram, que na sua maioridade sam destinadas ao casamento e á procreação d'uma familia. Pareceria que se trata de funcções vergonhosas, com tal cuidado se occultam. Na realidade o silencio com que as cobrem parece estar mais em relação com a noção de "tubou", de sagrado, de que ellas se revestem, como certos actos da vida social em alguns povos primitivos.

Antes de averiguar se é bem fundada esta defeza tradicional, vejamos a que é que leva. Sem duvida os jovens devem chegar d'esta fórmula ao casamento ignoran-

tes e castos, com os olhos puros de todas as visões sexuaes, inaptos para comprehenderem a menor phrase maliciosa, — tanto cuidado se teve em lhes evitar qualquer imprudente revelação,

Pois bem ; um semelhante esforço resulta n'um fracasso, ou em coisa mesmo peor. Muito antes da adolescencia, ahi pela altura dos dez annos, as creanças — falo principalmente dos rapazes — sam instruidas sobre as coisas da vida pelos seus camaradas mais velhos. E essas noções transmittidas clandestinamente, embellezadas pelo traductor, augmentadas pela imaginação do receptor, completadas por uma pobre litteratura secreta, formam um conjuncto de ideias das mais obscenas, das mais falsas e das mais baixas, capazes de perverter os espiritos mais sãos.

Seria preferivel tudo a esta instrucção clandestina e bastaria só esta razão para justificar um ensino normal e proprio. Mas pode-se alargar mais a discussão.

Pergunta-se, qual dos dois systemas — a ignorancia ou o conhecimento — é melhor n'este assumpto para o individuo ? Porque tudo afinal se reduz a isso ; se a tradição não tem outro valor senão o que lhe vem do tempo em quem é que ella é respeitavel ?

Os cuidados physicos sam mais apropriados e mais efficaes á medida que sam bem comprehendidos. Não se percebe como se possam conseguir, das raparigas, praticas de limpeza especiaes, sem satisfazer a sua curiosidade natural. Da mesma maneira os rapazes terão interesse em conhecer a natureza dos seus orgãos para melhor os preservarem nos seus jogos, saber por exemplo que os choques violentos podem torná-los incapazes para a funcção da especie que mais tarde terão de exercer.

A hygiene deve ser n'isso — muito mais do que em qualquer outra coisa — defensiva contra os germens de doenças adquiridas no meio exterior. Ensina-se agora ás creanças, pelo menos assim o espero — que a tuberculose se communica pelos escarros ; que é prudente

evitar a saliva d'outrem, porque é nociva na convalescência da diptheria; que o sarampo, a escarlatina e a variola se adquirem pela permanencia no mesmo logar com um doente. Tudo isto será muito bom. Mas ha outras affecções, tanto ou mais perigosas, cujo modo de propagação a creança tem necessidade de conhecer. Porque occultar-lhe isso?

Pertence aos medicos e homens virtuosos que, sob a acção do dr. Fournier, fundaram a "Liga de Prophylaxia sanitaria e moral", cujo fim é a diffusão d'estas noções, a honra de terem proclamado que é *antes* e não *depois* que se deve aprender. Quantos jovens não deploaram corrupções physicas e enfermidades adquiridas! Ah, se elles tivessem sabido!

Não ha afinal nada mais facil de fazer do que esta instrucção, sem separar, como erradamente se faz, estas doenças especiaes de outras. Vou demonstrá-lo. Ponhamos como principio logo no começo, pelo estudo das doenças contagiosas, — variola, diptheria e outras, — que o contacto de outrem pode provocar a transmissão d'estas doenças. Depois entre essas, destacaremos uma affecção, a erysipela, que se communica por meio d'uma ligeira arranhadura da pelle.

Se o virus d'uma ulceração chega, por uma approximação como o beijo ou por intermedio d'um objecto sujo, um copo, por exemplo, a pôr-se em contacto com a epiderme nua d'um individuo são, seja em que região fôr, na bocca, nos dedos, nas partes resguardadas, a affecção pode transmitir-se. E' geral e d'uma grande duração: produz primeiro, logo que tenha decorrido um mez, um botão que se ulcera, — depois erupções diversas, a queda dos cabellos, com febre ás vezes e violentas dôres de cabeça, — finalmente mais tarde alterações dos ossos, dos órgãos profundos e do systema nervoso. E' a syphilis. E' conveniente saber que n'este mal as lesões internas se localizam de preferencia nas mucosas, na bocca e nas partes occultas.

Explicada assim, a syphilis deixa de ser uma doen-

ça especial, vergonhosa. E' apresentada tal qual é na realidade, — uma affecção banal, de nenhuma maneira localizada. E a advertencia que cada um póde deduzir do seu estudo vae directamente ao ponto principal ; mas garante tambem os *innocentes* que se infectam n'um simples beijo, levando á bocca um copo, um lapis, uma moeda, um sello sujo por um syphilitico. Este conselho preserva tambem de qualquer outra ulceração que, sem ter a gravidade da syphilis, se transmite frequentemente nas mesmas circumstancias.

Finalmente completar-se-ha a lição indicando uma terceira doença que caracteriza por uma inflammação das mucosas com derramamento contagioso. Esse humor cahindo nos olhos determina terriveis ophthalmias que, nos recém-nascidos, sam uma causa frequente de cegueira. Communicada a outros pontos do corpo e principalmente ás partes occultas, determina lesões inflammatorias com retrahimento dos canaes naturaes. Além d'isso póde todo o corpo ficar infectado, d'onde resultam doenças dos órgãos internos e rheumatismos articulados que se convertem ás vezes em enfermidades permanentes.

E está feita a instrucção sobre todos os pontos ; vê-se que sob esta fórma perde o seu caracter especial e deixa de chocar as pessoas timoratas.

Isto não me parece ainda bastante. E' preciso instruir os jovens sobre a funcção dos órgãos da reproducção. Segundo o mesmo methodo, é conveniente dar explicações geraes. Mostrar-se-ha isto : a vida transmite-se d'um individuo a outro, em todo o reino animal ; — em todos os seres superiores, no homem principalmente, este acto, que se tornou mais complicado e mais especializado, exige a collaboração de dois seres que dêem cada um d'elles elementos de vida, cellulas, da união das quaes resulta o novo ser ; — o exercicio d'esta funcção é acompanhado d'um prazer que incita a abusos ou a perversões, como todas as outras necessidades (comer ou beber) cuja satisfação é sempre agradável, e

está de tal fôrma em relação com a imaginação, que esse prazer pôde ser gosado até só pelo pensamento ; ao contrario da vida vegetativa em concordancia com o desenvolvimento do individuo, o instincto genesico deve só desabrochar quando o corpo está completamente formado ; todo o excesso, toda a perversão, todo o uso precoce, vae de encontro á evolução natural, entrava-a e provoca a eclosão das mais penosas nevroses e doenças physicas.

Em que creança normal esta linguagem logica e sincera deixaria de provocar reflexões prudentes e uma adhesão quasi completa ? Só este tom — eu tenho feito já a experiencia, — pôde vencer o espirito de malicia que é hoje a fonte habitual onde os rapazes adquirem esse ensino.

Até aqui parece que esta instrucção, tendo uma base physiologica, não poderia senão estabelecer nos individuos uma certa prudencia por causa das infecções especiaes, e fazê-los evitar as perversões, tornando-se pacientes e sobrios pela hygiene.

Isto não seria já mau de todo. Um individuo assim formado não estaria já muito longe da perfeição, porque n'esta materia, a moral tem a sua medida na sua adaptação á funcção que quer regulamentar.

Que faltaria a esse individuo ? A castidade ? Mas é facil demonstrar que ella pôde resultar d'um estudo desinteressado do assumpto. Theoricos da moral do instincto têm sustentado que a funcção sexual devia, como todas as outras, exercer-se sob pena de causar perturbações graves. A dar-lhes credito, a continencia era cheia de perigos e constituia um verdadeiro delicto natural. Tudo isto é d'uma physiologia romantica e mal analysada.

Entre as varias funcções, algumas ha que sam d'um exercicio necessario. Assim, é claro que todas as que se relacionam com a nutrição do individuo devem realizar-se sempre sob pena de decadencia organica. Mas a reproducção é uma funcção de luxo. Não pôde realizar-

se antes de a pessoa estar formada e depois que começou a declinar, nem até nos momentos de fadiga temporaria ou creada por um estado morbido. Não é imperativo, e os numerosos exemplos de homens, dedicados a trabalhos physicos e intellectuaes absorventes ou retidos por ideias religiosas, e tendo ficado castos uma vida inteira, sem perturbação physiologica apparente, sam bastante demonstrativos.

Considerando mais especialmente a mulher, alguns recearão que ella perca essa flôr de innocencia superficial que, aos olhos dos contemporaneos, constitue o seu maior attractivo. Basta conhecer raparigas que se dedicam a estudos naturaes profundos, como as estudantes de medicina, para affirmar que o conhecimento theorico da physiologia mais completa lhes não arrebatam nem o recato, nem o encanto que tinham antes dos seus estudos. No fundo, isso não é mais do que uma questão de educação e não tem que ver com esta instrucção. O mesmo se dá com os rapazes; a distincção de maneiras não é dada nem tirada pela sciencia. Em conclusão, não ha senão um involucro, sob o qual o pensamento está livre e sempre mais advertido do que a ingenuidade dos paes o suppõe. Tem-se assim muitas vezes uma innocencia méramente formal, que não deixa de ser um tanto hypocrita e reservada.

Eu passava um dia n'uma das ruas mais aristocraticas da cidade. Na beira d'um passeio um pequenito de cinco annos tinha-se despido para satisfazer apressadamente uma necessidade. N'este momento saía da casa visinha uma pequenita, muito elegante no seu vestido e pelas suas maneiras, conduzida por uma governante e que bruscamente ficou em presença d'este garotito incivil; era facil de adivinhar que em sua casa a mãe a vigiava ciosamente, fechando os livros, escondendo as imagens, interrompendo as conversas que poderiam revelar-lhe a mais pequena parte do mysterio da vida, do qual uma simples creança despreoccupada lhe erguia á sua parte uma ponta do véu.

Por mim, eu estou convencido de que é precisamente a mulher que deve ser mais instruída d'estas coisas, porque é ella a mais fraca moralmente e mais frequentemente victima das indelicadezas do meio exterior. Mais fria do que o homem, permanecerá ainda mais calma perante estas noções especiaes.

Além d'isso, o observador intelligente sabe apreciar a seu modo o receio dos ingenuos moralistas que declaram que a instrucção pôde despertar os sentidos das creanças. E' o único argumento que pôdem oppôr aos adversarios dos conhecimentos positivos; e sabe-se o que d'elle fica. Este despertar dos sentidos faz-se um pouco em tudo; e só um ensino ordenado é capaz de o regularizar e de o moralizar. O que é preciso não é collocar um véu illusorio sobre os olhos estranhamente solicitados e curiosos de conhecer, mas um freio ao instincto que desperta.

Julgo ter sufficientemente desenvolvido as vantagens do systema do conhecimento positivo applicado a esta ordem de idéias. Não me foi possivel indicar senão o principio, suggerir praticas essenciaes. Quanto á applicação, á escolha do momento proprio — que deve naturalmente ser nas proximidades da puberdade — aos conselhos e aos exercicios apropriados para os fortificar, isso é com os paes. Uma instrucção completa d'este ensino — que me tem sido muitas vezes pedida — poderia constituir o objecto d'um livro inteiro; não pôde, pois, tratar-se aqui.

\* \* \*

Tiremos do conhecimento physiologico da funcção o principio da moral social. Toda a disciplina consistirá, pois, em conter esse instincto.

E' certo que a maior parte das pessoas podem ser impunemente castas, e agirá prudentemente o que assim o fizer se não tiver uma união fixa, porque terá uma economia de riscos e, além d'isso, vantagens sociais.

Em qualquer dos casos, a moderação será a lei d'esta actividade, que sendo o luxo, não pôde invocar o pretexto da necessidade. Não darei, comtudo, como medida o resultado a attingir, a perpetuação da especie, porque esse fim só diz respeito ás faculdades e consciencia de cada um. Pôde admittir-se que o dever das pessoas sãs e em boas condições economicas, é fornecer á collectividade membros novos. Mas é legitimo que individuos fracos e pobres tenham escrupulo em dar a luz a seres que talvez não viessem a ser para a sociedade uma força real.

O sentimento não deve ser excessivo. O amor-paixão é uma actividade tam perigosa como qualquer outra paixão. E tem-se dito muitas vezes, e com razão, que um louco amor é um amor de louco.

O que se deve sobretudo combater com a mais forte energia é todo o symptoma capaz de fazer desviar esta função. Muitas vezes as grandes perversões têm principios insidiosos, dos quaes o individuo advertido deve desconfiar logo. Não deverá tolerar nenhum desvio n'esse ponto; porque, se se deixa tomar, bem depressa se distanciará das regiões calmas da vida moral.

Considero como uma perversão o facto de julgar a mulher objecto d'um sentimento sensual, como um simples elemento de prazer. Quando um homem toma assim uma companheira, enganando-a conscientemente sobre a natureza da sua inclinação, commette um delicto moral; quando a possui á maneira d'um divertimento d'um certo genero, torna-se cúmplice do acto degradante que elle proprio commette.

N'esta materia, é facil contrahir bons habitos. Se nos instinctos tyrannicos da nutrição, o homem tem de travar rijos combates comsigo para os dirigir, não se dá o mesmo quando se trata de uma função de luxo como é o prazer genesico. Que se tenha bem presente este principio, exacto e fecundo, que n'isso tudo se pôde fazer approximadamente do que se quer. Os mais arden-tes sabem conter-se, derivando a sua actividade intellec-

tual; observa-se nos meios em que o freio moral não é exercido e é mesmo posto de parte. Lembro-me bem que das salas de guarda dos hospitaes, onde vivi durante os annos mais activos da minha juventude, a continencia reinava sem esforço durante os periodos dos concursos e dos exames.

Ah! eu bem sei que estes conselhos não têm probabilidades de ser seguidos senão no principio da vida. Quando já o peso d'uma longa actividade deixou uma forte impressão, parece impossivel desvanecê-la. O individuo, tornado o escravo do seu instincto, é então como o fumador para com o cigarro. Sorri dos conselhos que lhe parecem desconhecer completamente o coração humano e despreza-os, dizendo: "Não se póde ir contra a lei da natureza." Diz a verdade; mas essa lei, que o sujeita, não a encontrou já assim. Foi elle que, pela sua submissão ao instincto, por voluntariedade, a deixou estabelecer-se; e agora o domina cruelmente.

## Como evitar o mal

Necessidade d'uma disciplina hygienica individual— A educação contra os males phisicos — As perturbações por excesso de actividade — O cansaço — As perturbações por falta de exercicio sam raras — As doenças contagiosas — Os males phisicos— A neurasthenia, as obsessões e as impulsões — Educação methodica para evitar perversões mentaes.

A educação d'um espirito seria incompleta se não consistisse na applicação de regras para desviar o mal, Poderia mesmo dizer-se que falhava ao seu fim principal, pois que para se aperfeiçoar é preciso antes de mais nada que o ser exista e dure.

Que se póde evitar o mal é uma coisa assente em sciencia. Todos os esforços da medicina moderna tendem para a hygiene, precisamente porque ella é efficaz. Mas o que aqui nos importa é a disciplina individual, systematica, estabelecida para a conservação da saude e ligada a uma tactica geral de educação.

\* \* \*

Os males podem dividir-se segundo as funções que perturbam. Sob esse ponto de vista, uns parecem agir mais especialmente sobre o nosso organismo phisico e outros mais especialmente sobre a nossa organização

mental. Digo mais especialmente, porque, na realidade, a maior parte actuam em graus diversos em cada uma das nossas funções.

Consideremos em primeiro logar os males physicos. O maior numero nasce do excesso da nossa actividade ; e sempre o mesmo prejuizo nos leva aos mesmos erros.

Todos os que estam em condições economicas normaes comen: muito. Calculou-se que bastaria ao homem um gramma approximadamente de materia azotada por cada kilo do seu peso ; ora as razões ordinarias elevam quasi ao dobro esta quantidade. Se é a carne que se come em excesso — o que é habitual — formam-se nos humores productos perdidos, *purinas*, que irritam o fígado, os rins, o coração, e criam doenças graves. A atheroma generalizada, ou rompimento dos vasos, leva á velhice e á morte precoces no meio de atrozes soffrimentos. Se a alimentação demasiada é constituída por substancias gordas ou assucaradas, os órgãos infiltram-se de gordura ; e o coração, sobrecarregado, realiza com difficuldade a sua função.

Quando o individuo é muito activo ainda póde queimar completamente estes materiaes. Não ha senão um meio mal ; mas ha já um mal, porque os órgãos tem de ter uma elaboração chímica difficil. Mas em caso de actividade geral insufficiente, o perigo é augmentado pela accção d'estes productos não ou mal utilizados. Os obesos sam doentes.

Mesmo os pobres commettem excessos com certos alimentos. O operario está persuadido de que as bebidas alcoolicas sam o alimento do trabalho, e conso-me-as abundantemente.

O peor é que a alimentação serve de distracção, de sport. Quando se quer festejar um acontecimento feliz ou simplesmente acolher bem os amigos, dá-se uma grande refeição, o que fatiga o estomago e causa um certo mal estar no funcionamento do organismo. E' um pouco como se, para manifestar a nossa alegria, in-

flingissemos á nossa cabeça e ao nosso peito um sofrimento de algumas horas!

O abuso do exercicio do trabalho leva a males sem numero. Um orgão que funciona demasiadamente não se repara. Constitue para as infecções um terreno preparado; e quando é todo o corpo que soffre esse excesso, o individuo cae n'um estado critico.

Cada um de nós tende para o cansaço. Cada vez o profissional está mais submettido, na sua actividade, ás excitações da lucta economica. O excesso observa-se tambem muito frequentemente no exercicio de luxo que é o sport. E'-me preciso insistir n'este ponto e combater um erro commum. Muitas pessoas entregam-se a praticas de marcha, de gymnastica, de esgrima, com a ideia de que sam necessarias á saude. Não é inteiramente assim. O exercicio physico desenvolve o vigor; mas não se realiza senão á custa de fadigas repetidas que gastam o organismo. De facto os sportmens conservam durante muito tempo a flexibilidade e a força da juventude — de que essas qualidades sam apenas a mascara — mas a maior parte não parece viver mais tempo. Longe d'isso, muitos morrem prematuramente de doença accidentada contrahida durante os seus exercicios ou mesmo de tysica, em resultado de excesso physico.

Precisa-se, pois, de saber-se se o vigor physico vale estes sacrificios. Não o parece. No maior numero das profissões modernas não é necessario desenvolvê-lo muito. Um athleta collocado n'uma loja de modas ou n'um escriptorio não encontra em que exercer a sua superioridade muscular.

Observae que as mulheres não desenvolvem a sua força physica; comtudo vivem mais tempo e nascem d'ellas os homens. O seu exemplo mostra que é preciso pouco exercicio muscular para se viver bem. Quando o individuo está formado, o equivalente d'uma legua de marcha por dia com uma alimentação moderada é o bastante geralmente para se manter em bom estado. Não

aprovamos o uso do sport, util para certas profissões, captivante distracção, mas que não corresponde a uma necessidade physiologica.

Não voltarei a falar aqui da funcção sexual, que examinei no precedente capitulo. Tambem os seus abusos causam multiplas perturbações, e, sobretudo, estados neurasthenicos. O prejuizo leva a estes excessos lamentaveis sob o pretexto de que esta funcção existe e deve ser exercida. Já affirmei que se devia considerar uma funcção de luxo e que não havia em geral perigo na abstinencia, apezar das historias romanescas com que enchem a imaginação dos rapazes.

E' ainda o excesso que é a causa, quando o frio e o calor, dois modos differentes de excitação da mesma energia physica, nos impressionam muito fortemente; quando um corpo nos choca e produz traumatismo causa ferimentos e abalo dos nossos órgãos profundos, podendo ir até á paralisação funccional; quando ruidos muitos intensos lesam o nosso aparelho auditivo; quando excitações demasiadamente fortes ou muitissimo repetidas alteram a nossa visão e as nossas outras sensibilidades.

Em comparação com os males causados pelo abuso, as perturbações por falta sam mais raras. Em primeiro logar é porque a privação é menos agradavel do que o excesso. Correr muito é um prazer, reduzir a razão não offerece actualmente nenhuma satisfação. A marcha, o exercicio sam gosos positivos, ao passo que é preciso estar-se fatigado para apreciar a satisfação negativa d'uma menor actividade. Da mesma maneira a funcção sexual é attrahente; e não se saberia evidentemente ter alegria presentemente em a restringir.

Mas, quando se quer, é possivel a abstinencia sem perigo de todas as funcções, excepto a da nutrição. Observei doentes nervosos, que com um fim de tratamento, se mantinham no leito durante mezes. Na Allemanha, empregam-se para as doenças mentaes banhos prolongados durante longos periodos. E em muitos ca-

sos, o organismo não parece soffrer sensivelmente esta situação anormal. Parece que basta pouco exercicio para manter a saude : porque os movimentos que um individuo póde fazer no leito ou no banho sam o bastante.

Só a nutrição é imperativa ; e é perigoso restringi-la demasiado. E' ainda possivel fazê-lo sem perigo — e mesmo pelo contrario com alguma vantagem — n'uma certa medida. Mas de facto — e isto confirma esta these — não se faz essa restricção porque custa muito. Assim todos os esforços individuaes e collectivos se conjugam para impedir esse soffrimento.

A falta de alimentação e de ar, que é actualmente ainda uma causa social de doença, tende sem cessar a diminuir. Interessa-nos menos isso aqui porque não está submettido, como o excesso, á vontade e por consequencia á educação do individuo.

Sob o ponto de vista que nos importa — a formação d'um espirito — trata-se só de conseguir o habito de evitar o excesso.

\* \* \*

Depois das doenças causadas por abuso, devem ser classificadas as affecções provocadas por uma infecção : sam as doenças contagiosas. Umas — a variola, o sarampo, a escarlatina — podem transmítir os seus germens por meio do ar, com uma tal facilidade que as precauções pertencem mais á hygiene publica do que á educação individual. Em todo o caso deve-se ter presente que a revaccinação periodica — de dez em dez annos — é uma boa medida e que, salvo o caso de assistencia a um doente, é prudente não penetrar no meio infectado.

Ha outras affecções, maiores e menores, que se adquirem pelo contacto : as ulcerações banaes, as da syphilis ; as inflammações das mucosas e principalmente dos olhos ; as lesões cutaneas provocadas por parasitas ; a erysipela, os panarícios, os furunculos e todas as irritações da pelle. Podem-se evitar todos estes males pela prudencia e a limpeza.

Que se tenha sempre presente esta noção um pouco inquietante de que os germens de todos estes males podem estar depositados em tudo o que nos cerca e que nós tocamos, e esta outra — pelo contrario tranquillizadora — que não penetram em nós senão pelas nossas mucosas (olhos, bocca, partes occultas) ou atravez as arranhaduras da pelle.

Portanto não aproximemos das nossas mucosas senão objectos limpos ; lavêmos sempre as mãos antes de comer ou de as levarmos aos olhos. E quando observarmos a mais pequena arranhadura na nossa pelle, cubramo-la depois de a termos cuidadosamente lavado. Resguardemo-nos sempre dos germens morbidos.

Esta politica do contacto adaptada a certas circumstancias, preservar-nos-ha da tuberculose que se communica pelos escarros ; da febre typhoide que vehicula a agua não esterilizada ou não fervida ; da tenia que se encontra na carne de vacca que se não coseu bem.

Em conclusão : se souberdes habituar-vos — pelos exercicios repetidos que criam em nós uma regra tyrannica — a evitar o excesso e os contactos suspeitos, tereis encontrado a chave da hygiene individual, e podereis afastar do vosso caminho o maior dos males physicos accidentaes.

\* \* \*

Chegamos ás doenças mais especialmente mentaes, principalmente a essas affecções estranhas e crueis que pertencem ao grupo das neurasthenias.

Vejo todos os dias, no meu consultorio e na cidade, seres torturados por abatimentos de energia, por temores morbidos, por impotencias da vontade. Em plena lucidez, sentem-se arrastados — sem poder resistir — por correntes emocionaes que os levam a actos absurdos, perturbadores da sua actividade domestica e social.

Um tem a apprehensão de viajar só em caminho de ferro, o outro de atravessar uma ponte ; este desperta no meio da noite com a angustia de morrer subita-

mente ; outro teme a presença d'um estranho na obsessão continua de corar ; um outro sente um grande impulso para beber, brincar, fazer mal aos seus ; outros não podem realizar acto nenhum sem serem tomados interiormente pelos mais estranhos escrupulos ; outros não sabem determinar-se para um trabalho um pouco prolongado. Todos estes infelizes escarnecem e desprezam as suas "manias", de que elles comtudo não podem libertar-se por si proprios e que lhes envenenam a vida. Eu sei conduzi-los por uma educação racional para o equilibrio do seu espirito. Mas quantas vezes eu para mim mesmo tenho dito quam mais facil teria sido impedir o desenvolvimento d'estas psychoses ! E minha convicção absoluta, baseada sobre uma multipla experiencia que — mesmo no caso de uma grande predisposição, por vezes hereditaria, ser a causa d'estes desvios — uma forte disciplina moral póde preveni-los e detê-los desde o seu começo.

As fórmãs d'estas perversões sam muito numerosas. Podemos agrupá-las em poucos capitulos. Umãs perturbam a consciencia moral ; dá-se então o escrupulo exaggerado, absurdo, nos actos mais insignificantes. Assim, o doente que não podia resolver-se a esvasiar o cesto do escriptorio, sob o pretexto de que notas, susceptiveis de ser um dia uteis a terceiros, se podiam encontrar entre os fragmentos de papeis sem valor.

Ainda outras perturbações affectam o sentimento. Uma d'ellas, a principal, é o medo, a *phobia*, que tem por objecto uma coisa ridicula e invade por crises todo o ser. E' tambem uma perversão d'um sentimento normal, como o da especie.

O terceiro grupo comprehende as alterações da vontade, a incerteza habitual, a abolia ou as impulsões desordenadas.

Estas perversões começam ás vezes a manifestar-se muito cedo. Principiam surdamente, por occasião d'um facto que as parece justificar. Assim, um individuo teve, uma vez, uma sensação vertiginosa fóra da sua casa.

Este facto impressionou-o ; pensa n'elle sempre ; e embora essa sensação se não tenha reproduzido, vive n'uma inquietitude continua e reduz a sua actividade exterior para não ser surprehendido fóra de casa.

Os mesmos processos se observam com todas as outras perversões. Como realizar a defeza ? Deve-se em primeiro logar reparar que todas ellas sam formadas pelo desenvolvimento excessivo d'uma ideia, d'uma imagem, d'um sentimento. Ora é proprio da vida racional do espirito subordinar sem cessar todos os elementos a um fim justo, reflectido e acceto. Pelo contrario a ideação do sonho e da loucura não nos dá esta coordenação. A harmonia não se realiza, e cada elemento conserva a sua autonomia e pôde predominar ; é a desordem, o illogismo nas imagens e nos actos. A mesma confusão — n'um grau menor e coexistindo com uma lucidez geral—existiria egualmente em todos os estados mentaes que estudamos aqui.

A disciplina a oppôr a estes estados nascentes deduz-se facilmente d'estas explicações. Deve-se impedir que um elemento intellectual, — por mais justificado e inoffensivo que pareça — tome um desenvolvimento illegítimo. O esforço constante da educação deve ser vigiar estas desordens na sua origem, por occasião dos accidentes que as provocam ordinariamente.

Um exemplo significativo nos é fornecido pelos tics. Sabe-se que sam spasmos, muitas vezes da face, e que consistem em verdadeiros gestos repetidos sem utilidade. Ora, no principio, estes movimentos tiveram uma significação e uma utilidade. Assim uma creança entrou-lhe para um olho um corpo estranho. Começa, por movimento reflexo, a piscar os olhos, para se aliviar. E quando depois d'um certo tempo, se extrae o corpo, mantem o acto inutil, transformado em tic. Dahi em deante e durante toda a sua vida, mexerá as palpebras a todo o instante como se tivesse ainda o mesmo grão de poeira que um dia lhe despertou violentos movimentos de defeza.

Não se deve, pois, nunca tolerar que uma ideia, um sentimento, um gesto instinctivo se torne preponderante. E' desde o principio, logo a seguir a uma viva emoção ou accidente — que poderia legitimar um tal desenvolvimento — que o devemos combater com todas as nossas forças.

\* \* \*

Para evitar o mal a disciplina é muito clara e encerra curtos conselhos. Comprehende-se bem como elles resultam d'um systema de educação geral. Quanto mais educado fôr o espirito mais apto está para luctar contra os males. E, em ultima analyse comprehendemos que uma vida physiologica normal é o signal e a prova d'uma boa intelligência. Mas eu entendo por isto uma intelligencia *total* e não um espirito inharmonico, em que brilhantes qualidades occultam uma alteração profunda do sentimento, em virtude da qual um homem de genio póde com exactidão chamar-se um imbecil moral.

Foi por isso que eu colloquei aqui — em vez de o relegar para a hygiene — este capitulo que é o remate logico d'uma disciplina geral de espirito. A saude é, para muitos, um acto intellectual.

# APPENDICE

## I

### Os retardados

Ha actualmente um pouco por toda a parte a preocupação de abrir nas escolas classes de anormaes, por se ter reparado que em todos os estabelecimentos de ensino ha individuos que não podem acompanhar os seus condiscipulos. Fundamentalmente inintelligentes ou instaveis, por vezes enfermos physicamente sam sempre os ultimos. Parece, pois, natural reuni-los em cursos especiaes para lhes applicar methodos que sam ao mesmo tempo do medico e do pedagogo. Mas a questão— como se vae ver — é mais ampla do que um problema puramente escolar.

Um prejuizo muito geral é que todos os individuos se desenvolvem d'uma maneira sensivelmente igual segundo um typo ideal que passaria regularmente pelas grandes phases da vida dando a cada uma o corpo, o espirito e os caracteres moraes correspondentes. Ou pelo menos se dava tudo exactamente como se isto assim se passasse. E tem-se pouco cuidado em ajudar os retardatarios a vencer cada um d'esses degraus.

Quantos realmente se apartam do schéma pelos defeitos da sua organização physica, intellectual ou moral e que, observados a tempo, poderiam ter aproveitado um auxilio conveniente !

Encontrava-me eu um dia n'uma carruagem de cami-

nho de ferro ; tinha em frente de mim um cavalheiro de aspecto imponente, forte, de estatura elevada. O que impressionava os menos observadores era que, apesar da sua estatura, a sua corpulencia e um ar já edoso, conservára uma certa expressão de jovem, de muito jovem. A face era redonda, gorda e *absolutamente imberbe* ; dir-se-hia que tinham collocado n'este enorme corpo uma descommunal cabeça de creança. Reparei-lhe nas mãos sapudas com fossas profundas como as têm as creancinhas, os hombros redondos e baixos e as pernas d'um tamanho muito desproporcionado. Compreendi então o atrazo de desenvolvimento que impedira este individuo de se tornar adulto. Crescêra, engrossára, era forte e mesmo intelligente (porque lia com toda a attenção um periodico sério); mas permanecêra, no seu involucro quasi athletico e sob a sua elevada fórma viril, um infantil.

Ora se os paes tivessem reparado — n'um dado momento da sua juventude — podiam ter provocado uma intervenção medica que, nestes casos, e principalmente hoje, é muitas vezes efficaz. Mas tinham-lhe dado um vestuario igual ao dos seus camaradas ; tinham-no mandado á escola e devia comportar-se como os outros.

Esta fallencia physica do ponto essencial é muito rara. O que acontece mais geralmente é o não desenvolvimento pleno de uma das outras funcções, por falta d'uma vigilancia sufficiente. A falta de alimento ou de exercicio é um obstaculo para o crescimento ; e o individuo permanece pequeno, acanhado, pouco resistente a certas fadigas. A pesagem mensal e a medida semestral permitem aos paes notar o momento em que a evolução normal se detem e reparar esta crise. Mas é mais facil ter-se o cuidado de pesar um animal que se está a engordar para ser servido um dia na mesa, do que uma creança de que se deve fazer um homem.

Este retardamento physico é ainda mais grave nas raparigas, com que menos ainda se occupam, não obs-

tante estarem ellas destinadas a alimentar com as suas reservas os filhos que conceberem.

A's vezes basta uma pequena lesão para fazer d'um adolescente um retardado. Assim vegetações adenoides na garganta embaraçam o livre desenvolvimento do peito. Tire-as : e o thorax, que estava retrahido, amplia-se sem constrangimento e dá aos pulmões mais espaço e ar.

São immensos os retardados dos sentidos. Apoz uma otitis, o ouvido enfraquece-se na creança. Tornaria a adquirir o seu poder se a reeduca-sem em vez de a abandonarem á sua regressão.

As más condições de illumination criam na escola uma grande quantidade de myopes, verdadeiros enfermos, para os quaes certas profissões serão interdictas. Eu fui educado n'um collegio militar, onde muitos rapazes sonham com a Escola Naval e a vida official de marinha. E recordo-me de condiscipulos com qualidades e cheios de enthusiasmo por essa carreira terem de renunciar a ella e serem n'outros mistéres maus funcionarios, por não poderem satisfazer a um exame de visão a distancia, no qual um selvagem ou um macaco teriam triumphado. N'isto ainda os paes sam culpados, — pelo menos de ignorancia, — por deixarem usar os filhos myopes vidros escolhidos por qualquer e cuja consequencia é aggravar uma enfermidade ligeira. O mesmo succede com os que não preservam o olfacto em que se manifestam por varias vezes corysas.

Tudo isto não é, porém, o peor.

O retardamento mais grave é certamente o *deficit* da intelligencia. Ha creanças que, por falta de attenção ou mesmo em virtude d'uma simples perturbação dos sentidos, sam incapazes de seguir o ensino collectivo. Tentam, mas sam repellidos para as ultimas filas ; então, recambiados pelos seus professores aos paes, que os punem e os corrigem por sua vez, tornam-se manhosos e viciosos como cavallos brutalmente tratados. E entre estes desgraçados ha muitos que, conduzidos

d'outra fórma, se teriam podido instruir e occupado o seu logar na sociedade.

Eu recordo-me ainda hoje de alguns d'esses cancos do curso, que eram a alegria dos meus mestres e dos meus condiscipulos. O seu aturdimiento quando eram por excepção interrogados era completamente risivel. Por pouco chegariam a queixar-se de ser interrogados. Na realidade, por virtude d'um contracto tacito, elles estavam presentes na escola, mas não faziam na verdade parte do curso. Collocados nas bancadas mais altas, alli se occupavam de trabalhos extraordinarios, — domesticação de moscas, construcção de objectos em papel mastigado, experiencias de chimica alegre em que o tinteiro era o cadinho e a tinta o principal reagente.

Evoco alguns. E agora, á minha reflexão apparecem-me como victimas de taras. Um era muito duro de ouvido e não podia seguir as explicações do professor; outro queixava-se de enxaquecas rebeldes que o atacavam logo que fôrçasse durante muito tempo a sua attenção; outro era um instavel, obrigado a gastar-se n'uma actividade physica como um cão novo ainda. Nenhum era realmente um debil intellectual; mas o primeiro tinha a necessidade de lhe falarem mais lentamente e mais perto; o segundo seria bem comportado em aulas d'um quarto d'hora; o terceiro teria podido trabalhar se lhe dessem de vez em quando licença de ir dar uma volta pelo pateo. Em vez d'isto permaneciam sentados no seu banco, com o espirito n'outro sitio ou em parte nenhuma, e estremecendo ao som do signal que pela manhã e á tarde os tirava d'esse logar de supplicio que para elles era a aula.

Falta referir-me aos retardados moraes. Não é d'elles a principal responsavel a escola, mas a familia; e é n'este caso que se mostra bem a falsidade do prejuizo de egualdade moral dos individuos.

Eu lembro-me d'uma creança que muito cedo ainda começou a manifestar perversas disposições. Um dia cortou a pata d'um cão; d'outra vez pretendeu afogar

um irmão. Todos os dias apparecia com um novo defeito, de que os paes simplesmente se admiravam muito. Julgavam que crescendo os seus sentimentos moraes se desenvolveriam e se tornariam firmes. Mas foi esperar em vão. Esse rapaz bastante intelligente, ficou sempre um imbecil moral. Como outros que são avessos ás mathematicas e não comprehendem nada d'esse raciocinio abstracto e continuo, assim elle estava tomado d'uma verdadeira cegueira a respeito das verdades moraes communs e mais elementares; e a sua vida foi, desde o principio, uma série de deshonestidades e de delictos.

Para esses debeis moraes é precisa uma educação especial, que deve ser dirigida por um medico bastante psychologo para penetrar n'estas consciencias e encontrar os pontos de apoio necessarios para uma acção pedagogica.

N'esta categoria, mas afastados d'estes ultimos pela moralidade, estam os emotivos que, intelligentes e honestos, permanecem, pelas suas reacções nervosas intempestivas, creanças grandes. Sam escrupulosos, incredulos, sempre obsediados por algum receio absurdo, e, apezar dos seus grandes dons intellectuaes, sam ainda por este lado pueris e fracos. Sam verdadeiros retardados do sentimento.

Vejo muitas vezes d'estes doentes, pobres atormentados que têm medos ridiculos como viajarem sós em caminho de ferro, atravessar uma ponte ou uma grande praça, sahir por um dia de tempestade, corar em publico; e constato em geral que todas estas phobias, estas obsessões, estas fraquezas sentimentaes sam o effeita de maus habitos contrahidos na epocha da puberdade. E' n'esse periodo que é preciso — e póde-se facilmente fazê-lo, assim o entendo — dominar estas tendencias irrationaes e perturbadoras das melhores intelligencias.

Não, nós não caminhamos com um passo equal. E' falso e perigoso imaginá-lo; é desastroso sob o ponto

de vista social agir segundo este principio. Atraz dos batalhões cerrados dos homens validos que marcham com um passo firme á conquista da vida, reparae no miseravel sequito dos que se deixam arrastar sem vontade propria. Aos educadores e aos paes compete conhecer esses retardados do corpo e do espirito ; e aos medicos compete fazê-los adquirir valor, torná-los mais completos, mais lucidos, mais senhores de si propios.

## Juventude

Cada anno que passa, traz á vida social uma coorte de jovens e faz declinar cada vez mais os velhos. Doze mezes a mais permitem ao adolescente casar se e dispôr dos seus bens ; doze mezes a mais afastam os quadragenarios de muitos empregos invejados.

Porque se dá este tratamento desagradavel, ao qual se não resignam de boa vontade os que avançam na existencia ? Que lei é esta — verdadeira lei de bronze da actividade collectiva — que se applica a tantas carreiras ? Terão os trabalhadores de se lhe submeterem sempre ? E' tempo de reflectir n'isto.

Os jovens não sabem. Deve entender-se por isto que não têm experiencia da vida. O homem, com a sua primeira ligação amorosa, está mais ignorante da mulher e á sua mercê. N'esse duello que é o livre recontro sexual, a malicia, a hypocrisia sam os botes ordinarios ; e o ingenuo que os não estudou em situações identicas anteriores sente-se ferido a cada lance. Mesmo na pratica sentimental se deve aprender.

Isto é perfeitamente visivel nas relações da sociedade. O adolescente está, no meio dos amigos e dos indifferentes, seus visinhos e camaradas, como um pequenino cão que soltaram nos canteiros d'um jardim, e que cor-

re, partindo os arbustos, mas sem desejo de fazer mal e só pela simples necessidade de movimento.

Na actividade profissional, a juventude é em geral pouco habil. Por um excesso de combatividade, offende os auxiliares e transforma os indifferentes em inimigos; pela ignorancia de certos dados importantes, prepara o fracasso das suas combinações. E' natural que ella propria d'isso se admire porque possui os dados geraes. Assim um engenheiro no principio está mais instruido de coisas theoreticas de que um engenheiro mais velho. Tem presentes no espirito um grande numero de conhecimentos que constituem a preparação necessaria da sua profissão e que o outro já esqueceu. Mas o que elle não adquiriu ainda é a arte de applicar estas noções aos factos concretos.

O medico traz, á sahida da escola, uma instrução exacta sobre a composição dos medicamentos. Saberá por exemplo que os principios activos da *digitalis* se encontram nas folhas, que variam com a proveniencia da planta, a sua idade e a maneira como a seccaram; poderá citar sobre este assumpto analyses precisas e factos d'uma douta erudição. Será capaz de enumerar a maior parte das preparações pharmaceuticas em que entra esta substancia e em que proporção, quaes sam os seus varios effectos e as suas indicações sobre o estado morbido e a resistencia do coração ou dos rins. Mas um medico mais velho relacionará essas noções, que no principio nos apparecem quasi todas no primeiro plano como os personagens d'um desenho feito por uma mão inexperiente; e, collocado perante um caso concreto, verá logo o que póde ser efficaç com menos perigo para o doente.

Em conclusão, não é inteiramente verdade dizer-se que o joven não sabe. Possui pelo contrario mais do que os velhos os principios theoreticos, livrescos, as regras geraes, tudo o que é de segunda mão e de duração ephemera no espirito; ignora a arte de applicar esses conhecimentos aos problemas da realidade. O ra-

ciocínio da juventude é frouro, porque esta funcção é producto do trabalho pessoal. É excellente na guerra, em que a audacia, a bravura physica e o espirito de decisão — que embaraça a reflexão por vezes — sam as qualidades primaciaes. Triumpha nas obras de sentimento, e tanto mais quanto mais simples forem os meios de expressão; Mozart poudo compôr uma missa aos onze annos, Raphael pintar algumas das suas bellas virgens antes dos vinte annos, ao passo que um auctor dramatico de vinte annos arriscar-se-hia muito a fazer pinturas de caracteres muito ingenuas. O raciocinio mathematico, que assenta n'um mundo artificial, muito logico e simples, possui-o a fundo ás vezes um cerebro ainda joven. E' por isso que a idade da entrada dos mathematicos para o Instituto chega a baixar até aos trinta annos, ao passo que um sabio que se dedica ás sciencias de observação, á biologia, á medicina, não tem meio de impôr-se senão ao chegar aos cincoenta.

A moralidade augmenta com a idade até ao periodo adulto. A creança é naturalmente immoral e foi um erro de Jean-Jacques Rousseau acreditar na pureza natural dos nossos instinctos. O seu sentimento forma-se como a sua percepção e como o seu juizo equitativo para com outrem ao mesmo tempo que se vae formando o seu raciocinio scientifico. A coacção social, que se não faz sentir nos primeiros annos de vida, pelo menos orienta os indifferentes e os indisciplinados.

O sentimento maternal desenvolve-se na mulher com a gravidez e a puericultura. O sentimento paternal não chega ás vezes a desabrochar em certos homens. O respeito pelos outros é mais fragil na creança do que no adulto. Os crimes mais repugnantes, como o assassinio em circumstancias tragicas, sam commettidos por adolescentes. Assim, tomando para exemplo o anno de 1901, condemnados á morte, 11 — ou sejam  $\frac{2}{3}$  — em 18 eram menores. O "pâle voyou," de Paris tem dezoito annos. Póde sustentar-se que até aos trinta annos a consciencia moral d'um individuo está em plena formação.

O corpo dos jovens não está em melhores condições do que o seu espirito, apesar das apparencias contrarias. Paga um pesado tributo ás doenças infecciosas que indicam uma resistencia insufficiente aos ataques dos organismos adversos, isto é uma individualização ainda fraca. A variola, o sarampo, a escarlatina, a coqueluche, a diptheria originam profundas hecatombes nos primeiros annos da vida. A febre typhoide causou no anno de 1903, tomado como exemplo, 32 obitos dos vinte aos vinte e quatro annos, 19 de vinte e cinco a vinte e nove annos, 16 de trinta a trinta e quatro annos, 12 de trinta e cinco a trinta e nove annos, 7 de quarenta a quarenta e quatro annos. A proporção dos obitos femininos segue uma curva analoga.

Mas então, se a juventude é ignorante da arte da vida, se ella não tem uma maneira perfeita de julgar das coisas e raciocinar, se é quasi amoral, se não tem a saude e o vigor de que nos mostra a brilhante apparencia, porque se procura para o trabalho ?

E' um facto que nas profissões subalternas isto se dá assim. Aos quarenta annos, o individuo que está cheio de força, de saude e de intelligencia desenvolvida, é bannido da vida economica se não chegou a crear uma situação inexpugnável. Ah ! a miséria d'esses desgraçados que, atirados á rua por um qualquer accidente, sam recusados em toda a parte por causa da sua idade ! Um operario e mais ainda uma operaria não pódem decentemente apresentar-se de cabellos grisalhos a um novo patrão. Muitos d'elles me confidenciaram que eram obrigados a pintar os cabellos. Mas a sua figura, as rugas da pelle, esse ar de frescura postiça não enganam aquelles a quem se dirigem.

Preferem-se os jovens, apesar de todos os seus defeitos, porque sam mais activos embora turbulentos — e mais docéis visto que sam menos pessoases — porque pódem desenvolver uma força maior n'um dado momento e illudem mais os outros a respeito do seu vigor real.

Finalmente a influencia latente que favorece a juventude resulta do instincto sexual. O homem comprehende que é incitado a mostrar-se mais benevolente, mais cortez, mais generoso para com a mulher se ella é joven, isto é, se desperta n'elle, embora em pequeno grau e d'uma maneira casta, o sentimento amoroso. Assim juventude e amor andam associados no nosso espirito, se bem que nós relacionemos com ambos os sexos a sympathia que nos inspira a juventude.

O resultado d'estas causas é ser difficil ao desgraçado trabalhador que attinge os quarenta annos encontrar collocação. Frequentes vezes se me dirigem mulheres contando-me a desgraça em que se arrastam. Os seus companheiros, os homens, sam abrangidos tambem por essa lei severa, mas só quando occupam funcções inferiores. E como a mulher não tem ainda hoje senão os empregos menos elevados na hierarchia social, está mais cruelmente submettida a esta rude condição.

Pelo contrario nas profissões liberaes, a importancia da situação augmenta com a idade, porque as qualidades physicas, a força, a actividade e as qualidades moraes juvenis — a docilidade — não sam uteis.

Um dia fui a uma agencia de creados de servir, para arranjar um. Os que tinham quarenta annos não ousavam dizer-me a data do seu nascimento; e eu pensava que, na minha profissão, um homem n'essa idade era novo para occupar certas situações em que é preciso saber-se ter uma certa reflexão.

A evolução do trabalho, em que a intelligencia tende cada vez mais a supplantar o corpo, cuja actividade é suplantada pela da machina, diminuirá pouco a pouco esta desigualdade baseada na idade. A juventude será menos proeminente do que hoje nas profissões subalternas; e o homem que tenha adquirido mais experiencia e sciencia real do seu mistér, por mais obscuro que seja, não verá — por um paradoxo doloroso — diminuir o seu valor economico á medida que se desenvolvem as suas aptidões.

Se se quer vêr em toda a sua brutalidade a preferencia dada á juventude, basta olhar para os nossos humildes auxiliares, os animaes. N'elles as qualidades requeridas para um trabalho podem ser exploradas nos pri meiros annos de desenvolvimento ; aos cinco annos um cavallo está já no seu pleno rendimento.

Da mesma fórma o operario, que tem u m trabalho simples a realizar e quasi só physico, chegará muito depressa ao grau optimo.

O progresso do trabalho colectivo deve realizar-se n'uma organização em que cada um terá uma parte pela sua iniciativa que se desenvolverá naturalmente com a formação do seu espirito. O pae deve desviar o filho dos trabalhos muito faceis. O que se dedica a elles retrograda ; e, no enervamento cego das primeiras luctas desperdiça o bem fragil da sua juventude.

## A necessidade do trabalho

O trabalho tornou-se a questão mais absorvente da nossa epocha. Tanto os hygienistas como os legisladores têm tido a necessidade de com ella se preocuparem. E não vem muito longe o tempo em que se empregarão todas as forças intellectuaes e todos os esforços sociaes unicamente em solucionar estes multiplos problemas.

Eu vejo em volta de mim ricos que, por ambição ou por simples curiosidade, se entregam a trabalhos absorventes. Um é medico e supporta concursos interminaveis; outro entrega-se ao estudo da economia politica e trabalha dias inteiros a comparar fastidiosas theorias sobre o capital, a troca ou moeda; outro faz parte de numerosas commissões de assistencia, organizando relatorios e realizando inqueritos.

Todos elles têm um desejo de trabalhar imperioso e desinteressado. Encontramo-lo, tambem muito desenvolvido, no exercicio regular das classes liberaes, quando a elle ande ligado um interesse legitimo. Mesmo nos empregados que se dedicam a trabalhos mais modestos, existe e augmenta a ponto de a aposentação ser mais insupportavel pela perspectiva de repouso forçado do que verdadeiramente pela redução do vencimento.

Em todas estas pessoas o trabalho tornou-se na realidade uma necessidade physiologica de exercer todas as suas forças e a sua intelligencia. Pronuncia-se um discurso no fôro, trata-se um negocio financeiro como se faz uma longa excursão ou mesmo uma pesada remagem n'um passeio de barco.

Esta necessidade é tanto mais forte quanto maiores forem as faculdades do individuo. Um cerebro bem organizado para as combinações commerciaes tenderá sempre para qualquer novo projecto como os musculos d'um rigoroso *sportman* serão fortemente incitados para uma cavalgada ou uma caçada. E dá-se o mesmo em todas as profissões.

Eu conheci e observei muito o esculptor Dalou e de cada vez que o ia visitar no seu *atelier* do becco do Maine, encontrava-o deante da sua banca, amassando e moldando o barro. A' noite, recebia os seus praticos, mas enquanto que houvesse luz não deixava a sua blusa. E comtudo elle era o mais fraco do seu *atelier*; porém o seu corpo debil era dominado e conduzido pelo seu espirito.

Esta independencia illogica para com um individuo ou um grupo de que se precisa é um defeito muito commum nos naufragos da vida. A maior parte das vezes erram em não contarem com o sentimento dos outros, que é uma realidade absurda, mas pesada. Quando se está ligado a um emotivo de frouxa intellectualidade ou que é bastante instavel, devem-se considerar as suas mudanças de nervos como o navegador á vela considera as mudanças de vento; e a razão deve estar presente para vencer a sem-razão.

Tem-se citado muitas vezes o ridiculo das obrigações a que está submettido — como uma menina — um joven sub-prefeito, que deve tratar de fazer impôr uma boa opinião da sua virtude, dos seus costumes domesticos, das suas relações sociaes. Mas o que é ainda mais ridiculo é ter a ambição de triumphar n'uma carreira tam exterior como esta sem acceitar estas exigencias.

Eu não aconselho, por isso que se não seja no fundo nem digno nem independente. Em primeiro lugar pôde-se mais ou menos escolher a vida que se quer. Depois a independencia d'espírito deve obter-se pela persuasão dos outros. E' n'um paiz em que a opinião é tudo, o homem, de boa vontade pôde esperar agir sobre o espírito publico por meios convenientes e esforçar-se para isso.

O sentido da vida e o indicio d'um bom equilibrio mental. E é já um defeito psychico grave adquiri-lo mal com a experiencia. Deve-se procurar desenvolvê-lo; porque é um precioso guia para a nossa evolução social. Esse trabalho tem duas phases: primeiro vêr tranquillamente, claramente, a questão que se põe ao fim de cada actividade, depois dispender n'isto todo o seu esforço, resolutamente, sinceramente.

Desde a adolescencia é conveniente attrahir o espírito dos jovens para as realidades e combater vigorosamente as phantasias de trabalho e todo o desvio illogico. Muitas vezes — sei-o em virtude da minha profissão — uma tara psychica mantêm estas indisciplinas. E' o fraco de vontade que se entrega, pela lei do menor esforço, a um trabalho de luxo que lhe agrada e se sente incapaz de se dedicar á realização methodica d'um trabalho pouco attrahente: o emotivo que não pôde dominar resentimentos intempestivos a respeito das mais pequenas injustiças; o escrupuloso que se condemna ao repouso no receio perpetuo de realizar mal; o timido que perde todos os seus meios desde que lhe é preciso conversar com um desconhecido.

A maior parte d'estas pessoas trabalham á parte e no vazio. Todos têm a imperiosa necessidade d'um conselho, d'um exemplo. A' falta de medicos esclarecidos, ha mulheres que têm sido para alguns auxiliares efficazes.

Em resumo, a unica acção verdadeiramente necessaria é a que conduz ao fim que se tem em vista. E'-se livre de preferir este ou aquelle. Mas feita a escolha, o

individuo normal deve fazer convergir todos os seus esforços para esse ponto de chegada. E — como nas regras de grammatica em que uma pergunta do professor leva methodicamente a uma resposta exacta — em qualquer trabalho e sobretudo quando uma hesitação se manifesta sobre o caminho a seguir, devemos pôr a questão : De que se trata ?

#### IV

### O descanso

O descanso é hoje, para um grande numero de pessoas, uma obrigação legal. Foi sempre uma necessidade physiologica. O que falta a todos é aprender a descansar, e isto é das attribuições do medico.

E' uma lei, á qual está submettido todo o organismo, que periodos de repouso sejam intercallados em periodos de actividade. O coração — que é um musculo — realiza o mais perfeitamente esta condição. Contrae-se e amplia-se em periodos sensivelmente eguaes, fazendo tudo approximadamente n'um segundo. E este trabalho repete-se *sem interrupção* — porque um movimento em falso, a demora de meio segundo causam uma impressão de angustia, e um repouso de dois segundos é já a imminencia da morte—umas 100:000 vezes por dia, e isto durante sessenta ou oitenta annos.

O coração não conhece os longos descansos nocturnos — pois que no adormecimento geral do somno continua a bater, embora mais lentamente. O seu mechanismo está disposto por fórma a descansar após cada contracção de maneira que, terminada a pausa — uma fracção de segundo — já a sua fadiga tenha completamente passado e se encontre na mesma como se não tivesse nunca batido.

Meditemos n'este exemplo que será um precioso guia. A experiencia mostrou-me que toda a actividade deve approximar-se o mais possivel das condições em que trabalha o coração. Assim o ideal da marcha seria uma mechanica que permitisse que uma perna descansasse após um passo emquanto a outra perna se movesse. Digo o ideal, porque n'estes casos os membros inferiores têm de supportar o peso do corpo e deve ter-se em conta o tempo em que não caminhamos, pois só o fazemos algumas horas por dia. D'aqui resulta — e isto é verdade em geral para todas as nossas fórmulas de actividade, a palavra, a escripta, o trabalho physico ou intellectual — que nos esforçamos quando agimos.

Precisamos, pois, de um repouso correspondente a cada exercicio. Quanto mais esse repouso corresponder ao periodo activo tanto mais efficaç será. O melhor será fazer uma pausa ao meio do trabalho, se é de uma duração sufficiente para isso. As estatisticas demonstram que os accidentes de trabalho sam menos numerosos nas horas que se seguem aos repousos intermedios.

A fadiga augmenta de fórmula que um longo repouso não chega a dissipá-la completamente, quando pequenas paragens durante o trabalho teriam conseguido isso.

Deve-se procurar intercallar mais essas paragens no trabalho. Em certos trabalhos ellas mesmas sam impostas pela natureza. Assim os stenographos do parlamento succedem-se em curtos intervallos junto da tribuna, onde não poderiam seguir durante muito tempo e com equal aproveitamento os oradores. Sendo-se livre da sua actividade, deve-se interrompê-la muitas vezes. Quando se escreve, por exemplo, é bom depôr por momentos a penna, passear, desviar do trabalho o pensamento.

O que constitue o canção dos grandes armazens é que durante muitas horas o vendedor tem de attender os clientes que se succedem sem interrupção, ao passo que o pequeno logista tinha tempo bastante para des-

cançar entre as vendas. Dez horas de trabalho sam para o primeiro um trabalho exgottante ; para o outro quinze horas de presença não constituem de ordinario senão um passatempo agradável.

Guy de Maupassant, no *Bel-Ami*, mostra as salas de espera d'um grande jornal cheias de visitantes detidos pelos continuos que protestavam graves conferencias directoriaes, emquanto que para além da porta os redactores se divertiam a jogar a bola. Por mais grotesca que pareça esta pratica não devia ser desprezada pelas pessoas prudentes. E o cerebro do que está submettido ao supplicio — digno dos chinezes — das longas recepções, estaria muito bem n'um regimen de audiencias em que os intervallos d'esta ordem seriam uns oasis de repouso.

Esforcemo-nos por liquidar a fadiga do dia na noite immediata. Se ao despertar, o corpo não readquiriu a boa disposição, o espirito avido de exercicio — porque ha um appetite de actividade como ha um appetite de comer — é porque o trabalho é muito pesado. Em vão se fará um descanso semanal e ferias prolongadas. Não ha nada que possa reparar a fadiga quotidiana que não foi quotidianamente reparada.

Eu comprehendo o descanso semanal e as ferias como simples distracções, em que, livre das preoccupações de todos os dias, cada um possa meditar sobre as suas coisas e ter outros prazeres impossiveis de satisfazer n'outra occasião. Estes intervallos têm um valor moral ; e julgo que n'este sentido sam necessarios. Mas não se póde contar com elles para compensar as perdas diarias que devem estar restabelecidas todas as manhãs ao levantar da cama.

O descanso mais reparador é aquelle em que maior numero de funcções physiologicas estejam inactivas. E' pessimo o repouso nos centros de Paris : os ruidos da rua martellam o ouvido sem cessar. Apenas agora com o pavimento de madeira e as rodas de borracha se começa a satisfazer a nossa necessidade natural de silencio.

O melhor sitio será aquelle em que houver uma certa suavidade de luz e um ar puro, nem quente, nem cheio de pó. Quer isto dizer que o armazem, o *atelier* — e muito menos a taberna — não sam lugares proprios para descanso. Os hospitaes inglezes possuem agradaveis salas de reunião, onde os enfermos se distraem entre os seus periodos de trabalho. Assim, os grandes industriaes deviam crear, para o seu pessoal, logares de recreio que, impedindo o desperdicio da actividade nervosa dos trabalhadores, realizariam as mesmas economias de forças que, nas installações motoras, os dispositivos para diminuir as fugas do fluido electrico.

E' preciso ter methodo no repouso e para isso é um bom juiz o espirito. Não descança quem quer. Por vezes vêm procurar-me neurasthenicos implorando-me receitas mysteriosas e infalliveis que lhes dêem calma. Dormem mal, sempre obsediados pelas suas occupações que os perseguem como Eumenides implacaveis. E' uma quantidade enorme de hábitos hygienicos novos a crear pacientemente e cujo principio directo é este: "não ligar á sua actividade nenhuma emoção, nenhum esforço de sentimento". E' preciso não lhe ligar nem inquietação, nem anciedade, nem receio. Obtem-se a boa technica quando, alguns instantes depois de ter suspenso um trabalho muito absorvente, se pôde á noite deixar de pensar n'elle. A mudança brusca de vida não tem sempre bons resultados. O campo deprime ás vezes os parisienses que têm necessidades — talvez por uma questão morbida — d'um minimo de excitações para se conservar n'um estado normal. E' o mesmo caso dos aposentados que morrem facilmente nos primeiros annos da sua ociosidade forçada.

Em conclusão, o descanso efficaz não é o de raros e longos periodos de inacção completa, incapazes de reparar as perdas d'um trabalho quotidiano excessivo. Está principalmente na distribuição do esforço, que deve reparar-se á medida que se produz, podendo até dizer-se que o repouso consiste verdadeiramente n'um trabalho moderado.

## O capitulo secreto

Os medicos especialistas têm por varias vezes demonstrado a necessidade de instruir as pessoas innocentes — as mulheres e as creanças — sobre os perigos da syphilis. O numero de companheiras honestas contaminadas por maridos imprudentes, cynicos ou simplesmente inexperientes é enorme ; justifica um ensino prophylatico d'este mal, que, tanto pelo menos como o alcoolismo, é por um dos lados voluntario e assenta em parte na ignorancia.

Esta campanha, em que se distinguiu Brieux, levando-a para o theatro, é moral e sã. Todas as pessoas de boa fé, vindas dos meios sociaes e religiosos mais distantes uns dos outros, o proclamam. Mas nem por isso a questão, sob o ponto de vista pratico, tem tido um grande progresso. E' que ella está ligada á solução d'um problema mais geral.

Na escola, na officina, e fóra da escola e da officina, em toda a parte emfim, quando se fala ou quando se escreve para os jornaes, procede-se como se não existissem os phenomenos pelos quaes a vida deve continuar-se. E' o "capitulo secreto", que uma tradição milliaria nos impõe e que cada um de nós hoje sente confusamente a necessidade de esclarecer. Mas a difficuldade está em

tomar a resolução. E' por isso que eu creio util dizer qual é o dever, respondendo assim ás perguntas que me têm feito as mães, inquietas com o mal secreto que se propaga n'um mysterio de impurezas, inquietas tambem com as revelações incompletas.

Em primeiro logar o facto. O capitulo secreto é realmente secreto. Abri um tratado de historia natural. Todas as funcções animaes sam descriptas com o luxo de imagens que caracteriza os actuaes livros escolares. Uma só é banida, como vergonhosa ou antes como não existindo : a funcção da reproducção. O auctor descreverá nos seus pormenores a nutrição, mas não dirá uma palavra dos phenomenos pelo qual a vida nos foi transmittida. Dirá o que é um rim, que segrega a urina, mas passará sem dizer nada do ovario, que contém os ovulos onde o genero humano está em germen, e do orgão masculino correspondente. E não se póde admitir que se queira, escondendo a funcção da vida — verdadeiramente elevada — deixar na sombra os aspectos inferiores da nossa existencia, pois que se não dissimulam as nossas excreções, que não podem certamente ter nada de bello sob o ponto de vista do sentimento.

N'estes livros, as figuras anatomicas sam incompletas e por isso falsas. Só no esqueleto, onde todas as carnes desapareceram, se póde admittir isso, porque os ossos não têm sexo — pelo menos para o observador vulgar — e é por isso que a paleontologia, que exhuma os restos da vida passada, é citada frequentemente, ao passo que a embryologia, que explica o desenvolvimento dos seres e serve de chave á sciencia natural, se prescreve. Como o dizia com espirito Noël Bernard, professor de conferencias na Universidade de Caen que criticava estes erros singulares : "Os fosseis têm privilegios pedagogicos ; ha muito tempo que não pensam em reproduzir-se, e, reduzidos aos seus ossos, apresentam-se com uma decencia excessiva."

O que não deixa de ser singular é que a botanica é ensinada sem reticencias e até na reproducção das flo-

res. E' verdade que o pollen e o pistillo têm nomes delicados e fórmãs que não despertam no auditor superficial pensamentos inconvenientes. Além d'isso têm o encanto das evocações poeticas, o que não succede com os seus homologos zoologicos.

A estes orgãos reprovados, tudo está interdicto, mesmo figurar nas estatuas. E por momentos, paroxysmos de castidade ameaçam de mutilações os heroes de marmore dos nossos museus ou dos nossos parques — emquanto que os animaes não sam incommodados por patentear na rua a todos os olhos o que se procura esconder n'outros pontos. Na apparencia tudo se passa pois, ou deve passar-se, convenientemente. As conversações sam expurgadas; admite-se que as raparigas cheguem ao casamento n'um estado de candura absoluta.

Ora durante este tempo o capitulo secreto ensina-se clandestinamente, porque a prohibição não é senão um impedimento anodino. E como se faz o ensino prohibido? Pelas proprias creanças que fazem mutuamente umas ás outras o papel de professor. Ora imagine-se facilmente o que os cerebros ingenuos e sobreexitados por uma imaginação precoce podem fazer para completar, deformar, caricaturar os gestos mais naturaes.

Como outr'ora com os mysterios theologicos, esta funcção physiologica da geração é nos nossos dias o objecto d'um ensino liberal — racional nos iniciados e cheio de ineptias grosseiras nos profanos, que sam as creanças e muitas mulheres. Este systema, sabe-se bem, não consegue de ordinario senão suscitar as mais grosseiras superstições. O perigo d'isto é em primeiro lugar a adulteração geral do espirito provocada pelo erro. Só sob este ponto de vista já deve isso ser condemnado, porque se não devem nunca ensinar noções falsas. Leva tambem além d'isso aos perigos do casamento dos rapazes e sobretudo das raparigas que sam incapazes de se defenderem do mal — a syphilis e ignoram por os

processos do prazer procurado com mais avidez do que competencia.

A prohibição provoca uma attitude dissimulada, sendo a malicia um dos seus aspectos. Na canção libertina, ha o desejo de offuscar um sentimento de reserva imposto a todos. Não se é simplesmente malicioso, é-se malicioso contra o pudor dos outros. E é este um dos elementos d'esse prazer especial, da mesma maneira que se é atheu cóntra uma religião.

O sentido que se pretende abafar desenvolve-se irregularmente e viciosamente. Muitas vezes as inversões amorosas têm por origem o constrangimento que sofrem no caminho natural.

Oh ! eu sei bem que se receia outro perigo : despertar por um ensino demasiadamente precoce ou desenvolver inhabilmente um sentimento cujos excessos sam perigosos.

Mas ainda n'este caso é preciso ver a realidade que é muito differente da apparencia. As creanças e as raparigas não *devem* saber ; mas *sabem*. Não se deve, pois, averiguar se é melhor conservá-las na ignorancia ou ensiná-las, mas antes se é preferivel deixá-las catechizar pelos pequenos camaradas obscenos e por livros pornographicos em vez de as instruir directamente.

Eu não nego que a curiosidade dos rapazes seja inconvenientemente attrahida por esse assumpto e que a menor allusão a esta primeira funcção da vida provoque uma quantidade de chocarrices tolas — o que importa em summa pouco — e de pensamentos licenciosos, o que comporta um certo perigo. Recordo-me ainda que um dos nossos professores na quarta classe, explicando a *Cyropedia* de Xenophonte, queria caracterizar o ar galante de não sei que amorosa da roda de Cyro — é de notar que os auctores antigos, escriptos em grego ou em latim, sam geralmente mais livres que os francezes — e desejando tratar-nos já um pouco como homens se arriscou a dizer : "Ella requiebrava-se como uma mundana." A esta palavra, nós que já ou-

viamos muitas outras nos pateos e nas salas de estudo, fungámos n'um riso abafado como a uma expressão canalha. E o nosso professor desconcertado proferiu o epitheto que nos era proprio, atirando-nos um "Sucia de idiotas !," que fechou o incidente. E' portanto assim. A creança mostra-se malignamente curiosa como o adulto se manifesta malicioso. E não serviria de nada dissimular este sentimento que subsiste, com o qual se deve contar e que permanece um obstaculo. Mas porque é assim ? Não é exactamente porque a educação nos formou assim, revestindo, pela prohibição, a função reproductora d'uma vergonha e d'um mysterio excitante ? Eu estou firmemente d'isso convencido. Assim, nas minhas recordações escolares, os discipulos não se impressionavam com essa expressão que era uma palavra quasi de igreja comparada com as nossas conversas intimas. Mas o que os agitava era ser pronunciada n'um logar em que era prohibida. Se n'esse logar falassem correctamente d'essas coisas, nenhuma palavra que as recordasse teria provocado essa admiração maliciosa.

Em summa, eu creio que a educação pôde transformar e atenuar a curiosidade juvenil a respeito das outras funções. Teria um cerebro desgraçado o que sentisse despertar o desejo de comer ou ouvir um curso de chimica alimentar. A sciencia anesthesia aquillo que toca. Quando estuda as leis de propagação do som, eu não creio que o individuo normal sinta obsessões musicas.

Conhecer prosaicamente os phenomenos, é esse o melhor remedio contra interpretações aberrantes. Não se corre o risco de perder d'essa fórma a moderação que o progresso moral nos impõe ; porque uma tendencia manifesta da evolução nos impelle cada vez mais a dissimular os gestos da nossa existencia individual.

O medico pôde e deve instruir os jovens sobre esses phenomenos que, tornando-se um estudo racional, perderão pouco a pouco todo o ar de obscenidade e

de perversão. E' tempo de estas noções não serem consideradas como "tabou," pelos educadores officiaes. Da mesma maneira que as escolas de medicina acabaram com os charlatães, o ensino d'este capitulo secreto, feito em plena luz, anniquilará o ensino clandestino, instigador de vicios.

## O sentido da vida

Entre os infelizes que constituem a classe dos descontentes, ha muitos que se adaptam mal ao seu trabalho. Não souberam conseguir, por o não chegarem a completar e terem uma verdadeira preparação, encontrar n'esse trabalho a sua felicidade; augmentaram assim o bando dos irritados e dos desmoralizados.

Quando se examina com alguma tenção os que os collegas se adaptaram a chamar os *falhos*, vê-se quanto, apesar dos verdadeiros dons de intelligencia, estão longe da realidade, sonhadores ou distraídos no seu trabalho, e faltando-lhes um sentido — o sentido da vida. Não procuram antes de emprehender um trabalho, tomar uma attitude, fazer esforços coordenados, pôr previamente esta pergunta: De que se trata?

Eu vejo em volta de mim muitos rapazes que preparam com um enthusiasmo morbido o concurso da Escola Polytechnica. Chegam a empallidecer sobre o programma das mathematicas especiaes. Para o decorarem e o reterem n'um dado momento da sua vida, chegam a sacrificar-se n'um grande excesso de trabalho. Todas as funcções do seu ser sam derivadas para este estudo intensivo e um tanto artificial. Exgotam-se, enervam o estomago e dormem agitadamente, tudo isto com risco de se inutilisarem antes da prova do exame.

Ultimamente, falando com um d'elles, disse-lhe :  
"Perguntaste a ti proprio, antes de te dedicares a esse estudo excessivo, do que se tratava na realidade ? Não se trata de conhecer algumas elegantes formulas d'uma linguagem mathematica preciosa, que não é senão o meio para chegar ao fim — e o fim provavel para ti como para a maioria dos teus camaradas é vires a ser official de artilharia. Se tu desprezas demasiadamente a preparação physica para esta carreira, arriskas-te a ser posto de parte á entrada ou á sahida da Escola ou ainda a seres um pessimo e infeliz militar."

Deve-se, pois, adaptar o seu esforço exactamente ao fim que se tem em vista. O adolescente bem dotado, que, ao preparar-se na Universidade, passa o seu tempo a fazer versos em vez de realizar burguezmente o trabalho que garante as provas de entrada, é um phantasista. Não lhe criticaria o ser um poeta, se se destinasse á poesia, mas crítico o de o ser desde que quer firmemente ser professor na Universidade, onde se entra se se é erudito e não se se é capaz de fazer lindos versos. E n'esse sentido o mais bello poema não valerá um mediocre thema latino.

Em todos os meios se observam bellos espiritos que têm como que a galanteria de estarem sempre alheios ao trabalho logico e que soffrem toda a sua vida com este desvio. Conheci n'um collegio de provincia um interno d'uma grande cultura que tinha extraordinarias aptidões artisticas. O seu quarto estava cheio de gesso formando um museu das formas mais bellas, realizadas pelos principaes estatuarios de todas as epochas. Envelhecia, approximando-se dos quarenta annos sem ser ainda doutor — bastante contrariado no fundo da sua existencia anormal "irreal".

Outros trabalham n'um campo menos afastado do seu meio e não acceitam os seus insucessos, de que não querem comprehender a causa racional.

Ha por exemplo na prefeitura do Sena mancebos distinctos que desde a sua nomeação como escreventes tra-

balham para serem doutores em direito. Muito laboriosos n'esta ordem de estudos, fazem-nos com tanto ardor que chegam a negligenciar o trabalho vulgar do seu escriptorio, deixando passar as occasiões de se pôrêm em evidencia pelo seu trabalho profissional. Como isto lhes traz uns certos deveres, supportam-nos mal, pensando que sam doutores em Direito, muito eruditos, e estacionam durante muito tempo nas primitivas fileiras da burocracia. Mas de que se deve tratar para chegar ao seu meio? Não é necessariamente de ser juristas — o que é util, e não necessario, nem sufficiente; — mas de empregar todas as suas faculdades no trabalho administrativo corrente — o que elles fazem mal.

Eu penso no filho d'um commerciante que, antes de succeder a seu pae, recebeu uma educação excessivamente cuidada. Aprendeu o inglez e o allemão, estudou a fundo a economia politica, e por cima de tudo isto adquiriu conhecimentos litterarios muito vastos. Apesar d'esta longa preparação, foi um mau commerciante; porque esta instrucção material e verdadeiramente superior não tinha senão um defeito, era não ter senão uma remota relação com o objecto preciso, o qual era comprar e vender uma mercadoria determinada — e o joven commerciante esquecera-se precisamente de servir no estabelecimento de seu pae.

Dirijo-me aqui especialmente a todos os amadores da vida profissional, a todos os que distraem os outros e a elles proprios para as diversões artisticas — cancioneiros e instrumentistas, poetas e moldadores de barro, eruditos de sciencia sem sancção. Eu não sou contrario á cultura do espirito, se ella não contende abusivamente com a vida pratica. E penso tambem que os talentos poderosos poderão alterar mais ou menos facilmente estas disciplinas para se manifestarem ás suas horas noutra occasião.

Tudo se reduz afinal a trabalhar tendo em vista um fim bem definido. Deve-se a isto adaptar todo o nosso ser. Eu tenho-me occupado d'uma viuva pobre, indo

já nos cincoenta annos e que, n'uma afflictiva necessidade de recursos, procurava emprego. Era instruída, de espirito lucido e de boa apparencia. Mas havia um pormenor que me contrariava no seu caso : era extremamente galante e vestia-se com uma elegancia extraordinaria. Como um dia lhe objectasse que isso poderia offuscar um patrão habituado a empregadas modestas, deu-me esta resposta : "Pareço muito nova ainda (o que era exacto) e é *realmente preciso* que eu me vista com gosto." Ah, não ! Não era preciso que ella se conservasse uma mundana elegante, só porque a sua physionomia condizia bem com isso. Tratava-se unicamente de arranjar um emprego salariado e de prover assim o seu sustento.

As maneiras devem corresponder aquillo que se procura. Eu recordo-me d'um condiscipulo, medico muito intelligente, um pouco fruste de aspecto, que permanecêra simples pratico d'um pequeno centro da provincia onde tinha a pretensão de triumphar n'uma clientella extremamente cuidadosa com o vestuario. Affectava com ella um divertido "não te rales" de vestuario e de gestos repetindo : "Eu cá sou um selvagem !" Evidentemente era um selvagem ; e era por isso que não podia convir a um meio mundano onde só um medico celebre poderia impor-se com estas extravagancias. E não se tratava para elle de demonstrar originalidade, mas de agradar aos clientes.

O gosto do trabalho desenvolve-se com o exercicio, se bem que o habito de muitos annos o torne tyrannico. O velho funcionario deseja a sua repartição como o morphinomaniaco procura ser picado. A comparação podia levar-se até ao extremo. Quando já não têm o seu excitante habitual, um aposentado e outro já habituado ao veneno, caem n'uma desesperação nervosa por vezes grave. E' que o trabalho, como a morphina, é um estimulante para todas as funcções. A vida é um reflexo, uma resposta continua a todas estas pequenas excitações. E quando ellas faltam bruscamente, quando

por exemplo o burocrata não tem já processos a instruir, cartas para responder, maços a classificar, que sam para a sua actividade mental outros tantos incitamentos, todo o organismo soffre uma depressão.

Em muitos casos o trabalho é desejado porque comporta um certo interesse; e a necessidade augmenta na proporção d'esse interesse. Eu tratei um industrial que, n'uma febre de actividade profissional, não podia ter nenhum repouso desde que o seu espirito se tornára consciente. Fazia sem cessar combinações, mesmo á mesa e a andar pela rua. Durante a noite o seu pensamento continuava o trabalho profissional; e mal despertava ligeiramente, continuava logo a trabalhar. E' certo que os seus empregados não podiam partilhar do seu phrenesi de acção, porque não tinham n'isso o mesmo interesse. Assim este excesso de trabalho é uma função da hierarchia. Um joven redactor esquece, ao vestir o seu casaco, todos os negocios de serviço que o director traz nas suas preocupações até ao deitar da cama.

No mundo do trabalho manual não se observa essa necessidade de trabalhar. Pelo contrario, o trabalho causa repugnancia. E' certo que os operarios se lhe submettem sem medida por duas condições economicas; mas não ha tambem um excesso de trabalhar, embora sob fórmias differentes, nas classes liberaes? E' certo tambem que o trabalho manual é menos penoso; mas o discurso d'um advogado, a lição d'um professor, a operação d'um cirurgião, sam tambem trabalhos physicos exgotantes. O que o trabalho manual tem de peor é ser monotono e insipido.

N'estes ultimos dias segui, da minha janella, os trabalhos da edificação d'um pavilhão e vi homens fazerem dez vczes, vinte vezes por hora — durante um dia inteiro — o mesmo gesto que consiste em encher uma carreta de terra e ir esvasiá-la mais adiante. Era o trabalho de uma besta de carga; e comprehende-se que um homem mesmo inculto não possa ter por isso

algum interesse. O machinismo, dividindo o trabalho até ao infinito, torna-o por essa fórma sem atractivo. O trabalho não pôde ser desejavel além d'uma certa duração e d'uma certa fadiga — e quando fique abaixo d'um certo interesse. Poderíamos mesmo enunciar o principio ideal de que o tempo do trabalho deveria estar em rasão inversa da sua símplicidade. Assim um financeiro pôde ainda experimentar alguma satisfação em trabalhar, depois de dez horas passadas a preparar um negocio; um conductor de terra não será senão mediocrementemente interessado pela sua carreta passada uma hora depois da sua primeira viagem. Vê-se toda a distancia que separa d'este ideal a nossa organização actual e quantas reformas se offerecem á reflexão dos economistas.

Vimos já que, sob o ponto de vista social, era desejavel que o trabalho se tornasse para todos, como é nas profissões superiores, uma distracção, e que a sua necessidade se desenvolvesse uniformemente. Vejamos agora como o individuo a deve sentir e satisfazer para a sua felicidade.

Antes de mais nada assentêmos em que é normal ter uma vontade regular de trabalhar como o de comer. Em muitas familias, apparecem de tempos a tempos individuos que não querem fazer nada — deliberadamente. A's vezes sam dotados de sentimentos honestos e não commettem nenhum delicto. Mas não podem applicar-se a nenhum trabalho regular. Transformam-se as mais das vezes em pacificos e inoffensivos vagabundos. Recordo-me d'um typo perfeito d'esta especie, que observei sendo eu ainda creança, em Toulon, onde elle foi durante muito tempo lendario. Pertencia a uma familia distincta, illustrada e de meios. Imprevidente, bem depressa ficou sem recursos; e por altura dos trinta annos ficou a cargo de seu irmão, que lhe abriu um credito sufficiente para as necessidades estrictas da vida. Constantemente vestido com um fardamento da guarda nacional — isto era apoz a guerra de 1870 — pelo qual

era conhecido, ia todas as manhãs buscar o seu pão á padaria ; e o resto do tempo passava-o ao sol, sobre os bancos dos passeios, lendo, conversando ou meditando. Não era alienado, nem debil, nem vicioso. Sómente não queria fazer nada — mas muito firmemente — e não fazia nada. Viveu durante muito tempo na memoria das familias, e as mães, para envergonharem uma creança preguiçosa, diziam-lhe : — Tu h's-de ser como o "guarda nacional," !

Independentemente das desordens mentaes profundas que desorganizam a actividade normal, ha ligeiras quebras de energia nervosa que trazem uma anesthesia do desejo de trabalhar. Como o fumador que, durante uma pequena indisposição, perde o desejo do tabaco, um laborioso, n'uma crise physica e moral, deixa de sentir de repente o prazer da acção. E' um signal que indica muitas vezes uma perturbação geral : deve chamar a attenção. As neurasthenias, preludios ás vezes de graves doenças nervosas, começam d'esta maneira.

Pelo contrario sabe-se que a necessidade de trabalhar, desenvolvendo-se em excesso, provoca uma verdadeira insensibilidade relativamente á fadiga produzida pelo canção. Excedem-se as proprias forças e não se sente nenhum incommodo. O que passou muitas noites á cabeceira da cama d'um doente sabe que a sensação da fadiga, tam insupportavel nos primeiros dias, diminue paradoxalmente á medida que essa fadiga se accentúa ; observei mulheres que tendo estado assim acordadas durante quinze dias inteiros não experimentavam no fim lassidão consciente. A necessidade de trabalhar é, pois, muitas vezes enganadora. Arrasta o individuo aos peores excessos, sem que elle seja prevenido do perigo que corre. Um dia a machina desarranja-se, e no descalabro geral o medico vê as desordens que um ardor ficticio occultava. Se o canção se nota com tanta frequencia nas profissões intellectuaes, é justamente por causa do interesse do trabalho que alimenta e exaggera falsamente a necessidade de actividade.

A necessidade de trabalhar deve, pois, ser confirmada por uma observação simultanea do peso da pessoa e do exercicio das funcções. Por si só é um signal infiel. Finalmente — quando se não resiste — póde chegar a invadir uma vida inteira. Ha uma paixão da actividade como a do jogo, e ha individuos que n'ella se mostram tão impulsivos como no amor e nas cartas. Como o trabalho tem alguma coisa de util e de moral, os individuos que se lhe dedicam com excesso chegam a esquecer-se que — por mais nobre e bom que seja — não é senão um meio e nunca deve ser o fim da vida. E' um regulador de todas as funcções, e é por isso que tem sido sempre reivindicado pelos medicos como objecto de prescripção nos regimens de todos os nervosos. Mas, doente ou são, que cada um medite sem cessar n'este preceito: deve-se trabalhar para viver e não viver para trabalhar.

## INDICE

---

Prefacio.....	5
I — Compreender ou saber .....	7
II — Como se devem adquirir os factos .....	16
III — Como se deve observar .....	25
IV — Como se deve julgar .....	34
V — Educação dos sentimentos.....	45
VI — Como se deve agir.....	57
VII — Como nos devemos conduzir para com os outros .	66
VIII — Maneira de sermos nós proprios.....	75
IX — Principios de moral sexual.....	83
X — Como evitar o mal.....	93

## APPENDICE

I — Os retardados .....	103
II — Juventude .....	108
III — A necessidade do trabalho .....	114
IV — O descanso .....	118
V — O capitulo secreto .....	122
VI — O sentido da vida.....	128

